

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**QUEM É A NOVA COMPANHEIRA DO PAI? A  
EXPERIÊNCIA DAS “MADRASTAS  
CONTEMPORÂNEAS” EM FAMÍLIAS RECASADAS**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Amanda Pansard Alves**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2015**

**QUEM É A NOVA COMPANHEIRA DO PAI? A  
EXPERIÊNCIA DAS “MADRASTAS CONTEMPORÂNEAS”  
EM FAMÍLIAS RECASADAS**

**Amanda Pansard Alves**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração em Psicologia da Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Psicologia**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Dorian Mônica Arpini**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2015**

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Programa de Pós-graduação em Psicologia

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Dissertação de Mestrado

**QUEM É A NOVA COMPANHEIRA DO PAI? A  
EXPERIÊNCIA DAS “MADRASTAS CONTEMPORÂNEAS”  
EM FAMÍLIAS RECASADAS**

elaborada por  
Amanda Pansard Alves

como requisito parcial para a obtenção do grau de  
**Mestre em Psicologia**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

  
Dorian Mônica Arpini, Dr.<sup>a</sup>. (UFSM)  
(Presidente/Orientadora)

  
Caroline Rubin Rossato Pereira, Dr.<sup>a</sup>. (UFSM)

  
Denise Falcke, Dr.<sup>a</sup>. (UNISINOS)

Santa Maria, 10 de março de 2015

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Pansard Alves, Amanda

Quem é a nova companheira do pai? A experiência das "madrastas contemporâneas" em famílias recasadas / Amanda Pansard Alves.-2015.

168 f.; 30cm

Orientador: Dorian Mônica Arpini

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, RS, 2015

1. Madrasta 2. Recasamento 3. Relações Familiares  
4. Família I. Arpini, Dorian Mônica II. Título.

## AGRADECIMENTOS

*Às participantes desse estudo, pela disponibilidade, franqueza e doação. Obrigada por compartilharem comigo suas histórias.*

*À Mônica, pela amizade e delicadeza com que orientou esse trabalho. Agradeço por todo o tempo de convívio, o qual tornou a concretização dessa dissertação mais fácil e prazerosa. Obrigada por fazer parte da minha trajetória, pois sua presença foi fundamental para a minha formação profissional e acadêmica.*

*A minha família, em especial meus pais, pelo incentivo nessa caminhada. A certeza de vocês de que eu conseguiria ultrapassar todos os obstáculos me impulsionou em busca das minhas realizações.*

*Ao Tiago, meu amor, que me acompanha desde o ingresso na psicologia. Agradeço pelo companheirismo, pela escuta atenta e pelo incentivo em todos os momentos em que essa trajetória se mostrou difícil. Agradeço também à sua família, em especial à Terezinha, que me acolheu e esteve próxima durante esse período.*

*Às amigas Luana e Jaíne que sempre estiveram presente afetivamente.*

*À Patricia, por dividir comigo as conquistas e dificuldades desses dois anos. Sua amizade tornou os dias no mestrado mais leves.*

*À Sabrina, pela amizade e as leituras atentas que se mantiveram apesar da distância.*

*Ao grupo Neiaf, pelas discussões, aprendizados e amizades que juntos construímos. Agradeço de forma especial à Edinara e à Caroline, pelos cafés, sucos e desabafos nos momentos de angústias e alegrias.*

*“Se eu acreditasse em conselhos, daria apenas um àqueles que se aventuram a uma nova relação, convivendo com os meus, os teus e, quem sabe, os nossos: ‘senhoras e senhores, apertem o cinto que o casamento vai ter turbulências. Mas não se desesperem! Também teremos, sem dúvida, belos céus de brigadeiro!’”*

*(Gládis Brun no livro “Os meus, os teus, os nossos: lidando com os desafios da família moderna”)*

## **RESUMO**

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Universidade Federal de Santa Maria

### **QUEM É A NOVA COMPANHEIRA DO PAI? A EXPERIÊNCIA DAS “MADRASTAS CONTEMPORÂNEAS” EM FAMÍLIAS RECASADAS**

Autora: Amanda Pansard Alves

Orientadora: Dorian Mônica Arpini

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 10 de março de 2015.

A família na contemporaneidade se apresenta de diversas formas. Um dos arranjos familiares que tem se multiplicado é a família recasada, na qual um ou ambos os membros do casal possuem filhos advindos de um relacionamento anterior. Partindo deste pressuposto, a pesquisa da qual se origina a presente dissertação teve como objetivo geral conhecer a experiência de mulheres na relação com os filhos de seu companheiro em uma família recasada. Com este intuito, realizou-se um estudo qualitativo com seis mulheres que vivenciavam um relacionamento estável com um homem que possuía filhos de um relacionamento anterior. Os dados foram coletados em um encontro com cada participante, no qual foi construído o genograma da família, com o auxílio de uma ficha de dados de identificação. Além disso, foram utilizadas entrevistas semidirigidas de questões abertas, tendo sido analisadas por meio da análise de conteúdo temática. Destaca-se que a análise das entrevistas também possibilitou a finalização dos genogramas. Os resultados da presente pesquisa são apresentados e discutidos nos três artigos que compõem esta dissertação. No primeiro deles, evidencia-se uma experiência positiva na relação das madrastas com seus enteados. Além disso, foi possível constatar a necessidade de uma reorganização frente a nova dinâmica familiar. Como entrave para a construção desses vínculos, identificou-se o suposto poder da mãe e o conflito de lealdade que os filhos vivenciavam. O segundo artigo, o qual buscou compreender o lugar ocupado pela nova companheira do pai dentro da família, identificou o envolvimento das participantes e a atenção, especialmente em relação ao cuidado dos enteados. Os resultados do terceiro artigo apontaram para a rapidez com que se estabeleceu a coabitação entre as entrevistadas e seus companheiros. Ademais, foi possível constatar o embate entre ex-companheira e a atual, além de questões envolvendo o pagamento da pensão, como fontes de conflito nas famílias recasadas. Os principais aspectos obtidos pelos resultados do estudo dizem respeito à boa relação estabelecida entre as madrastas e seus enteados e o conflito presente entre a ex-mulher e a atual companheira. Também foi possível constatar a necessidade de uma reorganização e flexibilidade frente a essa nova configuração familiar, a qual irá variar de acordo com a singularidade de cada família.

Palavras-chave: Madrasta. Recasamento. Relações familiares. Família.

## **ABSTRACT**

Master's Thesis

Postgraduation Program in Psychology

Universidade Federal de Santa Maria

### **WHO IS THE NEW FATHER'S PARTNER? THE EXPERIENCES OF "CONTEMPORARY STEPMOTHERS" IN REMARRIED FAMILIES**

Author: Amanda Pansard Alves

Advisor: Dorian Mônica Arpini

Place and Date of Defense: Santa Maria, March 10, 2015.

The family in contemporary society presents itself in different ways. One of the family arrangements that have been increased is the remarried family configuration in which one or both members of the couple have children from a previous relationship. On this basis, the research which originates this thesis aimed to know the experience of women in relation to their partner's children in a remarried family. For this purpose, a qualitative study was performed with six women who experienced a steady relationship with a man who had children from a previous one. The data were collected on a meeting with each participant on which the genogram of the family was built, with the aid of an identification data sheet. In addition, semi-structured interviews with open questions were used and analyzed through thematic content analysis. It is noteworthy that the interviews analysis also enabled the completion of the genograms. The results of this research are presented and discussed in three articles that are part of this thesis. In the first article a positive experience in the relationship between the stepmothers and their stepchildren is identified. In addition, the need for some reorganization in relation to the new family dynamics was identified. The supposed power of the mother and the conflict of loyalty that the children experienced were identified as obstacles to the construction of these bonds. The second article, which sought to understand the role played by the new father's partner in the family, identified the participants' involvement and attention in relation to the stepchildren's care specially. The results of the third article showed how quickly the cohabitation among interviewers and their partners was settled. Furthermore, the clash between former and current partner was identified, as well as issues involving the child support payment as sources of conflict in remarried families. The main features obtained in the results of the study concern the good relationship between stepmothers and their stepchildren and the conflict between ex-wife and current wife. Also, the need for reorganization and flexibility with this new family configuration was identified, which will vary according to the uniqueness of each family.

**Keywords:** Stepmother. Remarriage. Family relationships. Family.

## **LISTA DE FIGURAS<sup>1</sup>**

Figura 1 – Organograma das categorias presentes do Artigo 1, o qual contempla o Eixo 1...	<b>35</b>
Figura 2 – Organograma das categorias presentes do Artigo 2, o qual contempla o Eixo 2...	<b>36</b>
Figura 3 – Organograma das categorias presentes do Artigo 3, o qual contempla os Eixos 3 e 4. ....	<b>36</b>
Figura 4 – Legenda para interpretação dos genogramas .....	<b>37</b>
Figura 5 - Genograma da família da participante 1 .....	<b>38</b>
Figura 6 - Genograma da família da participante 2 .....	<b>39</b>
Figura 7 - Genograma da família da participante 3 .....	<b>40</b>
Figura 8 - Genograma da família da participante 4 .....	<b>42</b>
Figura 9 - Genograma da família da participante 5 .....	<b>44</b>
Figura 10 - Genograma da família da participante 6 .....	<b>46</b>

---

<sup>1</sup> Optou-se por não incluir nesse sumário a paginação das figuras presentes dentro dos artigos, uma vez que elas são as mesmas que já estão aqui representadas.

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Legenda com falas exemplificativas da participante 1.....	<b>38</b>
Quadro 2 - Legenda com falas exemplificativas da participante 2.....	<b>39</b>
Quadro 3 - Legenda com falas exemplificativas da participante 3.....	<b>41</b>
Quadro 4 - Legenda com falas exemplificativas da participante 4.....	<b>43</b>
Quadro 5 - Legenda com falas exemplificativas da participante 5.....	<b>45</b>
Quadro 6 - Legenda com falas exemplificativas da participante 6.....	<b>47</b>

## **LISTA DE APÊNDICES**

Apêndice A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	<b>161</b>
Apêndice B: Termo de confidencialidade .....	<b>162</b>
Apêndice C: Termo de autorização institucional .....	<b>163</b>
Apêndice D: Ficha de dados de identificação .....	<b>164</b>
Apêndice E: Eixos norteadores da entrevista semidirigida .....	<b>166</b>

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	<b>6</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>7</b>
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>15</b>
1.1 Da família nuclear à família contemporânea: transformações sociais e jurídicas .....	15
1.2 Da separação ao novo vínculo familiar: a construção da família recasada.....	18
1.2.1 O momento da separação .....	18
1.2.2 A nova família e sua complexidade .....	21
1.2.3 As “novas madrastas”: perspectivas e desafios.....	25
<b>TRAJETÓRIA METODOLÓGICA</b> .....	<b>31</b>
Delineamento.....	<b>31</b>
A instituição .....	31
Procedimentos de abordagem e instrumentos.....	32
Análise dos dados .....	35
Descrição dos participantes.....	37
Aspectos Éticos.....	48
<b>ARTIGO 1</b> .....	<b>50</b>
Resumo .....	51
Abstract.....	52
Introdução .....	53
Método .....	57
Resultados e discussão.....	60
Considerações finais .....	82
Referências.....	84
<b>ARTIGO 2</b> .....	<b>88</b>
Resumo .....	89
Abstract.....	90
Introdução .....	91
Método .....	94
Resultados e discussão.....	97
Considerações finais .....	116
Referências.....	117
<b>ARTIGO 3</b> .....	<b>121</b>
Resumo .....	122
Abstract.....	123
Introdução .....	124
Método .....	127
Resultados e discussão.....	130
Considerações finais .....	146
Referências.....	147
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>151</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>153</b>

## APRESENTAÇÃO

O presente trabalho compõe a dissertação de mestrado intitulada “Quem é a nova companheira do pai? A experiência das ‘madrastas contemporâneas’ em famílias recasadas”. Como formato de sua apresentação, optou-se pela organização de três artigos, o que é permitido de acordo com o Manual de Estrutura e Apresentação de Monografias, Dissertações e Teses (MDT) (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, 2012). Essa escolha também foi feita observando o objetivo do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria em estimular a publicação da dissertação na modalidade de artigo em periódicos científicos.

Considerando tais pontuações, essa dissertação foi estruturada em sete capítulos. O primeiro traz uma breve introdução que revela a motivação da pesquisadora em realizar o estudo. O segundo, por sua vez, aborda os aspectos teóricos envolvidos na temática. Destaca-se que a escolha pelo referencial teórico, o qual inclui aspectos psicológicos, sociais, jurídicos e históricos, se deu em razão da concepção de que a família está em constante transformação, tornando necessária a interlocução desses saberes para melhor compreendê-la. Diante disso, entende-se que esse estudo está vinculado ao posicionamento epistemológico do pensamento complexo (MORIN, 1990/2008), uma vez que não se apoia em uma única disciplina (MINAYO, 2013).

No terceiro capítulo, é apresentada a trajetória metodológica da pesquisa com um maior detalhamento em relação ao trecho dedicado nos artigos. Nos três seguintes, são apresentados os estudos relativos à pesquisa. O primeiro artigo trata da relação entre a nova companheira do pai e seus enteados. O segundo, reflete sobre as responsabilidades parentais na família recasada e o papel assumido pela madrastra no contexto familiar. Já o terceiro artigo, analisou questões referentes à conjugalidade e aos conflitos vivenciados no recasamento. Por fim, no último capítulo são apresentadas as considerações finais do estudo de um modo geral.

Destaca-se que ao longo do trabalho, por vezes, foi utilizado o termo madrastra para designar as participantes do estudo, as quais foram mulheres que possuíam um relacionamento estável com um homem que já tinha filhos. Salienta-se que as próprias entrevistadas não achavam adequado essa denominação, aspecto que será abordado no primeiro artigo. No entanto, essa necessidade se deu em razão de não haver outra nomenclatura que identificasse essas mulheres no contexto do recasamento, quando observada a produção científica nacional.

## INTRODUÇÃO

A participação em outros estudos, desde a graduação, se fez relevante para a escolha da temática a ser desenvolvida nessa dissertação de mestrado e ilustram o caminho percorrido pela pesquisadora. No ano de 2011, essa ingressou em um projeto de extensão realizado em um Núcleo de Assistência Judiciária Gratuita, de uma instituição pública de ensino superior, o qual tinha por objetivo acompanhar famílias em processo de separação/divórcio, período no qual surgiu o interesse de pesquisar acerca da temática familiar. No ano seguinte, integrou a equipe da pesquisa “Mapeamento e Intervenção nas Relações Conjugais no RS: Questões de gênero, resolução de conflitos e violência”, enquanto bolsista. Também no ano de 2012, participou do estudo “A paternidade sob a ótica dos profissionais que atuam nas varas de família”. Já em 2013, fez parte da pesquisa “Paternidade em questão: o entendimento de acadêmicos de direito sobre a temática”.

Destaca-se que a presente pesquisa surge a partir das experiências da pesquisadora em estudos voltados à temática da família. Nesse contexto, foi realizado um estudo (ALVES, 2012) em que se buscou conhecer a vivência de pais e mães que, em acordo, estabeleceram a guarda compartilhada dos filhos. Os participantes da referida pesquisa puderam falar sobre a sua experiência em relação à guarda dos filhos, uma vez que já estavam vivenciando o modelo compartilhado de guarda há mais de um ano. A partir desse estudo e em consonância com seus resultados, os quais ratificaram o entendimento de que um novo casamento dos pais, após a separação, influencia na maneira como os pais lidam com os filhos (ALVES, A. P.; ARPINI, D. M.; CÚNICO, S. D., 2014; CORSO; CORSO, 2011; MCGOLDRICK; CARTER, 1995), emergiram questionamentos acerca de como se dá a entrada de um terceiro – nova companheira do pai – na relação paterno-filial. Diante desses questionamentos, surgiu o interesse de conhecer como é a experiência de mulheres – madrastas – que integram uma família na qual seu companheiro possui filhos advindos de um relacionamento anterior.

Outro aspecto que justificou a escolha desse tema se refere à existência de poucos estudos atingindo a população brasileira que discorrem sobre essa temática, a partir da perspectiva da nova companheira do pai. Em uma pesquisa nas bases de dados *BSV-Psi*, *Scielo* e *Pepsic*, realizada em 2013, foram encontrados 21 artigos utilizando o termo recasamento e quatro artigos a partir do termo madrasta, sendo que, com relação a estes últimos, apenas um deles é referente a uma pesquisa específica acerca da figura da madrasta, tendo sido desenvolvido há mais de 10 anos (FALCKE; WAGNER, 2000).

Além disso, outro fato que corrobora a justificativa para a realização do estudo, se refere aos dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os quais apontam que o recasamento de homens divorciados representou 12,86% das uniões formalizadas no ano de 2011, sendo de 9,18 % o percentual referente às mulheres divorciadas (IBGE, 2013). Estes números indicam, conforme já apontado em estudos (FALCKE, 2002), que os homens recasam-se mais que as mulheres, assinalando, dessa forma, que existem mais famílias resultantes de uma nova união com a presença de madrastas do que padrastos, o que justifica a realização de um estudo que dê voz a estas mulheres.

Ante o exposto, esse estudo teve por objetivo conhecer a experiência de mulheres na relação com os filhos de seu companheiro em uma família recasada. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa da qual participaram seis mulheres que vivenciavam um relacionamento estável com um homem que possuía filhos de um relacionamento anterior. Todas elas ou seus parceiros haviam sido usuários do Núcleo de Assistência Judiciária da Universidade Federal de Santa Maria, serviço que atende uma população com renda de até três salários mínimos.

No que se refere à escolha pelo local, essa se deve ao percurso da pesquisadora nas atividades do referido projeto de extensão desde o ano de 2011, período no qual ingressou como extensionista e bolsista, permanecendo no mesmo até a data atual enquanto coorientadora das atividades realizadas. Diante desse período de quatro anos de atividades e pesquisas voltadas à temática familiar nesse contexto, mostrou-se relevante compreender a experiência de mulheres enquanto madrastas a partir desse mesmo local e com foco na população atendida por esse serviço, uma vez que os resultados desse estudo poderão contribuir para o aperfeiçoamento das atividades desenvolvidas para esse público, não apenas nesse local mas em diversos serviços que atendam famílias nas suas mais diversas configurações.

# 1. REVISÃO DE LITERATURA

## 1.1 Da família nuclear à família contemporânea: transformações sociais e jurídicas

O modelo de família nuclear, ou família moderna, surgiu juntamente com a ascensão da burguesia e do modelo capitalista de produção no século XVIII, período no qual havia necessidade de ofertar mão de obra ao mercado. Devido a esse fato, acentua-se nessa época a necessidade de que as mulheres investissem no cuidado com as crianças, visto que o Estado tinha interesse na manutenção desse sistema de produção. Assim, esse período histórico é demarcado por uma cisão entre o âmbito público e privado, no qual o primeiro estava relacionado à reprodução e o segundo à produção (BADINTER, 1985; GUIMARÃES; AMARAL, 2008; REIS, 2010).

Assim, os homens passam a se dedicar à produtividade, ou seja, à vida pública, e as mulheres voltam-se ao âmbito doméstico, dedicando-se principalmente ao cuidado com os filhos, trabalho anteriormente destinado às serviçais (BADINTER, 1985; REIS, 2010). Nesse sentido, conforme salienta Ariès (1981), observa-se que a transformação na família e nos papéis de homens e mulheres dentro da mesma, ocorreram para além dos aspectos sociais, mas também em função das modificações da relação dos adultos com a criança, ou seja, a família se modificou a partir do olhar diferenciado que lançou à criança.

É neste cenário da Revolução Industrial que a Igreja passa a perder forças e, como consequência, o patriarca da família também, dando lugar à mulher e sua função materna. Ao mesmo tempo, o Estado ganha maior legitimidade e a figura do homem acaba dividindo o seu poder com outras instituições reguladoras (JABLONSKI, 1991; REIS, 2010).

No Brasil esta nova concepção de família reduzida ao núcleo de pai, mãe e filhos e baseada em uma divisão rígida de papéis passa a ser inserida com a chegada da Corte Portuguesa, em 1808. Nesse período, os médicos higienistas ganharam destaque auxiliando no incentivo para que os homens e mulheres exercessem os papéis de pais e mães de família. O pai, entendido como mais forte, seria responsável pela autoridade familiar e pelo provimento da casa e dos membros, e a mãe, considerada mais sensível e delicada, ficaria encarregada pela criação dos filhos e pelo cuidado da casa (ARAÚJO, 2011; GRISARD FILHO, 2009; REIS, 2010). Em outras palavras, pode-se dizer que a família moderna representa um momento de acentuação das diferenças entre homens e mulheres, estabelecendo a divisão dos direitos e deveres de cada um (REIS, 2010).

A partir do século XVIII na Europa e mais tarde no Brasil, com a modernização e industrialização, diversos afazeres antes destinados às mulheres, como a fabricação de roupas, medicamentos, cuidados com o lar e com as crianças, são absorvidos por outras instituições. Em outras palavras, pode-se dizer que as atividades que antes eram realizadas no âmbito privado são transferidas para entidades externas ao âmbito familiar (GRISARD FILHO, 2010; JABLONSKI, 1991). Tais serviços eram desempenhados pelas mulheres da comunidade, que compartilhavam os trabalhos e suas vivências. Assim, nessa época, com o isolamento das famílias e a redução da participação da mulher no âmbito público, há uma perda de suporte emocional, isto é, a mulher perde a possibilidade de compartilhar com outras iguais as vivências do cotidiano (JABLONSKI, 1991).

Para que se consolidassem esses novos comportamentos de homem e mulher, foi necessário que o casamento sofresse alterações. Dessa forma, é também nesse período de transformações econômicas que um novo ideal de casamento se constitui. O casamento pelo antigo regime de alianças, no qual a união se dava através dos interesses econômicos e sociais da família, dá lugar ao casamento por amor, incentivado pelos médicos higienistas, com o discurso de preservação da saúde (GRISARD FILHO, 2010; REIS, 2010). A formação do laço conjugal passa a se dar pela escolha do parceiro e o amor-paixão, que se dava fora do lar antes do século XVIII, se torna modelo para o estabelecimento da união, assim como o relacionamento afetivo entre pais e filhos passa a ser valorizado (ARAÚJO, 2011; FÉRES-CARNEIRO, 1998; ROUDINESCO, 2003).

Nesse sentido, Jablonski (1991) pontua que a modernidade traz para a família a desvinculação de seu primeiro objetivo, ou seja, a sobrevivência dos seus membros, como também torna-se característica dessa nova família um encurtamento, seja pela redução do número de filhos, como também do contato com os outros membros da família extensa. Ademais, não existe mais tanta ênfase nos laços de dependência entre os cônjuges e sim um destaque para a autonomia e a satisfação individual (FÉRES-CARNEIRO, 1998). Nesse viés Grisard Filho (2010) assinala que “o casamento perde sua destinação transpessoal em favor da realização íntima do casal, concedendo a seus integrantes um espaço à liberdade e realização pessoais.” (p. 67).

Resumidamente se pode afirmar que, com o estabelecimento da família moderna e hierárquica, a felicidade conjugal passou a estar vinculada ao ideal de casamento romântico. Assim, o relacionamento sexual passa a ser bem visto apenas dentro da instituição familiar, ao menos para a mulher (BERNSTEIN, 2002). Deste modo, a figura feminina, apesar de ganhar

destaque por desempenhar a função de cuidadora do lar e dos filhos, passa a ser valorizada pela sua submissão ao marido. (ARAÚJO, 2011).

A partir do século XX, o pensamento liberal ganha força, impulsionado pela modernização capitalista. Para que fosse suprida a necessidade das famílias manterem certo padrão de consumo e também pelo aumento das ofertas de trabalho, somada à progressiva desvalorização do trabalho doméstico e ao aumento da expectativa de vida, as mulheres foram impelidas a ingressarem no mercado de trabalho, o que resultou em transformações nas relações familiares da época, uma vez que o marido passou a não ser o único provedor financeiro do lar (ARAÚJO, 2011; JABLONSKI, 1991).

No que se refere ao percurso das transformações legislativas sobre a família no contexto brasileiro, em se tratando do Código Civil de 1916, era somente através do casamento que a família era reconhecida, não havendo naquela época outra forma de união aceitável. Também, o casamento perante a lei era dado como indissolúvel e a única possibilidade de término era através do desquite, que mesmo assim não dissolvia o vínculo matrimonial, o que impedia um novo casamento (DIAS, 2007). Desse modo, naquela época a única maneira da figura da madrasta entrar em cena era através da morte da esposa do pai, ficando assim, a nova mulher encarregada dos filhos do casamento anterior (FALCKE, 2002).

Somente em 1977, com o estabelecimento da Lei do Divórcio, passou a ser possível que cada cidadão brasileiro se divorciasse uma vez (BRANDÃO, 2005; DIAS, 2007), sendo necessário o prazo de cinco anos de separação de fato para a obtenção do divórcio direto – quando uma das partes provasse a ruptura da vida conjugal em pelo menos este período – e três anos para o indireto – quando contado este prazo, depois de deferida a decisão de separação judicial, qualquer uma das partes ajuizasse ação de conversão de separação judicial em divórcio (BRASIL, 1977; PEREIRA, 2011). Anos mais tarde, em 2010, com a promulgação da Emenda Constitucional nº66, foi extinto o requisito de prévia separação judicial ou a comprovação da separação de fato para o deferimento do divórcio, em uma tendência de que o Estado interferisse cada vez menos na intimidade familiar (PEREIRA, 2011).

Assim, nota-se que é no século XX que a ruptura do casamento passa a se dar não apenas na forma da viuvez, mas também pelo estabelecimento do divórcio (GRISARD FILHO, 2010; GUIMARÃES; AMARAL, 2008). Observa-se, então, a amplitude de arranjos familiares nesse período, o que não representou o fim do modelo nuclear formado por pai, mãe e filhos de um único casamento, mas que ressaltou os aspectos afetivos para a definição do que é família na atualidade (GRISARD FILHO, 2010).

O casamento<sup>2</sup> contemporâneo, conforme o exposto, passou a estar vinculado à autonomia conquistada pela mulher assim como às alterações legislativas, não tendo mais caráter indissolúvel. Como seu objetivo passou a estar relacionado à concretização de um ideal de amor, ele perdurará apenas enquanto proporcionar satisfação aos cônjuges, o que permite assinalar que hoje há uma fragilização dos vínculos conjugais (GRISARD FILHO, 2010). Neste sentido, Corso e Corso (2011) apontam que “quanto mais ela [a família] se isolou, restrita a seu núcleo básico de pais e filhos, sem extensões, mais dependente ela se tornou do amor e do desejo havido entre essas duas pessoas.” (p. 139).

## **1.2 Da separação ao novo vínculo familiar: a construção da família racasada**

### **1.2.1 O momento da separação**

Por muito tempo o divórcio foi considerado uma epidemia que demandava políticas públicas com o objetivo de reduzir sua incidência (GUIMARÃES; AMARAL, 2008). No entanto, com o crescente número de separações, proporcionados pela facilidade na obtenção do divórcio, ele se tornou comum e foi desmistificado, perdendo o aspecto vergonhoso que lhe fora atribuído (BERNSTEIN, 2002). Além disso, as pesquisas da década de 1960 e 1970, que abordavam esta temática, partiam do pressuposto que a separação dos pais acarretaria em consequências negativas aos filhos, refletindo, dessa forma, a dificuldade da sociedade da época em aceitar que as famílias rompessem com o modelo tradicional (HACK; RAMIRES, 2010).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o qual apresenta os números de separações judiciais no Brasil desde o ano de 1984, foram totalizadas 62.547 dissoluções conjugais nesse primeiro ano de análise, atingindo o número mais alto em 2006, no qual foram registradas 101.820 (IBGE, 2011). Apesar do censo apresentar este balanço, sabe-se que muitas outras uniões e separações são extraoficiais, o que indica a existência de um número ainda maior do que o demonstrado a partir desse levantamento (HACK; RAMIRES, 2010).

O alto índice de separações está relacionado, de acordo com Féres-Carneiro (1998), a uma valorização do casamento e não a um desprezo pela união conjugal. É quando o parceiro não responde a expectativa do outro, na busca pelo sonhado par romântico, que os sujeitos

---

<sup>2</sup> Nesse estudo o uso termo casamento não estará relacionado apenas às uniões oficiais.

acabam optando pelo divórcio. De acordo com Guimarães e Amaral (2008), “é na hipermodernidade que a cultura passa a considerar a separação conjugal não mais como um estigma, mas como uma possibilidade de libertação de uma relação que faliu, para abrir portas para a reconstrução dos ideais de felicidade conjugal” (p. 275). Em outras palavras, a união atualmente se dissolve pelo desgaste daquilo que a construiu, não tendo mais os motivos e contratos que, em tempos idos, mantinham a relação (BERNSTEIN, 2002; CORSO; CORSO, 2011).

Contudo, é importante não simplificar a separação<sup>3</sup>. Conforme aponta Féres-Carneiro (1998), ela é um fenômeno complexo e multifatorial e que ocorrerá de forma singular nos membros da relação. Quem decide pelo divórcio, de acordo com Guimarães e Amaral (2008), estará em uma posição mais confortável, na medida em que tem o controle, já quem acata viverá um sentimento de impotência em relação a esta tomada de decisão. Nesse viés, é possível que os dois membros do casal não estejam vivendo este período de forma compatível, no qual um deles pode ainda desejar a manutenção do casamento. Este fato pôde ser observado a partir da experiência em um projeto de extensão em um Núcleo de Assistência Judiciária (CÚNICO et al., 2010), no qual em muitos casos atendidos os sentimentos que envolviam a dissolução da união não estavam sendo vivenciados da mesma forma por ambas as partes. Deve-se destacar que, apesar dessa diferença, existirá uma carga de sofrimento em ambos, posto que é um projeto de vida que se rompe com o fim do casamento, o qual envolve desde as conquistas materiais até as afetivas, o que poderá evocar sentimentos de fracasso, impotência e perda, resultando em um luto a ser elaborado pelos ex-cônjuges (BRUN, 2010; CORSO; CORSO, 2011; FÉRES-CARNEIRO, 1998).

Os filhos de casais que estão vivenciando este momento poderão responder a esta crise de diferentes maneiras, variando de acordo com a forma que seus pais estabeleceram a comunicação sobre a separação, além de outros fatores. Embora esta situação implique em uma descontinuidade da rotina familiar, que provavelmente despertará sentimentos como raiva, medo ou até mesmo culpa pelo divórcio, é importante salientar que o sofrimento gerado aos filhos poderá não ser maior do que viver em um ambiente em que os pais estejam em constante conflito. Nesse sentido, a separação poderá ter efeito construtivo para a família, caso os pais consigam manter efetiva a parentalidade (CORSO; CORSO, 2011; FÉRES-CARNEIRO, 1998; HACK; RAMIRES, 2010).

---

<sup>3</sup> Nesse estudo os termos separação e divórcio serão utilizados como sinônimos, não representado apenas aquelas dissoluções previstas em lei.

Já os adolescentes, mesmo que tenham mais facilidade que as crianças em entender o divórcio de forma objetiva, não há como descartar a possibilidade de que também respondam com dificuldade de aceitação à separação dos pais (HACK; RAMIRES, 2010). Além disso, pode existir uma acentuação dos conflitos familiares, uma vez que tanto os pais como os filhos estarão vivenciando questões que dizem respeito à independência, à sexualidade e à busca por novos relacionamentos, o que poderá resultar em uma fragilidade da autoridade parental (CANO et al., 2009).

Nesse cenário, pode-se pensar que o ganho da família, que está vivenciando o momento da separação do casal, está em uma compreensão dos membros para além de suas funções dentro desta configuração familiar. Os filhos se depararão com a condição humana dos pais e poderão conhecê-los de forma individual, ou seja, com a dissolução do casal como entidade, será possível que os filhos conheçam os anseios, gostos e percepções individuais de seus pais. Já os pais poderão ver seus filhos de forma mais complexa, não apenas como destinos do projeto do casamento (CORSO; CORSO, 2011).

Deve-se pontuar que a situação vivenciada durante o processo de separação, desde sua decisão, reverberará nas experiências posteriores dos membros envolvidos. O sofrimento evocado e a possível resolução desse conflito, quando bem elaborado, poderá resultar em uma maior aceitação dos filhos em caso de nova união dos pais (BRUN, 2010). Em contraposição, o estabelecimento rápido de um novo relacionamento, sem que ocorra a desvinculação entre o antigo casal, por vir a trazer problemas para essa nova união (BRUN, 2010; CARTWRIGHT; GIBSON, 2013).

Nesse sentido, a rede de apoio poderá ser muito importante para amparar este casal e fornecer segurança para que consigam vivenciar e superar este período. A família extensa e os amigos próximos se tornarão, muitas vezes, um suporte para o exercício da parentalidade pós-divórcio (CORSO; CORSO, 2011; GUIMARÃES; AMARAL, 2008). Após esse período conflituoso, será com o amadurecimento da situação do divórcio que estes poderão ultrapassar o que foi o casal conjugal para conseguir estabelecer uma relação de pais de filhos em comum. Em outras palavras, será preciso que o casal compreenda que esse momento exige uma reorganização que se dará em fases, nas quais ambos terão que redefinir seu papel para além daquele casamento que se rompeu, sendo essa administração fundamental, não apenas para o ex-casal, mas especialmente para os filhos (GUIMARÃES; AMARAL, 2008).

### 1.2.2 A nova família e sua complexidade

Nessa busca pela felicidade conjugal que desencadeia a separação, muitas famílias nucleares tornam-se monoparentais e, posteriormente, recasadas (SILVA; TRINDADE; SILVA JUNIOR, 2012), proporcionando hoje os mais diversos arranjos familiares que outrora eram considerados desviantes. Desse modo, a família nuclear não pode ser considerada atualmente como o modelo único, mas apenas mais um dentre tantos outros presentes na sociedade (BRITO; PEÇANHA, 2006; CARDOSO, 2008; CANO et al., 2009; GUIMARÃES; AMARAL, 2008; HACK; RAMIRES, 2010; PEREIRA; ARPINI, 2012). Essas novas uniões, vale destacar, não se dão apenas através do casamento formal, mas também são resultantes das uniões estáveis (GRISARD FILHO, 2010).

A decisão em ingressar em uma nova relação conjugal ocorre de forma diferente para homens e mulheres. De acordo com um estudo empreendido por Silva, Trindade e Silva Junior (2012), os homens, em muitos casos, após a vivência de um período em que estão solteiros, buscam uma nova companheira com o intuito de organizar a sua vida. Em contrapartida, para a mulher, frequentemente, esta escolha parece envolver questões menos objetivas. Apesar dessas particularidades, a tomada de decisão para dar início a um novo casamento muitas vezes é difícil para ambos. Essa dificuldade se dá em razão da frustração vivenciada com o fim da união anterior que, em muitas situações, mesmo com o passar do tempo, permanece presente (BRUN, 2010).

Faz-se necessário pontuar que o recasamento ocorre de formas diferentes quando existem filhos do relacionamento anterior ou não. No primeiro caso a complexidade é maior para o estabelecimento desta nova relação conjugal, já que a relação de casal parental deve continuar existindo, o que gerará a necessidade de comunicação com o ex-parceiro, em função dos filhos (CORSO; CORSO, 2011; OSORIO; VALLE, 2008). Tal imposição, pode ser um elemento que dificultará o afastamento entre o ex-casal evitando o rompimento definitivo que poderia auxiliar a amenizar a dor da separação. Já no segundo caso – quando não existem filhos – geralmente o ex-casal se desvincula completamente, uma vez que não há nenhum outro laço que os una (CORSO; CORSO, 2011; OSORIO; VALLE, 2008).

Estes recasamentos em que pelo menos um dos membros possui filhos advindos de um relacionamento anterior são nomeados, frequentemente, de famílias reconstituídas, refeitas ou recasadas. Conforme salienta Grisard Filho (2010): “Em épocas mais remotas, estas famílias só nasciam da viuvez e, por isto, se inscreviam em uma lógica dicotômica de presença e ausência

dos genitores” (p.20). Nesse contexto, a família nestas configurações apresentará desafios diferentes daqueles enfrentados pelas famílias construídas a partir da ausência da mãe/pai.

É possível que nesse arranjo familiar os dois cônjuges encontrem-se em estágios diferentes da vida, no qual um já passou pela experiência de ter filhos e o outro não. Tal situação poderá resultar em desacordo entre o casal com relação à decisão de ter novos filhos (BERNSTEIN, 2002; BRUN, 2010). Conforme Brun (2010) enfatiza, esse é um dos aspectos mais delicados que envolvem a família recasada. De acordo com a autora, este tema poderá desencadear muitas negociações entre o casal, o que não raramente resultará em cobranças e desentendimentos, sendo a separação uma opção frequentemente escolhida para dar fim a este conflito.

Além disso, é esperado que ocorram dificuldades na ocupação destes complexos papéis parentais, onde o relacionamento progenitor-filhos antecede o relacionamento do casal (CHURCH, 2005; McGOLDRICK; CARTER, 1995). Esse fato se dá especialmente quando os filhos ainda demandam muita atenção, o que se torna um agravante para que o casal consiga nutrir uma relação coesa e estável diante de tantos atravessamentos existentes (BERNSTEIN, 2002). Esta segunda experiência conjugal estará, de certa forma, sendo atravessada constantemente pela anterior, ao mesmo tempo em que existirá a necessidade por parte do novo casal em se distanciar da relação que faliu (BERNSTEIN, 2002; CORSO; CORSO, 2011). Nesse sentido, a separação e o novo casamento podem promover um distanciamento entre pais e filhos, sendo esse normalmente o pai, já que é ele quem comumente não detém a guarda dos filhos e quem se recasa primeiro (COSTA; DIAS, 2012; CÚNICO; ARPINI, 2014; DANTAS; JABLONSKI; FERÉS-CARNEIRO, 2004).

Além deste possível afastamento em razão do início da relação, o momento da entrada de um novo companheiro na família pós-divórcio poderá constituir para os filhos uma barreira para a concretização da sua fantasia de ver seus pais unidos novamente. Essa consolidação do rompimento da união dos pais poderá resultar em hostilidades direcionadas a(o) parceira(o) do pai/mãe, sendo estas também reveladoras de uma tentativa dos filhos de manter certa distância, evitando assim, um possível sofrimento em caso de uma nova separação (MALDONADO, 1987; SOARES, 2008; SOUZA, 2000).

De acordo Dantas (2003), quando o pai separado inicia outro relacionamento ele poderá se deparar com a seguinte questão: manter os vínculos com os filhos da relação anterior e/ou acolher os filhos da atual companheira. Para alguns pais, este novo casamento poderá funcionar como uma anulação da experiência familiar anterior, distanciando-se, deste modo, dos filhos

com os quais não reside como forma de provar o amor à nova mulher (CORSO; CORSO, 2011; CÚNICO; ARPINI, 2014).

Nesse ensejo, o novo arranjo familiar pode dificultar o comprometimento dos pais com os filhos da relação anterior (RIPOLL-NUÑEZ, ARRIETA & GALLO, 2013). No entanto, um estudo (ALVES; ARPINI; CÚNICO, 2014) observou essa dificuldade na manutenção do exercício parental mesmo em casos em que se estabeleceu a guarda compartilhada dos filhos. Diante disso, se faz necessário que os pais consigam desvincular a conjugalidade da parentalidade, visto que os deveres parentais não se desfazem com o fim do matrimônio, devendo perdurar para além da relação conjugal (FÉRES-CARNEIRO, 1998; GRISARD FILHO, 2009). Nesse viés, Bernstein (2002) afirma que “os filhos devem sentir a segurança de que seu lugar no mundo afetivo do pai ou da mãe não corre perigo” (p. 311), o que facilitará a adaptação a(o) nova(o) companheira(o) do pai/mãe.

Diferentemente da família nuclear, existe nesse arranjo familiar uma complexidade maior nas relações que se estabelecem, por envolver diversos membros como: meio-irmãos, mais de dois avós, filhos da mulher do pai, entre outros (BRUN, 2010; FÉRES-CARNEIRO, 1998; JACQUET; FIALHO, 2004; SILVA; TRINDADE; SILVA JUNIOR, 2012). Esta ampla rede de relacionamentos se estabelece rapidamente, necessitando de ajustes nos diferentes subsistemas que integram esta família: o homem e a mulher enquanto casal; madrasta e enteado; padrasto e enteado; e os filhos de cada um entre si (COSTA; DIAS, 2012).

Tal complexidade pôde ser verificada a partir de um estudo (SOARES, 2012), no qual participaram homens e mulheres que constituíam famílias a partir destes novos arranjos, tendo sido observada a dificuldade dos participantes em denominar quem eram os integrantes de sua família. Esta questão pode estar relacionada às expectativas geradas na formação deste novo casamento. O pensamento de que “agora vai dar certo” vinculado à crença de que a família nuclear é o modelo correto, impulsiona os adultos a tomá-la como uma reedição da família original. Ou seja, para que se concretize a idealização da família perfeita é negada a simultaneidade de pertencimento dos filhos em diferentes núcleos familiares (PLACIER; VELASCO, 1989).

A anulação da experiência familiar anterior, a qual toma o novo arranjo familiar como uma reedição da família nuclear, estará impossibilitando o estabelecimento da construção de um novo papel por parte da(o) companheira(o) do(a) pai/mãe. Faz-se necessário compreender esta configuração familiar a partir de suas características singulares, realizando uma reorganização frente a esta nova configuração familiar (FALCKE, 2002; FÉRES-CARNEIRO, 1998; McGOLDRICK; CARTER, 1995; SOARES, 2011).

A grande influência da família nuclear também se mostra responsável pelo grande número de casos que chegam ao judiciário a fim de reproduzir este modelo familiar (BRITO, 2014; SOARES, 2011). Este fato pode ser verificado através da Lei 11.924, que foi sancionada em 2009 no Brasil, a qual autoriza a adoção do sobrenome do padrasto ou madrasta pelo enteado (SOARES, 2011; BRASIL, 2009). Nota-se que o desejo em colocar a família nos moldes do arranjo nuclear é evidenciado pela tentativa de anulação da vivência familiar anterior com a inclusão do sobrenome desse novo membro. Diante do exposto, percebe-se que, apesar das referências que oportunizaram o desenvolvimento da família nuclear – mulher destinada apenas ao cuidado do lar e dos filhos, submissa ao homem; casamento por aliança; impossibilidade do divórcio – terem sucumbido, algumas famílias ainda parecem se sentir em dívida quando não conseguem manter este modelo familiar (KEHL, 2003).

Com a construção dessa nova família, outro subsistema que poderá se estabelecer é entre os filhos das duas uniões anteriores de cada membro do casal. Nomeada de irmãos políticos ou circunstanciais, este vínculo irá se constituir a partir do laço afetivo que se dará pela convivência a partir da união de seus pais (PEREIRA; ARPINI, 2012). Essas novas relações demandarão, de todos os envolvidos, certa flexibilidade, compreensão e respeito ao lugar do outro. Além disso, com o nascimento de um filho deste novo casal, a configuração familiar será alterada novamente uma vez que os filhos dos casamentos anteriores se tornarão meio-irmãos desta nova criança, exigindo assim uma nova reorganização (LOBO, 2009).

No que se refere à configuração familiar, muitas vezes nem todas os filhos residirão na mesma casa. Os filhos do homem, na maioria dos casos, vivem sob a guarda materna e acabam frequentando a moradia do pai apenas aos finais de semana. Diante disso, as famílias precisarão se reajustar a partir de cada visitação, período no qual todos os membros estarão juntos – os filhos dela, os filhos dele e os filhos do novo casal (LOBO 2009).

Outra reorganização que será necessária diz respeito ao dinheiro. Conforme assinala Grisard Filho (2010), muitos dos conflitos que podem se apresentar nessas famílias decorrem dos gastos que se multiplicam com o recasamento. Além disso, após o fim do relacionamento o homem e a mulher muitas vezes se sentem em desvantagem com relação aos acordos financeiros (BRUN, 2010). Diante disso, a nova companheira pode também se sentir sobrecarregada caso auxilie seu marido a prover o antigo lar (CHURCH, 2005).

Diante de tantas mudanças que o recasamento traz para a família, parece ser necessário compreender que estas relações demandarão esforços de todos os envolvidos para a construção de uma família coesa. Para isso, o tempo será um fator primordial para que a perda e a dor evocada pela separação sejam vivenciadas e superadas por todos os envolvidos, para que assim

se possa construir uma relação saudável entre todos os membros (BRUN, 2010; CLARO; KIRBY; MULLER, 1993).

Nesse viés, conforme ressalta Féres-Carneiro (1998), apesar da sua maior complexidade, estes arranjos familiares são tão capazes de promover saúde quanto as famílias da primeira união. De acordo com Guimarães e Amaral (2008), não é a configuração da família que compõe a harmonia familiar “mas sim seu enredo relacional que possibilite autonomia e pertencimento a seus membros” (p.275), tarefa destinada a todos os arranjos familiares. Para que esse sentimento de pertencimento se estabeleça será necessário compreender que o laço consanguíneo não é suficiente (PEREIRA; ARPINI, 2012), assim como é imprescindível ultrapassar os preconceitos referentes aos arranjos familiares distantes da configuração nuclear (COSTA; DIAS, 2012).

### 1.2.3 As “novas madrastas”: perspectivas e desafios

Até o século XX as famílias resultantes de uma nova união eram fruto da viuvez de um dos cônjuges. Posteriormente, com a possibilidade do divórcio, esta situação se alterou, originando novos arranjos familiares, os quais podem se constituir a partir de múltiplas relações, de forma a incluir o antigo cônjuge que deve permanecer exercendo a função parental. Nesse cenário, a madrasta passou a entrar em cena no contexto familiar como uma nova experiência conjugal do pai. Destaca-se, portanto, que a madrasta de outrora, a qual aparecia após a morte da mãe, passa a assumir um lugar diferente na relação com os filhos do companheiro, os quais contam também com a presença de sua mãe biológica. Considerando que é a mãe quem detém, em sua maioria, a guarda dos filhos nas situações pós-divórcio (BRITO, 2014; GRISARD FILHO, 2010), é possível conjecturar que a madrasta na contemporaneidade exerça seu papel, frequentemente, à distância (LOBO 2009).

Contudo, apesar da tendência de que haja uma prevalência de configurações familiares distintas daquela composta pelo núcleo pai, mãe e filhos, existe ainda uma presença forte de estigmas que cercam estas novas famílias. Em relação à figura da madrasta, esta foi muito bem apresentada pelos contos infantis disseminados mundialmente como, por exemplo, Cinderela, João e Maria, Branca de Neve, nos quais essa personagem estava atrelada a características de maldade, crueldade e o personagem do enteado era tido como infeliz (BERNSTEIN, 2002; CHURCH, 2005; FALCKE & WAGNER, 2000; RIBEIRO, 2005).

Esse rótulo negativo que a nova companheira do pai carrega também está relacionado à idealização da mãe, que é reconhecida como uma figura insubstituível em sua função (BRUN, 2010). Apesar desse entendimento em relação à impossibilidade de outra pessoa exercer o papel materno, outra referência que se tem é de que a madrasta é a substituta da mãe, e que, diante disso, deve ser perfeita para suprir uma possível carência dos enteados (CHURCH, 2005; FALCKE; WAGNER, 2000).

Diante dessa concepção histórica, que também perpassa o imaginário das próprias madrastas no contexto atual, pode-se pensar que, muitas vezes, o seu comportamento diante dos enteados é de submissão às suas demandas, principalmente no início do relacionamento com o novo companheiro, numa tentativa de se afastar do estereótipo negativo de figura ameaçadora (RIBEIRO, 2005). Pode-se compreender a partir disso que, assim como ocorre a dificuldade em nomear estes novos arranjos familiares, a ausência de nomes mais adequados para identificar esses membros no contexto atual poderá vir a influenciar o estabelecimento do papel a ser desempenhado pelo novo membro (BRUN, 2010).

Apesar disso, o início da relação é de muita expectativa para todos os envolvidos e muitas vezes a possibilidade de que os conflitos apareçam é subvalorizada (BRUN, 2010; CHURCH, 2005; RIBEIRO, 2005). A decepção, diante da fantasia de que o amor vivenciado pelo casal poderia superar todos os possíveis conflitos, é desvelada quando se dá início a rotina familiar, na qual novos rituais e visões de mundo acabam tendo que ser negociados ou incorporados pelos diferentes membros da nova família (BRUN, 2010; CHURCH, 2005).

No que se refere à relação entre madrastas e enteados, um dos obstáculos que pode se fazer presente nessa construção diz respeito a presença da mãe que em determinadas situações poderá criar dificuldades para que este vínculo se estabeleça (BRUN, 2010; FALCKE, 2002). A mãe poderá “ficar enciumada, por exemplo, da fecundidade do segundo casamento do ex-marido e da afeição de seu filho pela rival vencedora” (DOLTO, 1989/2011 p.66). É nesse cenário que a ex-companheira poderá gerar conflito para o estabelecimento desta nova relação, já que a nova mulher será a substituta e terá a chance, que ela já não possui, de vivenciar a satisfação conjugal ao lado deste homem, principalmente naquelas situações em que a separação foi uma decisão que partiu do companheiro (GUIMARÃES; AMARAL, 2008).

Com relação a esse aspecto, Valentim de Sousa e Dias (2014) assinalam que os genitores são importantes para o estabelecimento de um vínculo saudável entre madrasta e enteados. Nessa situação, caso a mãe aceite a nova relação de seu ex-companheiro, possibilitará aos filhos um envolvimento com esse novo membro da família sem culpa de estar ferindo os sentimentos dela.

Outra dificuldade para o estabelecimento dessa relação madrasta/enteados pode se concretizar quando essa também possui filhos de outro relacionamento. Nessa configuração, os filhos da madrasta, que na maioria dos casos permanecem morando com ela, desencadeariam nos filhos do companheiro o sentimento de estarem ainda mais distantes do pai, ao entenderem que esse passou a incorporar a nova família. Diante disso, podem se sentir ameaçados, tanto do ponto de vista afetivo quanto no que diz respeito aos direitos materiais (BRUN, 2010).

Além disso, de acordo com McGoldrick e Carter (1995), é possível que exista uma insatisfação das madrastas com seu atual companheiro quando esse se faz presente na vida dos filhos da relação anterior, que frequentemente residem com a mãe. Nessas situações se faz necessário que a atual parceira – a madrasta – consiga compreender a relação de parentalidade que envolve seu cônjuge e a ex-companheira, aspecto nem sempre fácil de ser vivenciado.

Diante dessa insegurança, as madrastas, em muitas situações, desejam de alguma forma consolidar e afirmar esta nova família. Para isso, um filho resultante desta união é a maneira que muitas encontram para legitimar essa nova família (BRUN, 2010; PÉREZ; JARAMILLO, 2011). Essa intenção diz respeito a um desejo desta mulher em equilibrar os dois núcleos – o atual e o anterior –, assim o homem teria filhos frutos dos dois relacionamentos, o que corresponderia a uma equivalência, segundo o seu entendimento. De acordo com Pérez e Jaramillo (2011), este desejo, geralmente, é explicitado cedo no curso da relação conjugal, no entanto, a efetivação implica em superar as dificuldades iniciais dessa família, o que acaba retardando a gravidez.

A decisão de ter um filho em comum pode desencadear dois medos a partir da relação que as madrastas estabelecem com seus enteados. O primeiro - quando possuem um bom relacionamento com os enteados - está vinculado ao possível impacto que será desencadeado a partir do nascimento do meio-irmão, assim como a possível dificuldade que o casal vivenciará para equilibrar as atenções aos diferentes membros da família. No segundo caso, quando estas mantêm conflitos com os filhos de seu companheiro, o medo estará centrado na busca pela manutenção de seu próprio bem estar e de seu futuro filho (PÉREZ; JARAMILLO, 2011).

Conforme assinala Brun (2010), a criança nascida desta nova união poderá desencadear diferentes sentimentos para aqueles filhos anteriores a este casamento. Em muitos casos, esses podem se sentir ainda mais inseguros em relação ao espaço que possuem na vida de seus pais. Por outro lado, essa nova criança poderá mobilizar o sentimento de todos, de forma a unir as duas linhagens dessa família, carregando em sua história duas configurações familiares distintas – a nuclear, já que nasceu a partir da união que permanece estabelecida e a recasada, uma vez que possui meio-irmãos.

Quando superados os conflitos iniciais é possível reconhecer, conforme assinala Dantas (2003), que surge com o recasamento uma paternidade/maternidade “social”, ou seja, as funções parentais sendo exercidas também pelos novos cônjuges. No entanto, as práticas educativas exercidas por madrastas/padrastos ainda não são bem aceitas na sociedade ocidental na qual, mesmo com o aumento do número de novos arranjos familiares sendo estabelecidos, prevalece o entendimento de que as crianças devam ser educadas apenas pelos próprios pais biológicos. Essa concepção pode estar debruçada no entendimento de que o modelo nuclear de família ainda é parâmetro para o exercício das funções parentais. No entanto, especificamente no Brasil, este panorama nem sempre é tão rígido, principalmente quando observadas as classes média e baixa. Nesses grupos sociais se tem percebido que a educação dos filhos, muitas vezes, é atribuída não somente aos pais biológicos estendendo-se a outros atores (JACQUET; FIALHO, 2004).

De acordo com Rivas (2012), nossa cultura reafirma, com o auxílio da legislação, quais são os papéis a serem exercidos pelos pais e pelas mães, porém as madrastas e os padrastos terão que estabelecer sua função a partir das relações que serão construídas nessas famílias. Esta falta de ancoragem, por sua vez, poderá dificultar a desvinculação ao modelo de família nuclear, já que não existe uma referência positiva, no caso da madrasta, para exercer tal função. Todavia, mesmo que não se tenha uma lei que oriente o exercício destes novos papéis, de acordo com McGoldrick e Carter (1995), a disciplina e o cuidado devem ser exercidos pelos novos companheiros do pai/mãe, porém sem excluir o ex-cônjuge que deve permanecer com as responsabilidades de cuidado e educação dos filhos após a separação (OSORIO; VALLE, 2008).

No que se refere ao funcionamento de famílias recasadas e ao papel assumido pelos membros, a pesquisa antropológica de Rivas (2012), realizada em Madri, identificou três tipos de estruturas destas famílias. O primeiro é o modelo de substituição, que se refere àquele em que o padrasto ou a madrasta que reside com o enteado acaba assumindo as funções do pai ou da mãe não residentes. Outra modalidade identificada foi a de duplicação, ou seja, aquela dinâmica familiar em que pai e padrasto ou mãe e madrasta assumem responsabilidades parentais, mesmo que não residam com os filhos/enteados. Já o terceiro tipo de modelo identificado foi o de evitação, o qual remete ao exercício dos deveres parentais pelo pai e pela mãe ao mesmo tempo em que há o impedimento de que o padrasto ou a madrasta participem.

Nesse sentido, é possível conjecturar que se torna indispensável ao casal o estabelecimento de um diálogo inicial para estabelecer quais são as expectativas em relação ao que esse novo membro representa para a família e quais serão suas atribuições (CLARO,

KIRBY & MULLER, 1993). De acordo com os autores, também será necessária a construção de um vínculo mais afetivo com os enteados para que, posteriormente, a nova companheira passe a exercer de forma mais ativa um papel de autoridade. Nessa perspectiva, os dados da pesquisa brasileira realizada por Valentim de Sousa e Dias (2014), a qual ouviu filhos a respeito do recasamento dos pais, revelaram que houve uma maior abertura dos enteados quando os padrastos e madrastas não interferiram ou impuseram regras logo no início da convivência.

Conforme salienta Costa e Dias (2012), a função da madrasta inicialmente pode ser apenas auxiliar, no entanto, com o passar do tempo e de acordo com a idade dos enteados, sua função pode tornar-se mais ativa. Diante disso, a nova companheira do pai deve estar ciente de que esta configuração, em que a mãe se faz presente na vida dos filhos, demanda um novo tipo de relação, já que sua função não deve ser a de substituta daquela. Seu lugar deve se dar baseado na necessidade familiar e amparado pelo pai, que deverá dar suporte para que este papel se estabeleça (BERNSTEIN, 2002; SOARES, 2011; 2012). Nesse ensejo, Bernstein (2002) pontua que tornar-se madrasta “implica ter de reinventar um papel que se adapte às necessidades e aos momentos de vida das crianças e dos adultos na nova situação familiar” (p. 307).

Para este processo de adaptação do novo membro por parte dos filhos advindos da união anterior, um dos aspectos que parece ter relevância é o tempo de convivência (BERNSTEIN, 2002; BRUN, 2010; CHURCH, 2005; CLARO; KIRBY; MULLER, 1993; COSTA; DIAS, 2012; WAGNER; FÉRES-CARNEIRO, 2000). De acordo com pesquisa realizada por Costa e Dias (2012), é em torno dos três ou quatro anos que esta nova família passa a se sentir coesa e integrada. Nesse sentido, Valentim de Souza e Dias (2014) também enfatizam que a convivência é fundamental para a possibilidade de criação de um vínculo saudável.

Isso vai demandar que o pai tenha paciência e compreensão, entendendo que estes laços que envolvem a atual companheira e os enteados desta, não se dão de forma automática, em circunstância semelhante à da sua própria paixão, mas que deverão ser construídos com a dedicação e investimento por parte de todos os envolvidos (CLARO; KIRBY; MULLER, 1993; BERNSTEIN, 2002; BRUN, 2010; FALCKE; WAGNER, 2000; VALENTIM DE SOUSA; DIAS, 2014). Além disso, outros fatores como a idade, a residência principal dos filhos, a modalidade da guarda adotada, além das circunstâncias que motivaram a separação, são aspectos que exercerão influência no modo como se dará o relacionamento entre enteado e madrasta (COSTA; DIAS, 2012; McGOLDRICK; CARTER, 1995; SOARES, 2011).

No que se refere à residência dos filhos, este é um aspecto que mostra-se central para a presença ou ausência de conflitos segundo pesquisa realizada por Soares (2012). Nesse sentido, Placier e Velasco (1989) pontuam que quando os pais negam a coexistência dos dois sistemas

familiares, os filhos muitas vezes poderão ficar confusos, já que podem entender que ao estarem residindo com a mãe, estariam rejeitando o pai, ou ao contrário, se estiverem residindo com o pai, estariam rejeitando a mãe. Este aspecto poderia ser superado quando os filhos atingissem a idade adulta, momento no qual poderiam ter sua própria residência e ambos os sistemas familiares se tornariam “neutros”, o que minimizaria a ocorrência de conflitos.

Outro aspecto que será determinante para a minimização dos conflitos advindos dessas novas relações é a atitude do pai. Se este conseguir manter a proximidade que anteriormente tinha com os filhos, também ampliará as possibilidades de aceitação por parte dos filhos da sua nova mulher. No entanto, se com a constituição deste novo vínculo amoroso, o pai se distanciar dos filhos, as agressões dirigidas à madrasta podem se fazer mais presentes, podendo ser compreendidas como uma tentativa dos filhos atingirem o pai (BERNSTEIN, 2002).

Com a transposição desses conflitos inerentes às transformações no contexto familiar é possível encontrar um ambiente propício ao bom desenvolvimento familiar conforme salientam Valentim de Sousa e Dias (2014). De acordo com pesquisa realizada por essas autoras, a qual teve como objetivo compreender as concepções de jovens adultos a respeito do recasamento de um ou ambos os pais, foi possível perceber que essa experiência familiar trouxe como resultado uma maior maturidade e também uma valorização da família e das demais relações afetivas por parte dos filhos. Além disso, na pesquisa citada, os participantes apontaram mais aspectos positivos do que negativos em relação a essa vivência de recasamento dos pais.

A partir do exposto, deve-se compreender que os conflitos existentes nessas famílias devem ser tomados como um processo de criação do próprio perfil da família em questão, podendo assumir direções distintas, não devendo ser compreendidos como definitivos e imutáveis (BRUN, 2010). Além disso, observa-se que as expectativas direcionadas à figura da madrasta, seja como sinônimo de pessoa má ou como uma substituta ideal da mãe, são fatores que interferem na construção de relações saudáveis dentro das famílias simultâneas (FALCKE; WAGNER, 2000). Será necessário, portanto, que esta nova família crie uma forma própria de se relacionar e organizar, a partir de sua própria demanda, e isso só se dará com o passar do tempo (BRUN, 2010; COSTA; DIAS, 2012).

# TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

## **Delineamento**

Com o intuito de atingir os objetivos propostos, realizou-se uma pesquisa qualitativa que visou compreender a experiência das novas companheiras de pais em famílias recasadas, especialmente no que se refere a sua relação com seus enteados. Essa escolha se deu em razão da complexidade que envolve essa temática, a qual pode ser melhor explorada por essa modalidade, uma vez que a pesquisa qualitativa busca identificar os significados presentes na vida individual e coletiva (MINAYO, 2013).

De acordo com Gomes (2012), o objetivo da pesquisa qualitativa é a exploração de opiniões e representações sociais sobre a temática que se busca investigar. Nesse sentido, essa abordagem não busca quantificar o fato, mas analisá-lo a partir da perspectiva das pessoas que estão envolvidas no fenômeno (GODOY, 1995; MINAYO, 2013). Conforme salienta Minayo (2013), uma das possibilidades de uso desta modalidade de pesquisa é buscar compreender as relações que se estabelecem. Diante disso, é notável a contribuição que o estudo qualitativo pode trazer à investigação que pretende analisar as relações familiares.

Também pode-se definir esse estudo como uma pesquisa social, uma vez que, conforme pontua Minayo (2013), esse tipo de investigação trata do ser humano e suas relações. Nesse sentido, entende-se que o conhecimento aqui produzido é aproximado e não pode ser generalizado uma vez que se refere ao dinamismo da família contemporânea.

## **A instituição**

Este estudo foi realizado a partir do Núcleo de Assistência Judiciária Gratuita, Órgão Suplementar do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria. Tal órgão realiza suas atividades nas áreas de Direito de Família e Direito Civil, atendendo um público que possui renda mensal de até três salários mínimos.

O Núcleo de Assistência Judiciária funciona diariamente com a atividade de profissionais da referida universidade, sendo esse o local onde é prestado o estágio curricular dos acadêmicos do curso de Direito da citada universidade. Para o exercício desse estágio, dois professores do curso de Direito estão sempre presentes no momento em que os alunos estão prestando atendimento à população a fim de supervisionar e orientar os alunos.

Impende destacar que, além das atividades realizadas pelos acadêmicos do curso de Direito, o Núcleo abriga desde 2005 um projeto de extensão desenvolvido pelo departamento de Psicologia em parceria com a coordenação do local. Inicialmente participavam do projeto dois acadêmicos do curso de Psicologia, os quais realizavam dois plantões semanais, ficando à disposição do serviço para auxiliar nas situações que envolvessem conflitos de família. Também eram agendadas entrevistas individuais com as partes envolvidas, as quais poderia incluir o casal e filhos, ou apenas uma das partes, dependendo da problemática. Dessa forma, muitas vezes houve a participação conjunta na sala de atendimento dos acadêmicos do curso de Direito com os da Psicologia.

No ano de 2007 o projeto expandiu suas atividades, trabalhando, além do plantão semanal, com a proposta da mediação familiar, atividade que se mantém até o momento atual. No corrente ano o projeto conta com quatro acadêmicas da graduação em psicologia realizando dois plantões semanais no turno da noite e um turno pela manhã. Além disso, a partir dos resultados alcançados pela pesquisa realizada pela autora intitulada: “Reflexões sobre a guarda compartilhada: o olhar de pais que a vivenciam” (ALVES, 2012) o projeto foi novamente ampliado, compreendendo, além dos serviços já referidos, o acompanhamento de pais e mães após a realização de acordos nos quais estabeleceram a modalidade de guarda dos filhos.

Diante desse percurso, deve-se ressaltar que esse local foi escolhido para a realização da pesquisa em função do envolvimento da pesquisadora nessas atividades desde o ano de 2011, período no qual ingressou como extensionista e bolsista do projeto, permanecendo no mesmo até a data atual enquanto coorientadora das atividades realizadas. Diante desse período de quatro anos de atividades e pesquisas voltadas à temática familiar no contexto dessa população, mostrou-se relevante compreender a experiência de mulheres enquanto companheiras de um homem que possui filhos de uma relação anterior, a partir desse mesmo local e com foco na população atendida por esse serviço, uma vez que os resultados desse estudo poderão contribuir para o aperfeiçoamento das atividades desenvolvidas para esse público.

### **Procedimentos de abordagem e instrumentos**

No momento da construção do projeto da referida pesquisa, foi realizado o contato com o Núcleo de Assistência Judiciária, local onde seria realizado o estudo. Após a aceitação e aprovação do diretor, o qual deixou o serviço disponível para a concretização da pesquisa, o projeto foi encaminhado para aprovação do comitê de ética e para a qualificação no Programa

de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria, tendo sido aprovado como o Número CAAE 19825913.1.0000.5346.

Nesse primeiro momento, foi entregue à profissional do serviço social, responsável pela triagem dos usuários da Assistência Judiciária, os critérios de inclusão dos participantes da pesquisa para que ela pudesse identificar as mulheres que poderiam integrar o estudo. A pesquisadora deixou uma ficha com espaço para incorporação dos dados dos possíveis participantes, a fim de que se pudesse posteriormente entrar em contato. Esse documento ficou em posse da profissional e de suas estagiárias pelo período de um ano.

No decorrer desse tempo foram realizadas diversas visitas e telefonemas para o Núcleo de Assistência Judiciária, a fim de que as informações obtidas fossem repassadas à pesquisadora. Transcorrido algum período, em fevereiro de 2014 começaram a ser realizados os contatos com as possíveis participantes do estudo. Inicialmente, foram realizadas diversas ligações e no momento em que os convites eram aceitos os encontros eram agendados. As entrevistas se deram em função da disponibilidade das participantes, sendo essas realizadas na própria Assistência Judiciária e uma em sala do departamento de psicologia da referida instituição, em razão do horário que a participante tinha disponível. Apesar disso, cumpre destacar que, em todas as situações, as entrevistas foram realizadas em ambiente adequado, sem a exposição da participante.

Para a realização da coleta dos dados para a pesquisa foram utilizados como instrumentos a ficha de coleta dos dados de identificação (Apêndice D), o genograma e a entrevista semidirigida de questões abertas (Apêndice E). No primeiro momento, com cada participante, foi preenchida a ficha de coleta dos dados de identificação e a partir desses dados, na presença da participante, foi construído o genograma. Enquanto a pesquisadora realizava o genograma em sua estrutura básica, ou seja, sem os símbolos relativos às relações estabelecidas entre os membros da família, as informações eram confirmadas, a fim de ter uma maior clareza para a construção do mesmo.

Conforme apontado por McGoldrick e Gerson (1995), os genogramas são retratos gráficos da família que permitem visualizar a configuração, os dados históricos e o funcionamento familiar. Além disso, como este instrumento evidencia a perspectiva transgeracional, ele é concebido em dois eixos: o horizontal que diz respeito ao momento atual da família e o eixo vertical que abarca, além da atual, a família de origem (CARRASCO, 2005). No entanto, conforme assinalado por Böing, Crepaldi e Moré (2008) tal instrumento deve ser adaptado de acordo com a necessidade da pesquisa.

Na sequência, foi realizada a entrevista, a qual deu suporte a elementos importantes para a finalização do genograma. Dessa forma, os dois recursos técnicos previstos foram utilizados de forma complementar. Destaca-se que a combinação de recursos técnicos distintos em estudos qualitativos se constitui em uma possibilidade de ampliação da compreensão do fenômeno a ser estudado e do alcance dos objetivos do estudo.

Partindo desse entendimento, esta pesquisa utilizou o genograma como forma de tornar visível e facilitar a compreensão da configuração familiar assim como a dinâmica relacional da participante com os outros membros da família (companheiro, filhos, enteados e ex-parceira do atual companheiro). Além disso, o mesmo foi construído apenas no eixo atual familiar (horizontal), sem incorporar elementos que dizem respeito à família de origem (família dos pais da participante), já que este não foi o foco da pesquisa em questão.

Com relação à entrevista semidirigida, essa se caracteriza por um encontro interpessoal entre entrevistador e entrevistado, no qual os papéis de cada um desses personagens ficam bem definidos. O entrevistador é o responsável pelo encontro e o entrevistado é convidado a expressar suas opiniões. A nomenclatura – dirigida, semidirigida, não-dirigida – é utilizada, para determinar a direção que a entrevista ocorrerá. Nesse sentido, a entrevista semidirigida permite uma flexibilidade na direção da entrevista, dada ora pelo entrevistador ora pelo entrevistado, facilitando a coleta de informações baseada no discurso livre do entrevistado através da introdução de tópicos pelo entrevistador, que guiará para questões mais específicas. É importante salientar que este modelo é também flexível no que diz respeito a possibilidade de que sejam realizados questionamentos, no decorrer da entrevista, não previstos anteriormente. Com relação às questões abertas, estas fazem referência a não delimitação de respostas preestabelecidas, sendo que o conteúdo será organizado pelo entrevistado (TURATO, 2003).

A entrevista semidirigida desenvolvida para alcançar os objetivos desse estudo teve os seguintes eixos: a história da família; a experiência familiar atual, tópico em que se buscou saber aspectos gerais da família, sua rotina, atribuições dos membros, além dos aspectos voltados à conjugalidade, entre outros; a relação entre madrasta e enteado(s), eixo voltado mais especificamente a compreensão da relação madrasta/enteado(s); e relação com a ex-companheira de seu cônjuge que teve como foco a compreensão da possível relação entre essas duas mulheres. Cumpre destacar que as entrevistas realizadas não seguiram esses três eixos de maneira rígida, mas foi utilizado como guia para a realização de outras questões pertinentes.

## Análise dos dados

A técnica utilizada para a análise dos dados obtidos através da entrevista semidirigida foi a análise de conteúdo temática. As etapas propostas por Gomes (2012), para a realização desta análise compreendem os eixos: leitura, exploração do material e síntese interpretativa. No primeiro momento foi realizada uma leitura para a familiarização com o material e elaboração dos pressupostos iniciais de análise. No segundo momento, foi feita a classificação de trechos na busca pelos núcleos de sentido. Ao final, realizou-se a relação entre os temas classificados com os objetivos e pressupostos da pesquisa.

Nesse momento inicial, no qual foi feita a leitura exaustiva do material individual de cada entrevista e, posteriormente, em conjunto, foram buscados os núcleos de sentido. Conforme enfatizado por Bardin (2010), para que os núcleos sejam encontrados é necessário que o texto das entrevistas seja analisado a partir do referencial teórico que abarca a temática. Assim, para que fosse possível essa categorização, relacionou-se o material obtido pelas entrevistas com os pressupostos teóricos obtidos em momento anterior. A partir dessa análise surgiram quatro grandes eixos que nortearam a posterior categorização do material, a saber: (1) relação com os filhos do companheiro; (2) o exercício das responsabilidades parentais; (3) os aspectos da conjugalidade; (4) outras relações na família recasada. Posteriormente, surgiram as categorias, as quais podem ser observadas nas figuras abaixo que representam cada um dos artigos organizados.

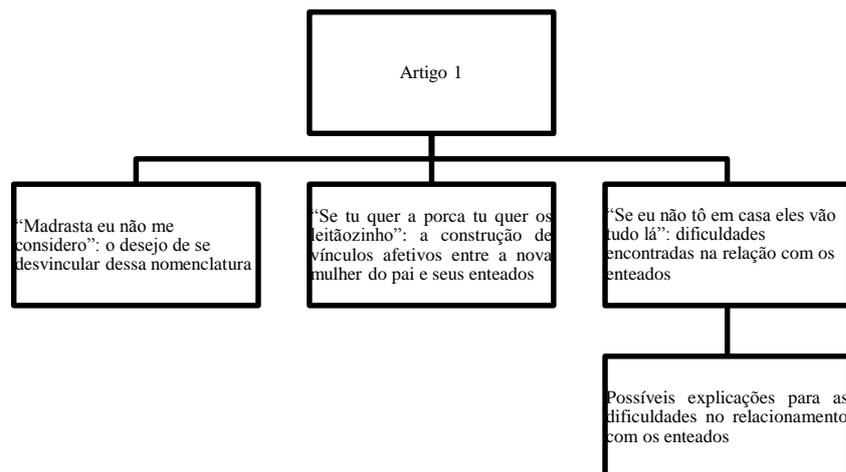


Figura 1 – Organograma das categorias presentes do Artigo 1, o qual contempla o Eixo 1.

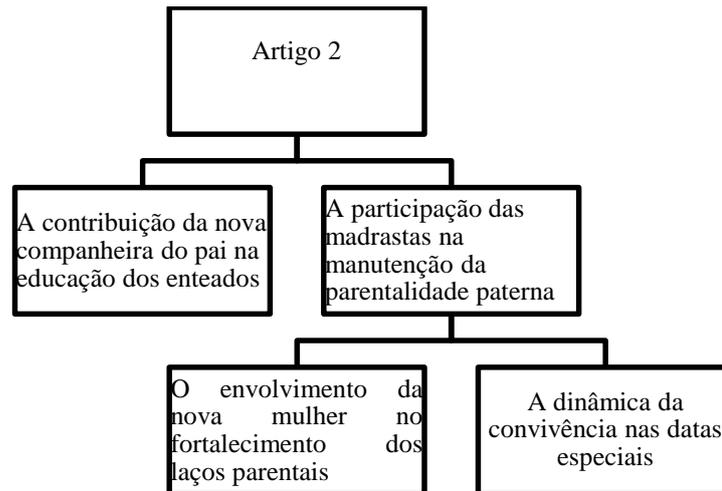


Figura 2 – Organograma das categorias presentes do Artigo 2, o qual contempla o Eixo 2.

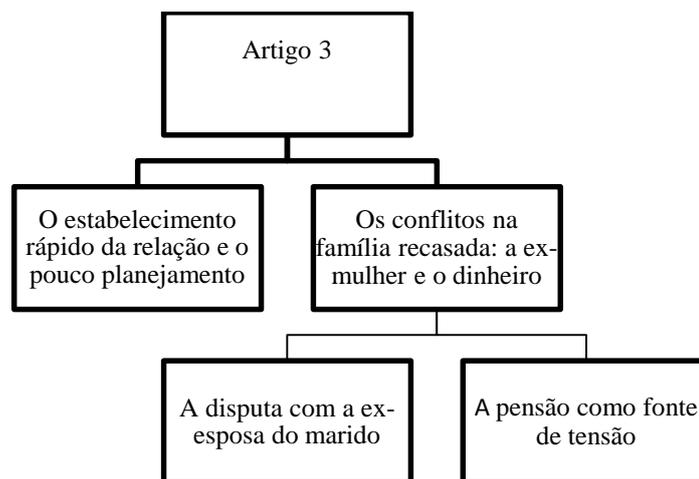


Figura 3 – Organograma das categorias presentes do Artigo 3, o qual contempla os Eixos 3 e 4.

Ressalta-se que a partir da análise minuciosa do material obtido pelas entrevistas, foi possível a finalização dos genogramas, com a incorporação dos símbolos concernentes às relações entre os membros da família das participantes. Para tanto, foram utilizados os símbolos da padronização construídos por McGoldrick e Gerson em 1985 (McGOLDRICK; GERSON, 1995). Contudo, deve-se destacar que a apresentação dos genogramas não buscou enrijecer e determinar categoricamente como se dá a dinâmica nas relações apresentadas através dos símbolos, uma vez que estes foram incorporados a partir da análise da entrevista com apenas um dos membros da família. Ressalta-se, diante disso que os dados obtidos foram reflexos das percepções dessas mulheres na vivência com esses outros membros. Assim, parece importante enfatizar que o genograma neste estudo foi uma estratégia para visualizar de forma mais clara

as relações intrafamiliares em cada contexto, considerando, no entanto sua limitação uma vez que a descrição resultou da percepção de apenas um membro da família (a participante).

### Descrição dos participantes

Conforme é possível observar na seção que abordou os procedimentos executados nesse estudo, as participantes foram incluídas de forma proposital, intencional ou deliberada (TURATO, 2003). Essa escolha se deu em razão da busca por informantes que pudessem contribuir com a temática, em oposição à amostragem estatística que tem como fundamento representar significativamente a população total.

Com o objetivo de descrever as participantes desse estudo, utilizou-se os genogramas construídos com base nas informações dadas por cada uma das entrevistadas, além disso são expostos breves históricos para que o leitor possa compreender, de antemão, um pouco da história familiar de cada caso. Destaca-se que todos os símbolos foram incorporados em razão da intensidade com que essas relações foram apresentadas durante a entrevista. Em virtude disso, é possível verificar que eles não se fazem presentes em todos os vínculos.

Enfatiza-se que todos os nomes aqui apresentados são fictícios com a finalidade de preservar a identidade de todos os indivíduos citados pelas informantes. Ademais, todos os períodos de relacionamentos, mesmo aqueles em que pode se pensar que houve alguma confusão em razão do conflito entre datas, foram aqui descritos com base nas informações obtidas por meio da ficha de coleta dos dados de identificação e da entrevista. Abaixo apresenta-se a legenda dos genogramas para melhor compreensão:

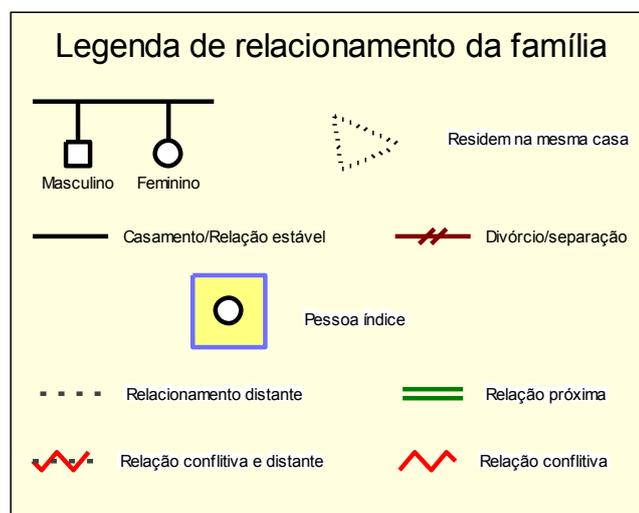


Figura 4 – Legenda para interpretação dos genogramas

### Participante 1

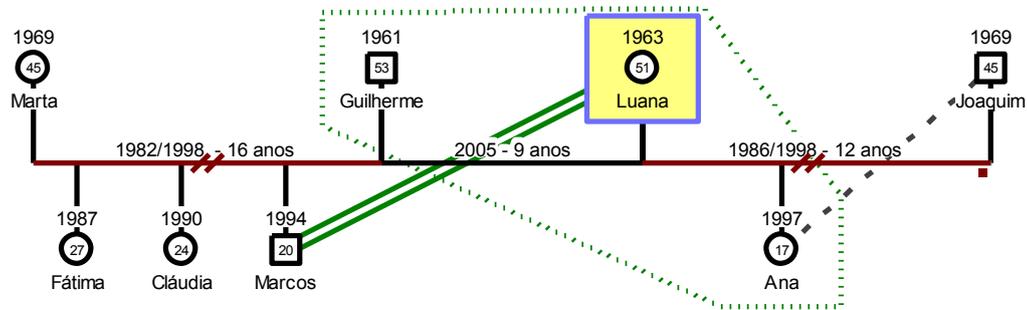


Figura 5 - Genograma da família da participante 1

Dupla	Símbolo	Falas Exemplificativas
<b>Luana - Marcos</b>	==== (Relação próxima)	<i>“mesmo que não fosse meu filho a gente sempre se deu assim, como mãe e filho”</i>
<b>Ana – Joaquim</b>	..... (Relação distante)	<i>“agora ele sumiu, nem fala com ela, ele tá brabo com ela, porque ela quis a pensão né”</i>

Quadro 1 - Legenda com falas exemplificativas da participante 1

Luana: Do lar.

Guilherme: Operador de máquina (empilhadeira).

Joaquim: Empresário/comerciário.

Marta: Do lar.

Luana, no momento da entrevista com 51 anos, manteve um casamento com Joaquim durante 12 anos. Como fruto desta relação nasceu Ana, hoje com 17 anos. Ana motivou Luana a procurar o serviço de assistência judiciária, uma vez que desejava a contribuição financeira de seu pai, através do pagamento da pensão.

Atualmente, Luana mantém uma relação estável de 9 anos com Guilherme, depois de ter ficado separada por 7 anos. Este também foi casado no passado, com Marta, e essa união permaneceu durante 16 anos. Desse casamento nasceram Fátima, Cláudia e Marcos, com 27,

24 e 20 anos respectivamente, sendo que com relação à guarda, no momento da separação, ficou estabelecido que as meninas residiriam com a mãe e Marcos com o pai.

Assim, Luana conviveu de forma diária, por um período de tempo, com Marcos. Contudo, não deixou de se aproximar de Fátima e Cláudia. Vale destacar que no momento da entrevista residiam juntos apenas Luana, Guilherme e Ana.

### Participante 2

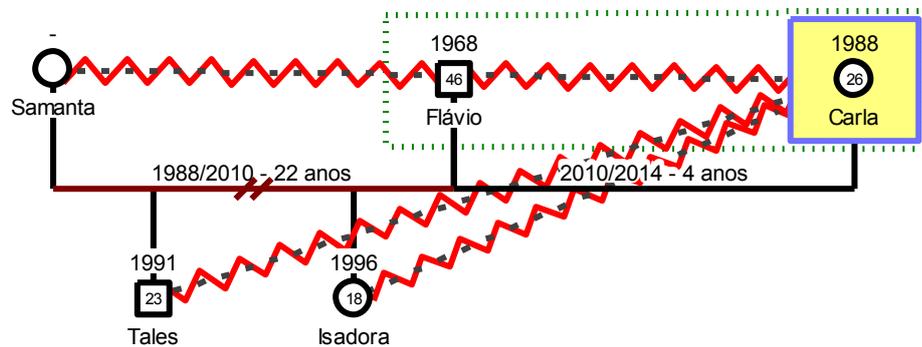


Figura 6 - Genograma da família da participante 2

Dupla	Símbolo	Falas Exemplificativas
<b>Carla - Samanta</b>	 (Relação conflitiva e distante)	<i>“ela disse que ia me pega, que ia me bater”</i> <i>“dizia que eu tinha roubado o marido dela”</i>
<b>Carla – Tales</b>	 (Relação conflitiva e distante)	<i>“Eu não consigo nem ouvi o nome”</i> <i>“me tratava assim com indiferença dentro de casa”</i>
<b>Carla – Isadora</b>	 (Relação conflitiva e distante)	<i>“ficavam me xingando, ah de que ‘tu roubou meu pai’”</i> <i>“a guria foi quem batia boca e xingava”</i>

Quadro 2 - Legenda com falas exemplificativas da participante 2

Carla: Estudante

Flávio: Motorista.

Samanta: Trabalha em frigorífico.

No ano de 2013, o companheiro de Carla – Flávio – buscou o Núcleo de Assistência Judiciária com o intuito de regularizar sua situação com a Samanta, sua esposa, uma vez que já se encontrava separado de fato depois de 22 anos de casados e mantinha outro relacionamento. Desse primeiro casamento de Flávio nasceram Tales e Isadora, com 23 e 18 anos respectivamente. Com a separação, Isadora, ainda menor de idade nesse momento, permaneceu sob a guarda da mãe, ficando Flávio responsável pelo pagamento da pensão.

No momento da entrevista, Carla e Flávio, 26 e 46 anos respectivamente, mantinham uma relação estável que perdurava por quatro anos, sendo que até esse momento não possuíam filhos desta relação. Diferentemente de Flávio, Carla não havia tido um companheiro anteriormente. Apesar desse tempo de relacionamento, os filhos de Flávio ainda não haviam conseguido aceitar esta união, mantendo uma relação conturbada com Carla.

### Participante 3

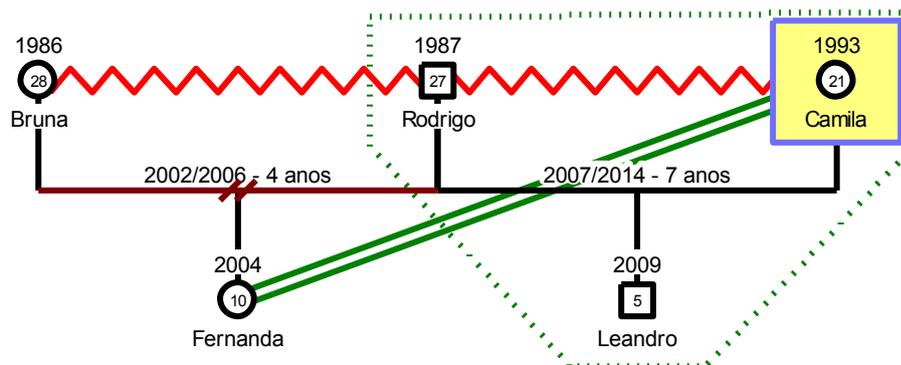


Figura 7 - Genograma da família da participante 3

Dupla	Símbolo	Falas Exemplificativas
Camila – Fernanda	 (Relação próxima)	<i>“Mas eu sempre considero ela como uma filha”</i>

<b>Dupla</b>	<b>Símbolo</b>	<b>Falas Exemplificativas</b>
<b>Camila - Bruna</b>	 (Relação conflitiva)	<i>“tá toda hora ligando pedindo coisa”</i> <i>“é pra me provocar, é pra me gerar ciúmes, sei lá, então já manda a menina vim dizê pra mim”</i>

Quadro 3 - Legenda com falas exemplificativas da participante 3

Camila: Dona de casa.

Rodrigo: Motorista.

Bruna: Caseira de chácara.

Camila tem 21 anos e há sete anos mantém um relacionamento com seu companheiro Rodrigo. Como fruto desta união nasceu Leandro, que no momento da entrevista estava com 5 anos.

Além de Leandro, Rodrigo possui uma filha – Fernanda – advinda do seu relacionamento com Bruna, a qual estava com 10 anos. Camila relata que Bruna abandonou a casa e a filha, deixando a menina com Rodrigo e sua sogra – mãe de Rodrigo.

Camila conheceu Fernanda quando esta tinha 3 anos de idade, tendo convivido com ela até seus 7 anos. Atualmente, porém, Fernanda reside com Bruna, após esta ter conseguido a guarda da menina. Devido a isso, Camila procurou o serviço de assistência judiciária para regularizar questões relativas à pensão e à visitação, uma vez que Rodrigo, de acordo com o relato de Camila, não possuía tempo livre para resolver estas pendências.

Destaca-se que Camila e Rodrigo não têm conseguido manter contato frequente com Fernanda, uma vez que ela e Bruna residem em outra cidade. Devido a isso, Camila relata que tem existido dificuldade para a manutenção da convivência.

## Participante 4

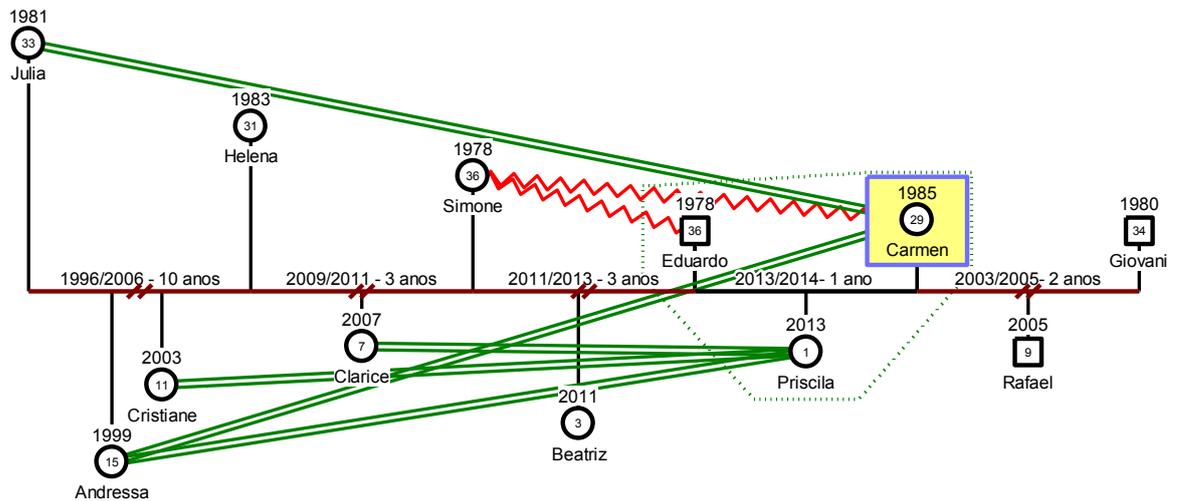


Figura 8 - Genograma da família da participante 4

Dupla	Símbolo	Falas Exemplificativas
<b>Carmen - Júlia</b>	 (Relação próxima)	<i>“eu me dô super bem com ela”</i>  <i>“eu liguei pra mãe dela [Júlia] e conversei com a mãe dela [a respeito do namoro da Andressa]”</i>
<b>Camila - Simone</b>	 (Relação conflitiva)	<i>“Aí ela me infernizava, (...) fez horrores essa mulher né. Ela só parou de me incomodar porque eu peguei ela e dei uma tunda de pau nela”</i>
<b>Eduardo - Simone</b>	 (Relação conflitiva)	<i>“ela já disse pra ele que não quer enxergar a cara dele e que ele só pode ver a Beatriz quando ela tiver com a babá (...) ela nunca deixou ele pega a guria”</i>

Dupla	Símbolo	Falas Exemplificativas
<b>Carmen - Andressa</b>	 (Relação próxima)	<i>“ela ficou de me levar o namorado pra mim conhecer, ela disse ‘não tia, eu vou trazer ele aqui porque se não fosse tu falar com a mãe né, de repente nós não tava namorando em casa hoje”</i>
<b>Clarice - Priscila</b>	 (Relação próxima)	<i>“a Priscila é pequenininha né, então qual mais que agradá. Daí a Clarice começa, essa terceira, ‘(...) porque vocês vão de duas lá, daí a Manu nem dá bola pra vocês, eu vô sozinha, é só eu que brinco com ela, ela brinca só comigo”</i>  <i>“fazem todas as vontade da Manu né, e a Manu é provalécida(...). Aí as guria ensinam ela a dança, botam música no celular, tiram foto dela”</i>
<b>Andressa - Priscila</b>		
<b>Cristiane - Priscila</b>		

Quadro 4 - Legenda com falas exemplificativas da participante 4

Carmen: Auxiliar de açougue e cuidadora.

Giovani: Servente de obras.

Eduardo: Auxiliar de serralheiro.

Julia: Atendente em padaria.

Helena: Diarista.

Simone: Operadora de caixa.

Carmen buscou inicialmente o serviço da assistência judiciária para requerer o pagamento da pensão para seu filho Rafael, este com 9 anos no momento da entrevista. Rafael nasceu da relação entre Carmen e Giovani, sendo que esta durou cerca de dois anos. Carmen e Giovani se separaram quando ela estava com cinco meses de gravidez. Mais tarde, após ficar dois anos sozinha, Carmen se envolveu com Eduardo por pouco tempo.

Nesse momento, ao mesmo tempo em que Eduardo mantinha encontros com Carmen, ele ainda morava com sua companheira Helena e já possuía três filhas: Andressa, Cristiane e Clarice, sendo que Andressa e Cristiane eram filhas de Eduardo com Julia e Clarice filha de

Eduardo com Helena. Depois de cerca de dois anos mantendo tais encontros, Eduardo se separou de Helena e Carmen acabou conhecendo João, mantendo com esse um relacionamento que durou três anos.

Em meio a isso, Eduardo conheceu Simone, após ficar três meses solteiro. Porém, enquanto Eduardo vivia com Simone, Carmen e ele reataram os encontros. Durante esse período, Eduardo e Simone tiveram uma nova filha chamada Beatriz, que no momento da entrevista tinha 3 anos.

Carmen, depois de certo tempo, acabou engravidando de Eduardo e insistiu para que ele contasse isso à Simone. Como Eduardo estava demorando a revelar a gravidez, Carmen foi até Simone para lhe contar. Depois desse episódio, Eduardo saiu de casa e foi morar com Carmen, estando junto com ela por um ano e dois meses.

Atualmente, residem com Carmen e Eduardo apenas sua filha mais nova – Priscila –, sendo que Andressa, Cristiane e Clarice convivem com o casal durante as visitas. Beatriz é a única que não se faz presente nas visitas, uma vez que Simone não deixa que Eduardo leve a menina para passar os finais de semana com ele. Rafael, primeiro filho de Carmen, mora com sua avó, próximo à residência da mãe.

### Participante 5

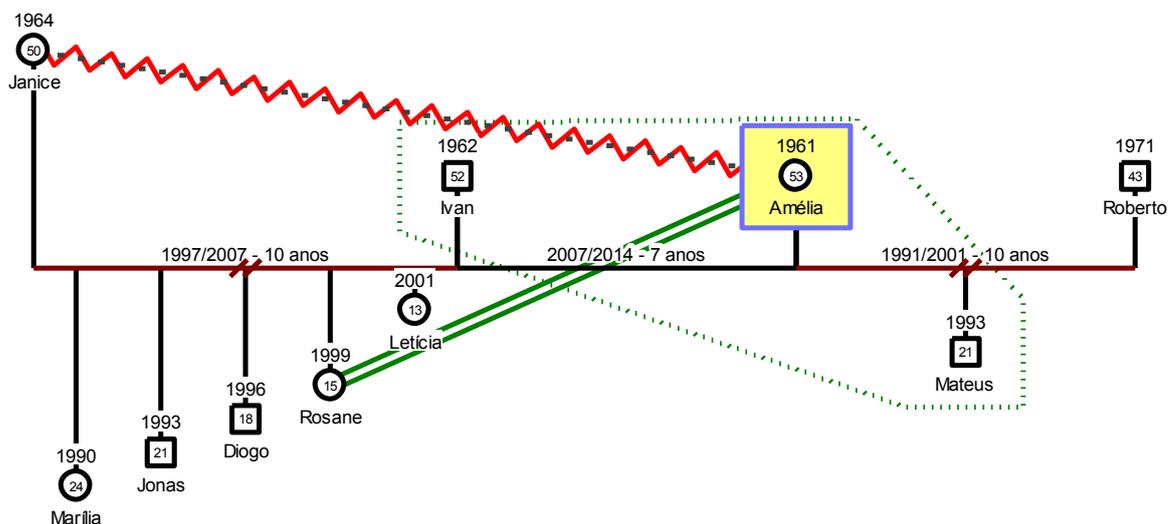


Figura 9 - Genograma da família da participante 5

Dupla	Símbolo	Falas Exemplificativas
<b>Amélia - Janice</b>	 (Relação conflitiva e distante)	<i>“ele me tratava super bem, foi um marido muito bom, não tenho queixa dele, então ela [Janice] não aceitava aquilo ali”</i>
<b>Amélia - Rosane</b>	 (Relação próxima)	<i>“ela [Rosane] é uma gurria, ela é muito querida, olha, ela é um amor de gurria, ela te faz rir se tu tá triste, ela vem com brincadeira, ela vem com palhaçada”</i>

Quadro 5 - Legenda com falas exemplificativas da participante 5

Amélia: Desempregada.

Ivan: Serviços Gerais.

Roberto: Desempregado por motivo de doença.

Janice: Desempregada – recebe auxílio doença (câncer).

Amélia buscou o serviço de assistência judiciária juntamente com seu companheiro Ivan, uma vez que este último desejava regularizar questões relativas ao pagamento de pensão. Ivan possui cinco filhos de sua relação anterior com Janice, a saber: Marília, Jonas, Diogo, Rosane e Letícia, com 24, 21, 18, 15 e 13 anos, respectivamente.

O casamento entre Ivan e Janice durou cerca de dez anos, após esse período Ivan permaneceu solteiro por 2 a 3 meses até conhecer Amélia, companheira com a qual mantém uma relação de sete anos, no momento da entrevista. Atualmente Ivan e Amélia moram juntos com Mateus, filho de Amélia com seu ex-marido Roberto.

Roberto e Amélia foram casados por dez anos, assim como Ivan e Janice. Contudo, Amélia permaneceu sozinha por cerca de seis anos até conhecer e passar a viver com Ivan. Assim como Ivan, Janice hoje está com um novo companheiro e possui um filho desta relação, conforme relata Amélia durante a entrevista.

## Participante 6

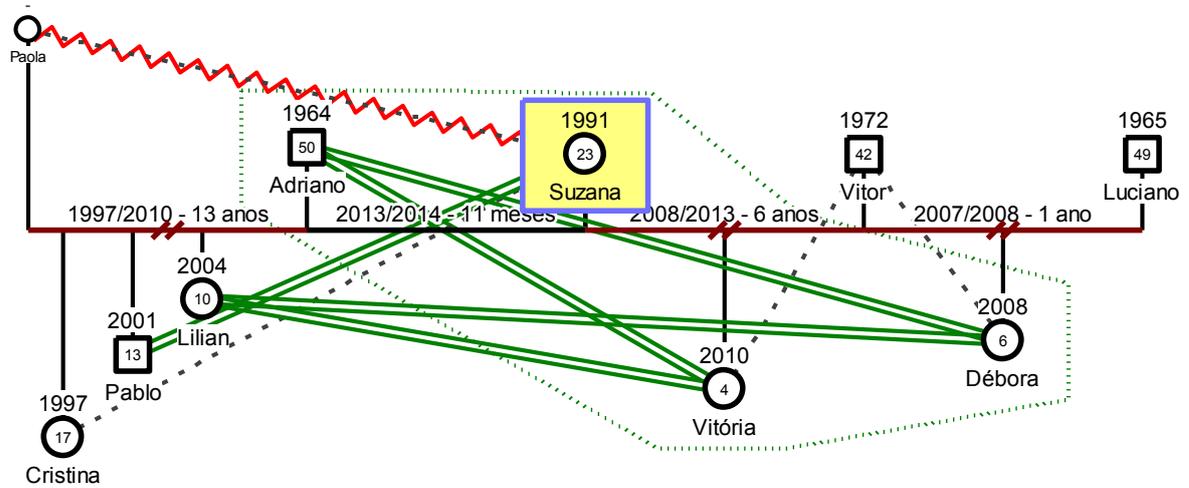


Figura 10 - Genograma da família da participante 6

Dupla	Símbolo	Falas Exemplificativas
<b>Suzana - Paola</b>	 (Relação conflitiva e distante)	<i>“ela dizia que eu maltratava as crianças, que eu podia dá nas crianças, que eu podia fazer mal com os filhos dela”</i>
<b>Suzana - Pablo</b>	 (Relação próxima)	<i>“eu jogava vídeo game com ele, a gente trocava música, a gente entrava na internet, a gente passava todo o dia, eu chegava a levar comida pra ele na cama, era muito legal”</i>  <i>“O Pablo parece que é meu filho”</i>

<b>Dupla</b>	<b>Símbolo</b>	<b>Falas Exemplificativas</b>
<b>Suzana - Cristina</b>	..... (Relação distante)	<i>“Com a de 17 anos eu não me dou muito bem, a gente nunca conversou assim, nunca conversamos, eu já tentei puxar assunto duas vezes e não deu certo”</i>
<b>Adriano – Vitória</b>	===== (Relação próxima)	<i>“eu tenho até ciúmes um pouco assim da relação deles, dos meus filhos com ele, porque o que elas precisam elas vão mais nele”</i>
<b>Adriano - Débora</b>		<i>“elas chamam de pai, eu digo pra elas ‘ele é tio (...), ele é meu marido mas é tio de vocês’, não adianta (...) não tem como ela chamar de tio, não tem como.”</i>
<b>Vitor - Vitória</b>	..... (Relação distante)	<i>“ele falou assim ‘Suzana, eu posso até te pagar a pensão, (...)mas eu quero que tu me mostre na lei onde que diz que tá obrigado eu pegar meus filhos, eu não quero pegar, eu não vou pegar”</i>
<b>Vitor - Débora</b>		
<b>Lilian - Vitória</b>	===== (Relação próxima)	<i>“Não brigam por causa do pai delas, às vezes tava as três no colo dele, eu achava engraçado aquilo, não brigam”</i>
<b>Lilian - Débora</b>		<i>“elas passam falando pra ele ‘pai, busca a Lilian, busca a Lilian pra brincar com nós’ (...) ‘vamo lá brincar na casa da Lilian”</i>

Quadro 6 - Legenda com falas exemplificativas da participante 6

Suzana: Do lar.

Adriano: Pedreiro.

Vitor: Pedreiro.

Luciano: Trabalhador rural.

Paola: Suzana não soube responder.

Adriano e sua ex-companheira Paola chegaram à assistência judiciária para regularizar questões relativas à guarda e pensão de seus filhos - Lilian, Pablo e Cristina, no momento da entrevista com 10, 13 e 17 anos respectivamente. A união do casal perdurou por 10 anos, no entanto hoje Adriano reside com sua nova esposa Suzana, após ter ficado dois anos solteiro.

Durante esse período de dois anos, Suzana relata que Paola sempre se manteve próxima, convivendo com Adriano e ajudando nas tarefas domésticas, uma vez que os filhos permaneceram residindo com o pai. Somente quando Adriano iniciou e assumiu o relacionamento com Suzana, momento no qual ela passou a residir com ele, Paola se afastou e passou a residir com seus filhos, que se mudaram tempos depois da chegada de Suzana.

Deve-se destacar que Suzana, quando mudou-se para a casa de Adriano, trouxe consigo suas duas filhas, Débora e Vitória, que hoje possuem 6 e 4 anos respectivamente. Débora foi fruto de seu primeiro relacionamento com Luciano que durou cerca de um ano. Após o término desse relacionamento, quando ainda estava grávida, Suzana deu início a uma relação. Vitor, seu novo companheiro, assumiu e registrou Débora como sua filha e mais tarde, tiveram Vitória.

Suzana relata que Vitor teve sete filhos antes de conhecê-la e que este foi o motivo do término do casamento, uma vez que tinha uma relação complicada com a mãe destes. Assim, destaca-se que Suzana ocupou o papel de madrasta em seu casamento anterior, sendo que possuía sete enteados.

## **Aspectos Éticos**

No decorrer do desenvolvimento da pesquisa foi respaldada as Diretrizes e Normas Regulamentadoras envolvendo Seres Humanos (Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), como também na Resolução nº 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia, tendo sido orientada pelos quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça. Além disso, conforme já mencionado, o estudo foi aprovado pelo comitê de ética sob o número CAAE 19825913.1.0000.5346.

Destaca-se que, em função da pesquisa ter sido realizada em um serviço de assistência judiciária, foi deixado claro para todas as mulheres que foram convidadas a participar que caso não aceitassem não haveria qualquer tipo de retaliação com relação aos seus atendimentos no local. Essa informação foi dada desde o primeiro contato conjuntamente com a explicação do que se tratava a pesquisa.

Antes do início da entrevista, novamente foram apontados os objetivos da pesquisa e a responsabilidade da pesquisadora quanto ao sigilo acerca da identidade das participantes, sendo disponibilizado o contato da mesma para que caso houvesse qualquer eventualidade posterior, elas também pudessem entrar em contato. Também, deixou-se clara a possibilidade de desistência, aspecto que foi levantado desde o momento em que a pesquisa foi apresentada e também no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual se referia, em linguagem clara e compreensível, às informações e esclarecimentos dos objetivos e procedimentos do estudo.

Pretende-se, após a defesa dessa dissertação, realizar a devolução dos resultados às participantes do estudo por meio de um encontro agendado com todas as mulheres que integraram a pesquisa. Além disso, também serão disponibilizados ao local os resultados alcançados e possíveis propostas de intervenção com esse público.

## **ARTIGO 1**

### **A NOVA MADRASTA: AS ALEGRIAS E OS DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO COM OS ENTEADOS**

## **A nova madrasta: as alegrias e os desafios na construção da relação com os enteados**

### **Resumo**

O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa, a qual teve por objetivo investigar a relação entre a nova companheira do pai e seus enteados. Para tanto, integraram esse estudo seis mulheres que vivenciavam um relacionamento estável com um homem que possuía filhos de um relacionamento anterior. Os dados foram coletados em um encontro com cada participante, no qual foi construído o genograma da família, com o auxílio de uma ficha de dados de identificação. Além disso, foram utilizadas entrevistas semidirigidas de questões abertas, tendo sido analisadas por meio da análise de conteúdo temática. Destaca-se que a análise das entrevistas também possibilitou a finalização dos genogramas. Como resultados, evidencia-se que as participantes tendem a indicar uma experiência positiva nessa relação, não se identificando com a figura da madrasta tradicional. Além disso, foi possível constatar a necessidade de uma reorganização frente a nova dinâmica familiar. Como entrave para a construção desses vínculos, identificou-se o suposto poder da mãe e o conflito de lealdade que os filhos vivenciavam.

Palavras-chave: Madrasta; relações familiares; família

## **The new stepmother: the joys and challenges in the construction of the relationship with stepchildren**

### **Abstract**

This article presents the results of a qualitative study which aimed to investigate the relationship between the new father's partner and his stepchildren. Therefore, this study integrated six women who experienced a steady relationship with a man who had children from a previous relationship. The data were collected on a meeting with each participant on which the genogram of the family was built, with the aid of an identification data sheet. In addition, semi-structured interviews with open questions were used and analyzed through thematic content analysis. It is noteworthy that the interviews analysis also enabled the completion of the genograms. As a result, it is concluded that the participants tend to indicate a positive experience in this respect by not identifying themselves with the traditional stepmother figure. Furthermore, we determined the need for a reorganization regarding the new family dynamics. The supposed power of the mother and the conflict of loyalty that the children experienced were identified as an obstacle to the construction of these bonds.

Keywords: Stepmother; familiar relationship; family

## Introdução

Até o século XX as famílias resultantes de uma nova união eram fruto da viuvez de um dos cônjuges. Com a possibilidade do divórcio instaurada no Brasil através da Lei do Divórcio de 1977, esta situação se alterou, possibilitando o aparecimento de novos arranjos familiares, os quais passaram a se constituir a partir de múltiplas relações (Grisard Filho, 2010).

Através dessas novas configurações possíveis, a madrasta passou a entrar em cena no contexto familiar como uma nova experiência conjugal do pai. Destaca-se, portanto, que a madrasta de outrora, a qual aparecia após a morte da mãe, passa a assumir um lugar diferente na relação com os filhos do companheiro, os quais contam também com a presença dessa mãe de sua mãe biológica. Considerando que é a mãe quem ainda detém, em sua maioria, a guarda dos filhos nas situações pós-divórcio (Brito, 2014; Grisard Filho, 2010), é possível conjecturar que a madrasta na contemporaneidade, na maioria dos casos, exerce seu papel à distância (Lobo 2009).

Contudo, apesar da tendência de que haja uma prevalência de configurações familiares distintas daquela composta pelo núcleo pai, mãe e filhos, existe ainda uma presença forte de estigmas que cercam estas novas famílias. Em relação à figura da madrasta, esta foi muito bem apresentada pelos contos infantis disseminados mundialmente como, por exemplo, Cinderela, João e Maria, Branca de Neve, nos quais essa personagem estava atrelada a características de maldade, crueldade e o personagem do enteado era tido como infeliz (Bernstein, 2002; Church, 2005; Falcke & Wagner, 2000; Ribeiro, 2005). Apesar dessa concepção relatada nos contos estar relacionada à madrasta quando a mãe já não se fazia mais presente, tal representação parece ainda se manter viva no cenário atual.

Esse rótulo negativo que a nova companheira do pai carrega também está relacionado à idealização da mãe, que é reconhecida como uma figura insubstituível em sua função (Brun, 2010). Apesar desse entendimento em relação à impossibilidade de outra pessoa exercer o papel

materno, outra referência que se tem é de que a madrasta é a substituta da mãe, e que, diante disso, deve ser perfeita para suprir uma possível carência dos enteados (Church, 2005; Falcke & Wagner, 2000).

Diante dessa concepção histórica, que também perpassa o imaginário das próprias madrastas no contexto atual, pode-se pensar que, muitas vezes, o seu comportamento diante dos enteados é de submissão as suas demandas, principalmente no início do relacionamento com o novo companheiro, numa tentativa de se afastar do estereótipo negativo de figura ameaçadora (Ribeiro, 2005). Pode-se compreender a partir disso que assim como ocorre a dificuldade em nomear estes novos arranjos familiares, a ausência de nomes mais adequados para identificar esses membros, no contexto atual, poderá vir a influenciar o estabelecimento do papel a ser desempenhado (Brun, 2010).

No que se refere à relação entre madrastas e enteados, um dos obstáculos que pode se fazer presente nessa construção diz respeito à presença da mãe que em determinadas situações poderá criar dificuldades para que este vínculo se estabeleça (Brun, 2010; Falcke, 2002). Neste sentido, a mãe poderá “ficar enciumada, por exemplo, da fecundidade do segundo casamento do ex-marido e da afeição de seu filho pela rival vencedora” (Dolto, 1989/2011 p.66). É neste cenário que a ex-companheira poderá gerar conflito para o estabelecimento desta nova relação, já que a nova mulher será a substituta e terá a chance, que ela já não possui, de vivenciar a satisfação conjugal ao lado deste homem, principalmente naquelas situações em que a separação foi uma decisão que partiu do companheiro (Guimarães & Amaral, 2008).

Com relação a esse aspecto, Valentim de Sousa e Dias (2014) assinalam que os genitores são importantes para o estabelecimento de um vínculo saudável entre madrasta e enteados. Nessa situação, caso a mãe aceite a nova relação de seu ex-companheiro, possibilitará aos filhos um envolvimento com esse novo membro da família sem culpa de estar ferindo os sentimentos dela.

Para este processo de adaptação do novo membro por parte dos filhos advindos da união anterior, um dos aspectos que parece ter relevância é o tempo de convivência (Bernstein, 2002; Brun, 2010; Church, 2005; Claro; Kirby & Muller, 1993; Costa & Dias, 2012; Wagner & Féres-Carneiro, 2000). De acordo com pesquisa realizada por Costa e Dias (2012), a qual buscou conhecer a experiência do recasamento de homens e mulheres residentes na cidade de Recife, é em torno dos quatro anos que esta nova família passa a se sentir coesa e integrada. Nesse sentido, Valentim de Souza e Dias (2014) também enfatizam que a convivência é fundamental para a possibilidade de criação de um vínculo saudável.

Esse período de adaptações irá demandar do pai paciência e compreensão, entendendo que estes laços que envolvem sua atual companheira e seus filhos, não se dão de forma automática, em circunstância semelhante à da sua própria paixão, mas que deverão ser construídos com a dedicação e investimento por parte de todos os envolvidos (Bernstein, 2002; Brun, 2010; Falcke; Wagner, 2000). Além disso, outros fatores como a idade, a residência principal dos filhos, a modalidade da guarda adotada, além das circunstâncias que motivaram a separação, são aspectos que exercerão influência no modo como se dará o relacionamento entre enteado e madrasta (Claro; Kirby & Muller, 1993; Mcgoldrick & Carter, 1995; Soares, 2011; Valentim de Sousa & Dias, 2014).

No que se refere à residência dos filhos, este é um aspecto que se mostra central para a presença ou ausência de conflitos (Soares, 2012). Nesse sentido, Placier e Velasco (1989) pontuam que quando os pais negam a coexistência dos dois núcleos familiares, os filhos muitas vezes poderão ficar confusos, já que podem entender que ao estarem residindo com a mãe, estariam rejeitando o pai, ou ao contrário, se estiverem residindo com o pai, estariam rejeitando a mãe. Este aspecto poderia ser superado, segundo os autores, quando os filhos atingissem a idade adulta, momento no qual teriam sua própria residência e ambos os sistemas familiares se tornariam “neutros”, o que minimizaria a ocorrência de conflitos.

Além disso, o momento da entrada de um novo companheiro na família pós-divórcio poderá constituir para os filhos uma barreira para a concretização da sua fantasia de ver seus pais unidos novamente. Essa consolidação do rompimento da união dos pais, resultado da nova relação, poderá desencadear hostilidades direcionadas a(o) parceira(o) do pai/mãe, sendo estas também reveladoras de uma tentativa dos filhos de manter certa distância, evitando assim, um possível sofrimento em caso de uma nova separação (Maldonado, 1987; Soares, 2009; Souza, 2000).

Apesar da existência desses conflitos, compreende-se que esses devem ser tomados como um processo de criação do próprio perfil da família em questão, podendo assumir direções distintas, não devendo ser compreendidos como definitivos e imutáveis (Brun, 2010). Além disso, observa-se que as expectativas direcionadas à figura da madrasta, seja como sinônimo de pessoa má ou como uma substituta ideal da mãe, são fatores que interferem na construção de relações saudáveis dentro das famílias recasadas (Church, 2005; Falcke & Wagner, 2000). Será necessário, portanto, que esta nova família crie uma forma própria de se relacionar e organizar, a partir de sua própria demanda, e isso será possível somente com o passar do tempo (Brun, 2010; Costa & Dias, 2012).

Com a transposição desses conflitos inerentes às transformações no contexto familiar é possível encontrar um ambiente profícuo ao bom desenvolvimento familiar conforme salientam Valentim de Sousa e Dias (2014). De acordo com pesquisa realizada por essas autoras, a qual teve como objetivo compreender as concepções de jovens adultos a respeito do recasamento de um ou ambos os pais, foi possível perceber que essa experiência familiar trouxe como resultado uma maior maturidade e também uma valorização da família e das demais relações afetivas por parte dos filhos. Além disso, na pesquisa citada, os participantes apontaram mais aspectos positivos do que negativos em relação a essa vivência de recasamento dos pais.

Diante disso, esse estudo teve como objetivo investigar a relação entre a madrasta e seus enteados, considerando a presença dessas relações no contexto das famílias recasadas.

## **Método**

### *Delineamento*

Com o intuito de atingir os objetivos propostos, realizou-se uma pesquisa qualitativa. Essa escolha se deu em razão da complexidade que envolve a temática das famílias recasadas, a qual pode ser melhor explorada por essa modalidade, uma vez que a pesquisa qualitativa busca identificar os significados presentes na vida individual e coletiva (Minayo, 2013). De acordo com Gomes (2012), o objetivo da pesquisa qualitativa é a exploração de opiniões e representações sociais sobre a temática que se busca investigar. Nesse sentido, essa abordagem não busca quantificar o fato, mas analisá-lo a partir da perspectiva das pessoas que estão envolvidas no fenômeno (Minayo, 2013).

### *Participantes*

Participaram desse estudo seis mulheres que vivenciavam um relacionamento estável com um homem que possuía filhos de um relacionamento anterior. Todas elas ou seus parceiros foram usuários do Núcleo de Assistência Judiciária da Universidade Federal de Santa Maria, serviço que atende uma população com renda de até três salários mínimos. As participantes foram incluídas de forma proposital, intencional ou deliberada (Turato, 2003). Essa escolha se deu em razão da busca por informantes que pudessem contribuir com a temática, em oposição à amostragem estatística que tem como fundamento representar significativamente uma população total.

Com relação à idade das entrevistadas, quatro delas possuíam menos de 30 anos e duas mais de 50 anos, sendo que essas idades estiveram entre 21 a 53 anos. O tempo de união entre as participantes e seus companheiros variou entre 11 meses a 9 anos. O número de enteados que cada uma possuía também foi bastante diverso, variando entre 1 a 5.

No que tange à ocupação, apenas uma estava com vínculo empregatício no momento da realização da entrevista, enquanto as demais dedicavam-se ao lar e uma delas era estudante universitária. Das seis participantes duas não possuíam filhos de um relacionamento anterior, porém somente uma delas ainda não era mãe, uma vez que a outra já possuía um filho fruto da união atual.

### *Instrumentos e procedimentos*

Para a realização da coleta dos dados foram utilizados como instrumentos a ficha de coleta dos dados de identificação, o genograma e a entrevista semidirigida de questões abertas (Turato, 2003). Num primeiro momento, foi preenchida a ficha de coleta dos dados de identificação e a partir desses dados, na presença da participante, foi construído o genograma – somente ilustrando a configuração familiar.

Na sequência, foi realizada a entrevista, a qual deu suporte a elementos importantes para a finalização do genograma. Os tópicos que guiaram a entrevista foram: a) A história da família; b) A experiência familiar atual; c) A relação com os enteados; d) A relação com a ex-companheira do cônjuge. Dessa forma, os recursos técnicos foram utilizados de forma complementar com o objetivo de ampliar compreensão do fenômeno.

### *Análise dos dados*

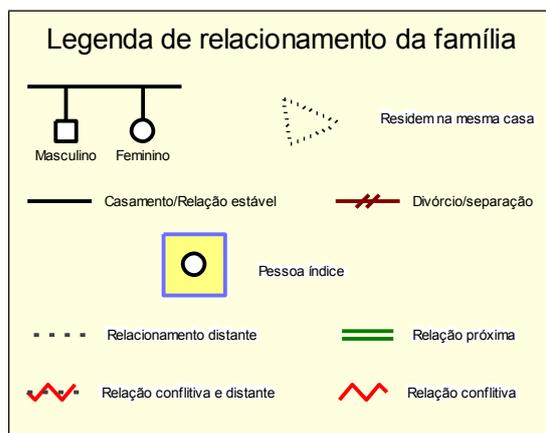
A técnica utilizada para a análise de dados da entrevista semidirigida foi a análise de conteúdo temática. As etapas propostas por Gomes (2012), para a sua realização compreendem os seguintes eixos: leitura; exploração do material e síntese interpretativa. Partindo dessa concepção, no primeiro momento foi realizada uma leitura para a familiarização com o material e elaboração dos pressupostos iniciais. Posteriormente, realizou-se a classificação de trechos na busca pelos núcleos de sentido. Ao final, foi realizada uma articulação entre os temas classificados com os objetivos propostos na pesquisa.

Ressalta-se que tal análise subsidiou a conclusão da construção do genograma, possibilitando incorporar os símbolos que dizem respeito a dinâmica das relações nas famílias, a partir do olhar da participante. Estes símbolos foram os propostos pela padronização feita por McGoldrick e Gerson em 1985<sup>4</sup> (McGoldrick & Gerson, 1995).

Destaca-se que o estudo atendeu a todas as exigências da ética em pesquisa segundo a resolução n.466/2012, obtendo aprovação CAEE 19825913.1.0000.5346 pelo Comitê de ética em Pesquisa da Instituição na qual as pesquisadoras estão vinculadas. Além disso, todas as participantes ficaram cientes do objetivo do estudo e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Com o objetivo de preservar a identidade das participantes, todos os nomes aqui apresentados são fictícios.

---

4



## Resultados e discussão

Os resultados deste estudo serão apresentados em três categorias, quais sejam: 1. “Madrasta eu não me considero”: o desejo de se desvincular dessa nomenclatura; 2. “Se tu quer a porca tu quer os leitãozinho”: a construção de vínculos afetivos entre a nova mulher do pai e seus enteados; 3 “Se eu não tô em casa eles vão tudo lá”: Dificuldades encontradas na relação com os enteados. A primeira categoria trará a perspectiva de que as mulheres entrevistadas não se identificam com a figura da madrasta numa perspectiva mais tradicional. Já a segunda, buscará abordar os aspectos de bom convívio estabelecidos entre as participantes e seus enteados. Por fim, a terceira categoria irá tratar das dificuldades desse convívio e as possíveis explicações para esse comprometimento na relação com os enteados.

### *1. “Madrasta eu não me considero”: o desejo de se desvincular dessa nomenclatura*

Assim como existe a dificuldade em nomear as famílias resultantes de uma nova união após o divórcio, a personagem que entra em cena nesta nova família também carece de nomenclatura mais adequada (Brun, 2010). A madrasta, figura presente desde o imaginário infantil através dos contos, entrava em cena em uma configuração familiar na qual a mãe se fazia ausente e com isso poderia fazer todas as maldades e desmandos com os filhos do marido, os quais deveriam se submeter a tal tirania (Bernstein, 2002; Falcke & Wagner, 2000).

Diante dessa construção, a concepção de madrasta como pessoa cruel e maldosa, parece ainda se fazer presente, mesmo na fala das entrevistadas. Os recortes a seguir confirmam os achados da pesquisa de Church (2005), que teve como participantes 104 madrastas de classe

média do Canadá, uma vez que identificou que essas mulheres também vinculavam o nome madrasta a essa figura má dos contos infantis.

*“(...) não me sinto madrasta, porque madrasta parece que é um nome, madrasta parece que já é má sabe, esse nome madrasta, eu não gosto nem do nome madrasta sabe?!”*(Suzana, 23)

*“se elas me chamam de madrasta eu vô puxá o cabelo delas, (...)eu digo ‘madrasta não, porque madrasta é quem é ruim e eu não sô ruim, eu sô boa pra vocês’ ‘é tia, tu não é ruim’ eu digo, é então tá, ‘eu que sonhe que vocês tão me chamando de madrasta por ai que vocês vão vê só’”* (Carmen, 29)

Conforme ilustram as falas anteriores, as participantes não se sentem vinculadas a essa nomenclatura, uma vez que consideram que a madrasta “é ruim” ou “já é má”, ou seja, a madrasta segundo suas concepções é inerentemente maldosa. Parece haver o entendimento que somente se fossem realmente más com seus enteados é que seriam merecedoras desse nome.

*“Com a Fernanda, agora, eu me sinto uma madrasta, porque...não pelo que eu faço, uma que eu vejo pouco a Fernanda, sabe, é duas vez por ano ou, as vez, uma. Então quando ela vem ali em casa ela já tá assim bem revoltada, com a mente bem assim...então (...), pra mim se aproxima dela é quase nos últimos dias que ela vai embora, que ela tá mais calma”* (Camila, 21)

É possível perceber com o recorte anterior que nesse momento Camila se considera madrasta, uma vez que a sua enteada não se comporta como antes – período em que ambas residiam juntas e Camila assumia os cuidados maternos. Fernanda, ao se portar de maneira “revoltada” nos períodos de visita, indica para Camila que uma relação que não é boa, próxima e afetiva está mais associada ao que seria uma relação entre madrasta/enteada. Dessa forma, torna-se evidente a diferenciação proposta por essa e pelas demais entrevistadas com relação ao vínculo estabelecido e a denominação a ser utilizada.

*“mas eu digo ‘eu não quero sê madrasta, eu quero sê amiga de vocês’, eu digo, ‘a gente tem que sê amiga uma da outra que é pra gente poder conversar sobre tudo, a hora que for, o dia que for, o que vocês quiserem fala comigo e vocês não tiverem coragem de fala com o pai e com a mãe, vocês podem chega na tia pra nós conversa, que a gente é amiga”* (Carmen, 29)

*“ela me chama de tia, é tia pra lá, é tia pra cá”* (Amélia, 53)

Conforme já assinalavam Bucher e Rodrigues (1990), no Brasil tem-se utilizado a terminologia tio e tia para nomear esse novo membro da família, o que pode tornar ainda mais complexa a questão, uma vez que essa também é a denominação utilizada para outras pessoas próximas à criança. Contudo, parece que no contexto referente às falas anteriores, essa designação viria ressaltar a construção de um vínculo que indicaria a proximidade e a boa convivência de Carmen e Amélia com suas enteadas.

Ainda nesse sentido, uma das participantes também enfatiza essa diferenciação contrapondo a relação de amizade ao papel desempenhado pela madrasta. Diante disso, conforme o relato a seguir, fica evidente a conotação negativa do termo e o desejo que Carla parecia ter inicialmente em construir uma relação saudável com seus enteados, até mesmo em razão da proximidade de idade, o que não representaria para ela exercer a função de madrasta.

*“eu pensava assim, que tá, ele ia ter filhos tal, tal, mas que ia ser, tipo assim, parece que eu não ia tratar eles como madrasta ou coisa assim, mas como amigo sabe, tipo, tivesse uma amizade sabe, porque eles são quase da mesma minha idade, o guri pelo menos né”* (Carla, 26)

Referente a esse aspecto, apesar de no direito brasileiro ainda não haver um nome específico para designar essas figuras, muitas vezes a doutrina jurídica do Direito de Família tem lançado mão da nomenclatura *mãe* ou *pai afim* para nomear o exercício desempenhado por madrastas/padrastos na atenção aos filhos do companheiro(a) (Grisard Filho, 2010). Em

contrapartida, parece que essa denominação não se incorporou ao cotidiano dessas famílias, conforme é possível perceber nos recortes apresentados. Em especial na fala seguinte, Luana parece não encontrar um termo que pudesse dar conta de nomear sua função, utilizando-se da denominação “*pessoa íntima*” para se referir ao papel que desempenha na família.

*“madrasta eu não me considero, eu me considero uma pessoa íntima assim que sempre nas horas que elas precisaram, vim até a mim, sempre, sempre, sempre, relação, filho, sempre elas vinham pra mim, talvez pra mãe delas também, não sei, mas pra mim sempre chegavam primeiro, não tinha constrangimento. Foi sempre boa a relação né.”*

(Luana, 51)

Conforme salienta Grisard Filho (2010), diante dessa desqualificação do termo *madrasta*, assim como dos outros nomes que permeiam a família recasada como *padrasto* e *enteados*, o que ocorre é uma resistência ao uso dessas expressões. Por meio dessa resistência, segundo o autor, estaria sendo evitado atrelar tais denominações à nova família para afastar a herança negativa que os mesmos carregam.

Diante disso, Soares (2012) afirma que a nomenclatura usada para nomear esse lugar vai muito além de um simples termo, mas vai dizer de uma relação e uma função estabelecida nessas famílias. Nesse sentido, destaca-se que os resultados desse estudo já parecem corroborar com o entendimento de Bucher e Rodrigues (1990) uma vez que os autores apontam que as expectativas vinculadas ao exercício dos papéis dentro da família perpassam e se mantêm através da linguagem.

Nesse caso, tornou-se evidente a ligação entre o termo *madrasta* e o rótulo negativo que carrega, o qual se mantêm até os dias atuais. Em razão disso, foi possível perceber o intuito das participantes em se afastar desse estereótipo cultural.

**2. “Se tu quer a porca tu quer os leitãozinho”: a construção de vínculos afetivos entre a nova mulher do pai e seus enteados**

Diversos são os atravessamentos que poderão surgir no decorrer da convivência entre a nova mulher do pai e os seus enteados. Muitas vezes, em função da dificuldade das crianças e adolescentes em compreender a separação dos pais, poderá se estabelecer empecilhos para a construção de uma convivência harmoniosa entre os filhos e este novo membro da família (Brun, 2010).

Apesar dessas limitações que podem se estabelecer na dinâmica das famílias recasadas, especialmente no início do relacionamento, as participantes descreveram, em grande parte, os aspectos mais positivos de suas vivências com seus enteados. Essa boa convivência experimentada parece ter relação com o entendimento, por parte das participantes, de que os filhos surgiram antes desse novo relacionamento e que por isso devem ser concebidos como parte integrante dessa nova união.

*“porque quando eu conheci ele eu já sabia que ele tinha elas, né, então como é que eu ia dizê... como eu digo ‘se tu quer a porca tu quer os leitãozinho’, eu já sabia que ele tinha todas, (...) como é que eu ia querê o pai e não aceita as filha?! Né, então não, tinha que aceita elas, da mesma forma que eu aceitei o pai tinha que aceita elas também. E eu acho que é por isso que a gente se dá bem né, até agora.”* (Carmen, 29)

*“eu sempre quis bem os filhos dele.(...)não tinha isso de ‘ah é teu filho, te vira’, não, a gente tava sempre junto né no que precisasse.”*(Luana, 51)

Essa concepção trazida pelas participantes vem reforçar o entendimento partilhado por diversos autores (Corso & Corso, 2011; Falcke, 2002; Féres-Carneiro, 1998; McGoldrick & Carter, 1995; Soares, 2011) no sentido de compreender que é necessário nessas famílias um rearranjo que possibilite a criação de um espaço para o novo membro.

*“Porque elas conversam comigo, a Andressa essa aí a mais velha que tem 15 anos, ela tá namorando agora, tem um namoradinho, e ela não falô nem pra mãe e nem pro pai que namorava, daí ela foi lá pra casa no final de semana e conto pra mim.”* (Carmen, 29)

*“Mas a Rosane é uma guria assim oh, eu digo guria porque perto de mim ela é uma guria, ela é muito querida, olha, ela é um amor de guria, ela te faz rir se tu tá triste, ela vem com brincadeira, ela vem com palhaçada.”* (Amélia, 53)

Diante desses relatos é possível perceber a aceitação por parte de Carmen e Amélia em relação às suas enteadas bem como a confiança e o carinho que as participantes percebem ser direcionados a elas, demonstrando o bom convívio e a proximidade que permeia essa relação. A expressão desses sentimentos confronta os dados obtidos na pesquisa realizada por Ribeiro (2005), a qual teve por objetivo investigar na cidade do Rio de Janeiro as relações entre padrastos/madrastas e seus enteados, uma vez que não identificou uma maior abertura no que se refere aos afetos nas famílias alvo do estudo.

Vale ressaltar que, embora o contato entre elas seja vivenciado apenas nos períodos de visitas, isso não teria impossibilitado a construção de um vínculo saudável entre as mesmas. Este aspecto parece ir de encontro aos resultados da pesquisa empreendida por Valentim de Sousa e Dias (2014), a qual buscou compreender as percepções de filhos acerca das vivências do processo de separação e recasamento de seus pais, já que identificou que o contato apenas nos momentos de visita traria dificuldade ao estabelecimento de um vínculo afetivo. Deve-se enfatizar que em todos os casos da pesquisa, no momento em que foram realizadas as entrevistas, as participantes exerciam seu papel à distância na maior parte do tempo, já que as mães detinham as guardas dos filhos ou esses já viviam sozinhos.

*“Aí eu dizia assim pra ele [o pai de suas enteadas] me dizer se as gurias vêm ou não vêm porque eu tenho que fazer isso, eu tenho que fazer aquilo, (...) esses bolo assim batido*

*que elas mais adoram que é quase bolo de aniversário, eu sempre tava inventando uma coisa ou outra, pra agradar elas né (...)Era uma coisa que eu tinha prazer de fazer [referindo-se ao cuidado da casa para a chegada das enteadas] sabe, eu gostava de fazer sabe, até hoje se elas vão lá pra casa, eu tenho adoração de fazer.” (Amélia, 53)*

*“Aí quando ela vai embora, ela não quer ir, no último dia eu digo ‘Fernanda, amanhã tu vai embora’ ah ela começa a chorá, que dormi com nós, porque eu sempre digo pro meu marido ‘o último ou o penúltimo dia da Fernanda ficá lá em casa, bota os dois dormi na nossa cama né’, o irmão dela e ela, pra ela se senti assim, acolhida né. (...)pra ela aproveitá mais né.” (Camila, 21)*

Diante das falas apresentadas, parece que o sentimento de pertencimento na família não está relacionado somente à residência principal dos enteados, mas principalmente ao movimento necessário por parte de todos os membros no sentido de investir nessa construção, conforme já ressaltado por diversos autores (Bernstein, 2002; Brun, 2010; Falcke & Wagner, 2000). Diante disso, apesar de o estudo não ter entrevistado os filhos, os dados apresentados parecem contrastar o que Wagner e Féres-Carneiro (2000) encontraram em sua pesquisa, a qual teve por objetivo conhecer quem os adolescentes de famílias nucleares e recasadas consideravam membros de suas famílias, uma vez que as autoras identificaram que os jovens utilizaram-se do fator coabitação para dizer quem pertencia a sua família.

Nesse sentido, Gomes (2009) enfatiza que caberá a esse novo casal (pai e sua nova companheira) se comprometer pela busca da coesão do grupo familiar e isso só será possível com a união e cumplicidade de ambos. Será com esse fortalecimento e unicidade que as dificuldades e entraves poderão ser superados, garantindo uma maior harmonia na dinâmica familiar e, conseqüentemente, uma maior proximidade entre os membros da família. Destaca-se assim a importância dessa construção que exigirá paciência e doação por parte de todos.

Com relação a esse aspecto, uma das participantes relata a dificuldade que vivenciou durante o primeiro encontro com sua enteada e a maneira como lidou com a situação. É possível perceber na fala seguinte o que alguns autores (Bernstein, 2002; Brun, 2010; Costa & Dias, 2012; Wagner & Féres-Caneiro, 2000) já vêm destacando quando afirmam que estes laços não se estabelecem instantaneamente, mas precisam de certo tempo para se concretizar:

*“no primeiro dia é muito estranho sabe, de tu vê ali um pedaço da mãe dela, sabe, tu vê que é outra mulher que ele teve, e tu tenta não sentir mágoa, não senti nada pela menina, tem que vê que a menina é um inocente que não tem nada a vê. Então no primeiro dia eu só olhava pra ela, olhando o que ela tava brincando, e olhava pra ela e ela com aquele bico, (...) eu olhava pra ela brincando no chão e me perguntava ‘o que que eu tô fazendo aqui?’ sabe, porque eu gostei do pai, mas eu tava pegando uma filha também né, e daí eu olhava pra ela e aí eu fui me apegando e ela começou a me chama de mãe (...) como ele nunca teve muita namorada né, e aí ela começou ‘então é minha mãe’”.*  
(Camila, 21)

Diante da fala anterior, é notável a dificuldade experimentada por Camila em função do sentimento despertado nesse primeiro contato. Conforme é possível perceber, há um estranhamento e o sentimento da presença de um passado constante através da figura da enteada. Nesse relato se reconhece o empenho que foi necessário por parte da participante na tentativa de separar esse sentimento de sua relação com a filha de seu novo companheiro.

Conforme assinala Brun (2010), a partir dos desconfortos trazidos por esses sentimentos que retomam o passado, poderá ser criado um espaço de competição envolvendo os dois núcleos familiares, o anterior e o atual. Segundo a autora, esse sentimento poderá despertar a busca pela legitimação desse novo relacionamento, a qual pode vir a se apresentar na figura de um novo filho. Essa decisão de gerar um filho realmente ocorreu nesse caso em questão (ver Figura 11), apesar disso é possível perceber um movimento, por parte de Camila, no sentido de distanciar

os seus sentimentos que envolvem o âmbito da conjugalidade e a nova relação com sua enteada, aspecto que se traduz na seguinte fala: “mas aí como eu me aproximei da Fernanda e ela começou a me chamá de mãe e dormia comigo, era agarrada comigo, eu me aproximei dela.” (Camila, 21)

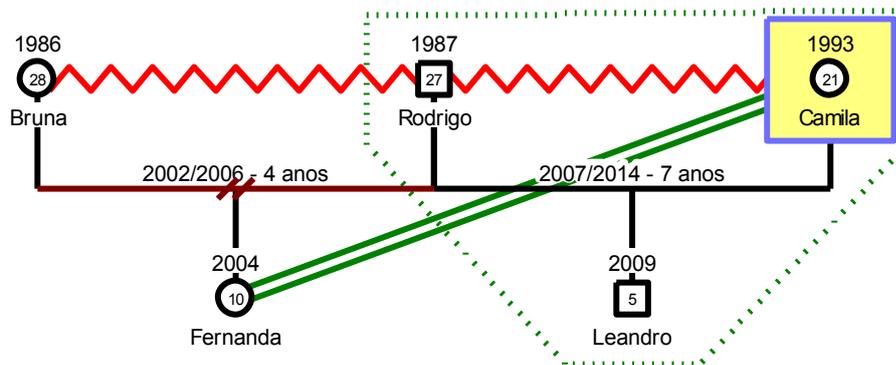


Figura 11. *Genograma da Família da Participante Camila*

Apesar da fala anterior demonstrar superação em relação ao conflito subjetivo desencadeado no primeiro contato com Fernanda, é possível observar certa confusão em relação ao papel ou função exercida por Camila em sua família. Essa questão pode ser percebida quando a entrevistada declara que era chamada de mãe por sua enteada.

No que diz respeito a esse aspecto, autores (Brito, 2014; Féres-Carneiro, 1998; Magalhães, Féres-Carneiro, Henriques & Travassos-Rodriguez, 2013; Grisard Filho, 2009; McGoldrick & Carter, 1995) concordam sobre a importância em separar a conjugalidade da parentalidade e preservar essa última apesar da construção de novos relacionamentos, conforme já referido anteriormente. Nesse sentido, ao mesmo tempo que se espera que o pai/mãe mantenha convívio com os filhos que não residem com ele(a) após a separação, é esperado que o novo cônjuge não assuma funções que anulem o exercício parental do outro. Com relação a esse ponto, uma das participantes deixa claro em sua fala como vê sua participação na vida de seus enteados:

*“(...) quando elas tavam revoltada com a mãe delas elas diziam que eu era muito mais melhor que a própria mãe, eu disse ‘não, eu não sou melhor que a mãe de vocês, eu faço o meu papel que eu tenho que fazer, eu trato bem vocês’” (Amélia, 53).*

Diante da fala trazida por Amélia, é possível perceber a definição que a mesma traz a respeito dos limites que envolvem a sua participação na família. Ao mesmo tempo em que compartilha na entrevista a afetividade que tem com os filhos de seu marido, entende que não deve competir com o papel exercido pela mãe, sendo sua função complementar a daquela. Nesse sentido, Luana aponta sua função como *“segunda mãe”*, enfatizando a importância do lugar que ocupa, porém sem anular, a importância da mãe para seus enteados.

*“como a gente sempre conviveu (...), eu me sentia bah, eu acho que a segunda mãe né, não tinha assim como tu não te preocupar, como tu não querer, ali presenciar os problemas, não tinha como, vinha, vinha à tona, vinha pra gente, vinha no meio da noite, vinha a qualquer horário né, então não tinha como a gente fugir daquilo ali” (Luana, 51)*

Nesse sentido, Gomes (2009) enfatiza a necessidade da valorização da parentalidade, com a preservação da função materna e paterna, sem desconsiderar os novos cônjuges e seus possíveis filhos. A partir dessa articulação, será imprescindível que cada integrante ceda em certa medida para que se construa um ambiente em que possam transitar todos os membros da família. A fala seguinte parece ilustrar essa dinâmica familiar, evidenciando que o movimento deve ocorrer não apenas na família recasada que possui a guarda dos filhos, mas também naquela que recebe esses filhos nos momentos de visita:

*“Esse final de semana passado elas não foram, mas esse que vem elas já vão né. Aí brigam porque querem ir as três, aí eu digo ‘mas não tem lugar pra todo mundo’, aí um final de semana vem a Andressa e a Cristiane, que são irmãs, e aí vem outro final de*

*semana que vem a Clarice sozinha (...) mas elas são muito querida as guria, gosto muito delas, graças a Deus a gente se dá bem né.” (Carmen, 29)*

A partir dessa fala, verifica-se que existe a necessidade de certa reorganização familiar com vistas a integração de todos os membros, aspecto já assinalado por alguns autores (Brun, 2010; Costa & Dias, 2012; Soares, 2009; Valentim de Sousa & Dias, 2014). Essa nova organização parece ser ainda mais necessária quando os pais possuem filhos de diferentes relacionamentos, como no caso de Carmen (ver Figura 12). Com isso, a fala ‘*mas não tem lugar pra todo mundo*’, a qual poderia significar num primeiro momento certa resignação com a dificuldade de promover esse convívio, remete posteriormente à integração familiar com o ajuste e compromisso de todos.

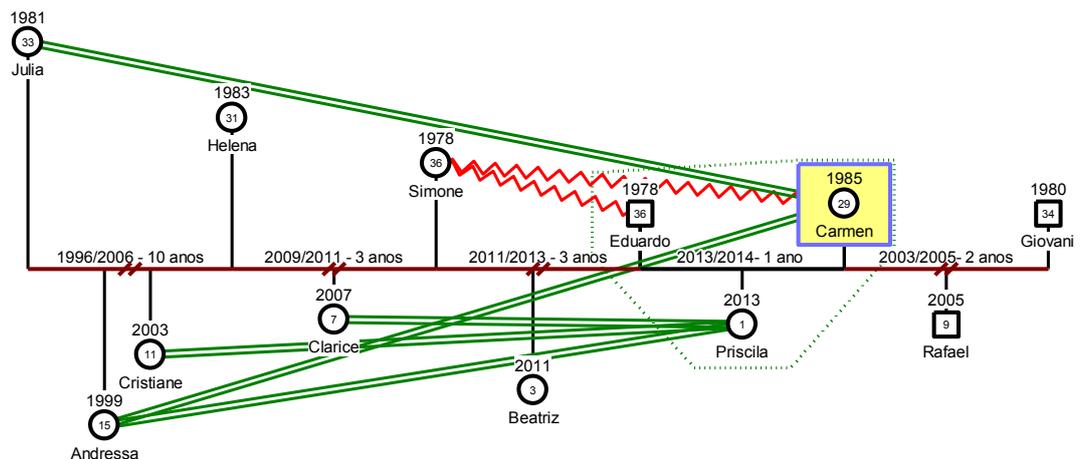


Figura 12. Genograma da Família da Participante Carmen.

O relato anterior parece remeter aos dados da pesquisa de Soares (2009), a qual teve como objeto de estudo homens e mulheres de classe média que viviam na cidade do Rio de Janeiro, uma vez que identificou o movimento feito pelos participantes após essa nova união na busca de uma residência que comportasse de forma adequada todos os membros que circulavam nessa nova família. A fala de Carmen pode ilustrar que mesmo que as famílias não possuam uma renda que permita tantas modificações, é possível acolher a todos mediante o uso da flexibilidade e da criatividade. Diante disso, verifica-se a necessidade da família recasada

não estar presa ao estereótipo da família nuclear, mas encontrar sua própria maneira de funcionar, a partir da demanda de seus membros (Falcke, 2002; Féres-Carneiro, 1998; McGoldrick; Carter, 1995; Ribeiro, 2005; Soares, 2011).

Ante o exposto, é possível dizer que as famílias recasadas podem contribuir para o bem estar emocional de seus membros, conforme alguns autores já vinham apontando (Brun, 2010; Magalhães, et al. 2013; Valentim de Sousa & Dias, 2014; Wagner, Ribeiro, Arteché & Bornholdt, 1999). Além disso, os dados apresentados parecem reforçar o que esses autores afirmam no que diz respeito a possibilidade do novo cônjuge ser alguém que poderá dar suporte emocional aos seus enteados e promover novos vínculos significativos.

Com isso, pode-se dizer que os resultados desse estudo tendem a apontar o que Wagner, et al. (1999) encontraram em sua pesquisa, a qual teve por objetivo investigar a relação entre o bem-estar psicológico e a configuração familiar de adolescentes, uma vez que identificaram que não existe diferença significativa entre o bem-estar de jovens de famílias nucleares e de recasadas. Apesar desse estudo não ter como foco determinar como se sentem os enteados nessas famílias, é possível inferir, a partir dos relatos já apresentados, a boa relação que as participantes vivenciam com os filhos de seus companheiros.

Apesar disso, vale ressaltar que a relação estabelecida entre os membros da família será vivenciada de maneira diferente por cada um, isso quer dizer que não se espera que todos os filhos respondam da mesma maneira à chegada do novo cônjuge do pai/mãe, ou que esse novo companheiro se relacione da mesma forma com todos (Soares, 2009). Certamente haverá momentos em que os conflitos estarão presentes nas famílias recasadas, assim como ocorrem em todas as configurações familiares.

### **3. *“Se eu não tô em casa eles vão tudo lá”*: Dificuldades encontradas na relação com os enteados**

Apesar de se perceber um discurso mais positivo em relação às suas vivências, no decorrer das entrevistas, algumas participantes descreveram os desafios que se apresentaram nessa convivência familiar. Conforme poderá ser observado a seguir, Carla e Suzana vivenciaram os maiores entraves na relação com os filhos de seus companheiros, apesar disso, outras participantes também declararam as possíveis explicações existentes para as dificuldades que podem surgir na dinâmica familiar, a qual será exposta na subcategoria seguinte.

Alguns autores têm destacado que os conflitos surgem principalmente no início do relacionamento. Costa e Dias (2012) apontam que os quatro primeiros anos são os mais delicados e exigirão de toda a família bastante flexibilidade. Em contrapartida, Ribeiro (2005) em sua pesquisa com padrastos/madrastas e seus respectivos enteados, identificou que não existiu um período específico de adaptação.

*“(...)aí começou os filhos e a mulher a liga direto pra mim, dizendo assim, que ele não era um homem de uma mulher só, que não sei o quê, que eu era muito nova, que não era pra mim me envolve e tal.” (Carla, 26)*

*“Eu tentei puxar assunto com a filha dele mais velha, não dá certo também, ela é a mais velha...não dá, não sei se é por causa da idade também. (...), a gente nunca conversou assim, nunca conversamos, eu já tentei puxar assunto duas vezes e não deu certo.” (Suzana, 23)*

As dificuldades de convivência expressas por Carla e Suzana tendem a ilustrar a falta de comunicação e o bloqueio que pode existir nessas relações. Apesar dessa proximidade de realidades vivenciada pelas duas participantes, o período de união entre elas e seus respectivos companheiros era bastante diferente, no entanto, ambas se encontravam ainda dentro do período de adaptação descrito por Costa e Dias (2012).

Com relação às desavenças entre madrastas/padrastos e seus enteados, Soares (2009) sugere que o contato apenas nos períodos de visita pode proporcionar conflitos menos intensos se comparados àqueles quando há um contato diário. Apesar disso, uma das participantes, que não reside com seus enteados, mostra-se emocionada quando retrata como se sente em relação a essas dificuldades:

*“(...) eu peguei, eu não gosto de fala isso, mas eu peguei um, tipo uma raiva sabe, que eu não posso nem enxerga na minha frente assim. Por isso que eu não faço nem questão de saber de nada. (...) não consigo fingir de gosta sabe, se eu não gosto eu não gosto e não finjo sabe e eu não gosto deles mesmo [se emociona] (...)E o filho dele quando vai (...) tipo assim me ignorava ou me, sabe, me tratava assim com indiferença dentro de casa, da minha casa, daí eu disse assim que se era ali que pelo menos que me cumprimente, eu tô na minha casa sabe” (Carla, 26)*

Também contrapondo o que sugere Soares (2009), Suzana relata que os conflitos se apresentaram após seus enteados saírem da casa deles e terem ido residir com a mãe. Os recortes a seguir ilustram essa situação, no qual o primeiro diz respeito ao momento em que seus enteados viviam com ela e seu companheiro e o segundo que ilustra a situação mais atual, em que eles vivem com a mãe.

*“quando eles moravam com a gente era muito legal, vivia muito bem, (...) eu dava banho na filha dele, ela me chamava de mãe, as vezes eu dizia pra ela ‘eu sou tua tia, não sou tua mãe’ eu dizia pra ela assim. Ele também, ele tirou duas semanas com a gente lá, ótimo, eu jogava vídeo game com ele, a gente trocava música, a gente entrava na internet, a gente passava todo o dia, eu chegava a levar comida pra ele na cama, era muito legal.” (Suzana, 23)*

*“(...) eu tava lá em casa as vezes eles entravam tudo lá em casa, (...), não pediam licença, não me davam oi, não me davam bom dia e eu tava quieta na minha. Então é*

*chato, parecia que eu era uma estátua ali e eles entravam assim e eu ficava parada assim, quieta. Um dia eu dei oi e não me deram oi, então eu fico na minha.”* (Suzana, 23)

Nas situações apresentadas, Carla e Suzana referem ter sentido, por parte dos enteados, certa indiferença em relação a elas quando eles visitavam o pai, como se elas não existissem ou não deveriam participar daquele momento familiar. Diante disso, o conflito em algumas situações parece não se apresentar apenas na forma de um embate direto, mas pode estar presente mesmo que de forma encoberta.

Com relação a esses impasses, Brun (2010) enfatiza que os jovens adolescentes tenderiam a colocar a madrasta em uma situação mais difícil uma vez que pelo próprio período da adolescência se mostrariam mais difíceis de lidar, apresentando-se ora mais abertos e ora mais fechados para a relação. Essa questão parece encontrar respaldo nas vivências das participantes quando observadas as falas seguintes:

*“o Pablo [enteado] falou assim, acho que foi que eu fiquei com um pouquinho de mágoa dele assim, ele disse assim pra ela ‘por que que vocês não pegam as coisas de vocês e não vão se embora?’ (...) e ela tava chorando, tu vê, ela tinha três anos [filha de Suzana]. Então aquilo me deu um baque”* (Suzana, 23)

*“no primeiro dia que ela chega, ela chega toda, toda nariz empinado que nem a mãe dela sabe, querendo mandá lá dentro da minha casa, sabe, a mando da mãe dela. Aí quando passa um, dois dias, ela já tá mais calma, ela já conversa direitinho comigo, sabe, porque a gente vê que a mãe dela faz a cabeça dela, então no primeiro dia passa assim né, ela qué te provocá, aí quando passa um, dois dias, três dias, ela tá mais calma.”* (Camila, 21)

Apesar desses recortes demonstrarem mais o aspecto conflituoso da relação entre Camila e Fernanda e também de Suzana e Pablo, ambas relatam no decorrer da entrevista que

possuem grande afeição por eles. Diante disso, podemos supor que talvez pela idade de Pablo (13 anos) e Fernanda (10 anos) seja um período que levem esse adolescente e essa pré-adolescente a se comportarem de maneira mais instável, demandando flexibilidade e paciência por parte de suas madrastas.

A análise do relato de Suzana parece concordar com o que Costa e Dias (2012) apontam em relação a maior dificuldade de adaptação dos filhos adolescentes e adultos que vivenciam o recasamento de seus pais em comparação com as crianças, uma vez que ela ingressou na família no período inicial da adolescência de Pablo. Essa afirmação também se sustenta nesse estudo quando observa-se o caso de Carla, que possui um conflito bem evidente com seus enteados Tales e Isadora, que já estão na idade adulta com 18 e 23 anos respectivamente.

Outro aspecto que se mostrou presente em relação às dificuldades das participantes na relação com seus enteados diz respeito à privacidade. Na situação apresentada por Carla, essa se deu no espaço virtual, uma vez que a participante mostra ter se sentido invadida pelas ofensas que sua enteada teria escrito em seu perfil da rede social *Orkut*. Suzana, diferentemente, declara que não se sente à vontade quando seus enteados “invadem” o seu quarto.

*“(...) quando eu tinha o tal de Orkut sabe, e entrava [sua enteada] assim no perfil e botava horrores sabe. Então eu acabei excluindo e daí bloqueei ela no meu Face e daí eu disse pra ele [seu marido] que eu não queria que ela tivesse acesso a nada do que, tipo, a gente tá, se a gente vai num lugar ou tal, não precisa tá sabendo sabe?! Que eu sei que vai sair coisas ruins dali sabe.” (Carla, 26)*

*“entram no meu quarto, como se fosse...é a casa deles pra eles ainda sabe, mas eu digo ‘puxa, é meu quarto’, as vezes tem um sutiã em cima da cama, é o meu quarto, entendeu?! Não é que eu queira privar de entrar na casa, mas é o meu quarto, entendeu?!” (Suzana, 23)*

A partir desses recortes, é possível observar que a privacidade pode ser motivo de empasse de diferentes maneiras nas famílias recasadas. No caso de Carla, parece que ela está vinculada a uma postura sentida como agressiva por parte de sua enteada. Já na situação descrita por Suzana, o que parece estar sendo vivenciado é sentimento de invasão de um espaço – o quarto do casal – que ela gostaria de manter privado. Em relação a isso, Valentim de Sousa e Dias (2014) também observaram que para os enteados a limitação de sua privacidade pode ser um ponto de conflito decorrente da nova dinâmica familiar, o qual poderá ser superado pelos aspectos positivos dessa nova relação que se estabelece.

Diversos autores (Brun, 2010; Claro, Kirby & Muller, 1993; Costa & Dias, 2012; Ribeiro, 2005) afirmam que os adultos precisam ser mais cautelosos e compreender que esse vínculo satisfatório precisará de um período de investimento. Nesse sentido, Church (2005) e Ribeiro (2005) apontam que padrastos e madrastas, muitas vezes, entram na relação munidos de muita expectativa e idealização, a qual acaba se dissolvendo diante das dificuldades vivenciadas pelas famílias recasadas.

Nesse viés, autores (Bernstein, 2002; Brun, 2010; Church, 2005; Falcke 2002; Falcke & Wagner, 2000), argumentam que uma das crenças que permeiam essas famílias é a do “amor instantâneo”, a qual sugere que por parte do novo casal haveria a confiança de que os filhos aceitariam de forma natural esse novo membro da família, em função de observarem a felicidade de seus pais diante do novo relacionamento. Nesse sentido, Claro, Kirby e Muller (1993), ao observar os dados obtidos por sua pesquisa com famílias recasadas chilenas, afirmam que o novo cônjuge não deve pressionar essa relação e os membros da família para que esse vínculo se estabeleça, mas permitir que essa maior abertura se dê naturalmente o que fatalmente demandará certo tempo.

No que se refere a esse aspecto, Church (2005) entende que as madrastas, em muitos casos, estabelecem grandes expectativas em relação a essa nova família e em algum momento

podem não levar em conta que os enteados já possuem uma história e uma dinâmica familiar estabelecida e que abrir mão disso também pode ser doloroso para eles. Partindo desse contexto, a autora revela que quando não alcançado o intento de estabelecer a “grande família feliz”, muitas mulheres sentem-se frustradas e culpadas diante dessa situação. Essa questão parece mais clara quando observada a fala seguinte:

*“se eu não tô em casa eles vão tudo lá. O Pablo aparece de bicicleta, A Lilian liga pra ele ir buscar, a Cristina vai lá, quando eu não tô. Eu tava estudando de noite e todos os dias de noite eles iam, só quando eu não tava, eles sabiam o horário que eu saía e o horário que eu voltava, então aquilo me magoava muito sabe?! Eu fico pensando ‘puxa, por que que não aparece quando a gente tá em casa, pra gente conversar’ parece que eles não dão entrada pra gente entendeu?! Então aquilo ficava muito chato, quando eu não tô em casa eles vão ver o pai, sabe?!”*(Suzana, 23)

Conforme já exposto anteriormente, Suzana convive há pouco tempo com seus enteados, mas mesmo assim parece se sentir desvalorizada em razão de não haver uma busca de proximidade que parta dos próprios enteados. Diante disso, esse caso parece ilustrar a necessidade da nova mulher compreender que não será instantaneamente que uma relação de proximidade e confiança irá se dar, ainda mais no contexto do recasamento, o qual está permeado por diversos atravessamentos dos quais ela não possui o controle.

### *3.1. Possíveis explicações para as dificuldades no relacionamento com os enteados*

Durante as entrevistas, as participantes trouxeram os seus entendimentos a respeito do motivo pelo qual podem ocorrer os conflitos entre madrastas e enteados. O principal entrave que elas relataram se refere a um possível envolvimento da mãe no sentido de induzir certo comportamento em seus filhos.

*“Porque a mãe dela tenta botar na cabeça dela que eu sou uma pessoa ruim e eu não quero que ela pense isso de mim, porque ela sabe que eu cuidei dela né, mas as mães têm um ciúmes das outras mulheres né, eu não sei por quê. (...) porque ela manda a menina me dizer ‘ah, a mãe disse que o amor da vida dela é o meu pai’ (...) é pra me provoca, é pra me gerar ciúmes” (Camila, 21)*

Diante do relato anterior, é possível constatar que Camila acredita na existência de uma grande influência da mãe de Fernanda nos comportamentos da menina nos momentos de visita. Essa imposição descrita pela participante parece ficar nítida quando descreve que *“a mãe dela tenta botar na cabeça dela”*, concluindo posteriormente que as mães possuem ciúmes das novas mulheres de seus ex-maridos.

Nesse sentido, Dolto (1989/2011) e Guimarães e Amaral (2008) assinalam que a mãe, muitas vezes, pode ser realmente a desencadeadora do conflito ao constatar a felicidade do novo casal e da possível afeição existente entre a nova mulher e seus filhos. Em concordância, Brun (2010) aponta que a relação entre a nova mulher do pai e seus enteados será mediada pela mãe e excluir essa influência poderá trazer mais desentendimentos a essa família.

Essa possível potencialização descrita por Brun (2010) pode estar vinculada ao conflito de lealdade vivenciado por muitos filhos de pais separados (Church, 2005; Claro; Kirby; Muller, 1993; Féres-Carneiro, 1998; Soares, 2009). Essa dificuldade por parte dos filhos em aceitar a nova mulher do pai remeteria a uma forte ligação e um desejo de não frustrar a mãe, figura que na maioria dos casos detém a guarda, estando portanto mais presente no cotidiano deles.

De acordo com Féres-Carneiro (1998), essa lealdade exigida dos filhos por parte de um dos genitores está relacionada a não diferenciação entre conjugalidade e parentalidade. Para a autora, muitas vezes após a separação os pais mantêm interligadas essas duas dimensões distintas, uma vez que se sentem frustrados diante do término do relacionamento, podendo

dificultar aos filhos a manutenção do vínculo que possuíam com o genitor não guardião. Nesse viés, nos casos em análise, essa exigência de manter-se fiel à mãe parece impactar na relação desses filhos com a nova companheira do pai.

*“pra elas não aceitar [o novo relacionamento do pai] só quando a mãe colocava coisa na cabeça delas ou quando elas queriam ir lá pra casa e ela não queria que eles tivessem esse laço com a gente(...). Daí essa Letícia aí nem cumprimentou ele, que ela bota as ideia na cabeça das filha pra não cumprimentar o pai e pras filha dizerem pro pai que não querem mais ver o pai e elas fazem a vontade da mãe, que elas já tem medo da reação da mãe.” (Amélia, 53)*

Conforme se observa no relato de Amélia, parece existir essa lealdade entre Letícia e sua mãe, reafirmando, assim como na fala de Camila, a influência materna na conduta dos filhos. Em relação a isso, Warpechowski e Mosmann (2012), ao entrevistar pais a respeito da separação conjugal, verificaram que eles também possuem essa crença a respeito do grande alcance que a postura das mães exerce nos pensamentos de seus filhos após as separações. A fim de exemplificar essas situações, Suzana relata como seriam as condutas da mãe de seus enteados no sentido de induzir os filhos a não aceitarem o relacionamento de seu pai.

*“Claro, quando eu casei eu sabia que ele tinha os filhos dele, claro né, assim como ele sabia que eu tinha meus filhos também, então tu tem que aceitar né, só que eles não me aceitaram porque ela fez a cabeça deles. (...) aí começa a falar pras crianças ‘ela tá morando na casa que é de vocês’, ‘ela tá usando o carro que é de vocês’, então fica toda essa confusão na cabeça das crianças e eles não sabem o que fazer” (Suzana, 23)*

A partir da fala da participante, é possível perceber como a mãe, através de seu discurso, constrói uma barreira, que atua mesmo que de forma indireta, ao estabelecimento gradual de uma relação entre seus filhos e a nova companheira do pai. Assim, é importante que os adultos possam elaborar o fim da conjugalidade de modo a não impedir ou dificultar essa vivência que

introduz um novo membro através do recasamento, uma vez que ela é fundamental para o bem estar dos filhos que circulam em ambos os núcleos familiares (Claro, Kirby & Muller, 1993; Valentim de Sousa & Dias, 2014).

Parece ter ficado claro, após a análise das entrevistas, que a mãe, na perspectiva das participantes, mantém o controle em relação aos filhos após a separação. Essa compreensão foi possível ao identificar nessas falas um componente que remeteria ao poder materno sobre os filhos, quando as participantes afirmam que *“quando é a mãe que começa a botar coisa na cabeça do filho (...) eu acho que daí não dá certo”* (Carla, 26), *“a mãe dela tenta botar na cabeça dela que eu sou uma pessoa ruim”* (Camila, 21), *“ela faz a cabeça deles”* (Suzana, 23), *“pra elas não aceitar [o novo relacionamento do pai] só quando a mãe colocava coisa na cabeça delas”* (Amélia, 53).

Diante desses recortes, parece que elas atribuem às mães certo poder fantasioso, como se pudessem magicamente colocar o que desejassem “na cabeça de seus filhos” a fim de alterar seus pensamentos e compreensões em relação ao novo casamento de seu pai. Nesse sentido, a mãe ganha os atributos das madrastas dos tradicionais contos infantis, uma vez que eram elas que possuíam poderes malignos tendo como alvo as crianças indefesas.

Além desse aspecto, outra dificuldade para o estabelecimento de um vínculo com os enteados foi descrita pelas participantes. De acordo com seus relatos, a entrada da nova mulher do pai representaria o fim de uma expectativa de retorno do laço conjugal dos pais. Aqui, os filhos estariam mais ativos do que na posição descrita anteriormente, em que a mãe toma o papel principal, para explicar a dificuldade encontrada pelas madrastas em nutrir esse relacionamento.

*“normalmente os filhos eles têm uma, uma imagem assim do pai e da mãe pra sempre sabe, e eu acho que desligando isso mexe com a cabeça, eu acho, das pessoas, das*

*crianças ou dos filhos. (...) Ah, ficavam me xingando, ah de que 'tu roubou meu pai', por que isso, por que aquilo, 'porque se não fosse tu eles iam voltar'."* (Carla, 26)

Fica claro no recorte anterior que esse entrave está vinculado à entrada da nova mulher na família, sendo ela percebida pelos filhos como o símbolo do final do casamento dos pais. Assim, esse novo relacionamento ressaltaria a posição de que o amor havido entre os pais está definitivamente no passado e pode indicar o motivo da não aceitação e da rejeição em relação à madrasta (Church, 2005; Maldonado, 1987; Soares, 2009; Souza, 2000).

Esses dados parecem estar de acordo com a pesquisa realizada por Church (2005), a qual identificou que as madrastas sentem-se alvo do descontentamento dos filhos, seja devido à separação seja em função da morte da mãe. Conforme a autora, no primeiro caso, a nova mulher poderá ser colocada na posição de culpada pelo divórcio, aspecto que se mostrou presente no decorrer da entrevista de Carla.

Além disso, conforme assinala Soares (2009), muitas vezes a dificuldade em aceitar o novo cônjuge do pai ou da mãe pode estar relacionada ao momento vivenciado entre a separação dos pais e a nova união de um deles. Segundo a autora, nesse período pode ocorrer uma aproximação entre pais e filhos e esse novo companheiro pode ser entendido como uma ameaça a essa exclusividade de atenção recebida durante esse tempo.

*"essa relação foi 13 anos praticamente né, então tu imagina, 13 anos a criança com o pai, aí chega outra mulher mais duas crianças 'pegaram meu pai' entendeu?! (...) as crianças moravam na casa que eu moro, aí agora as crianças tão morando com ela, imagina, aquele lugar que eles cresceram né(...) cresceram com o pai, então tu vê, acabou tudo aquilo pra eles né, acabou tudo aquilo pra eles, é bem difícil. A filha de 17 ele diz que (...) se dava mais com o pai do que com a mãe, diz que se dava muito mais com o pai do que com a mãe(...) Eu acho que nessa separação deles já afetou bastante,*

*porque uma separação do pai e da mãe já afeta, aí tu imagina depois que o pai arruma outra pessoa, afeta, afeta muito emocionalmente.” (Suzana, 23)*

Diante do relato anterior, é possível notar que a participante consegue compreender a dificuldade que pode existir, por parte de seus enteados, uma vez que a separação e a nova relação do pai impuseram transformações em suas vidas. Essa questão parece ficar ainda mais nítida quando ela aponta a mudança ocorrida com Cristina, sua enteada mais velha, a qual era mais próxima do pai e acabou se afastando após a chegada de Suzana. Talvez seja em função disso que Cristina não conseguiu se aproximar de Suzana, diferentemente de seus irmãos, conforme pode ser observado no genograma da família (ver Figura 13).

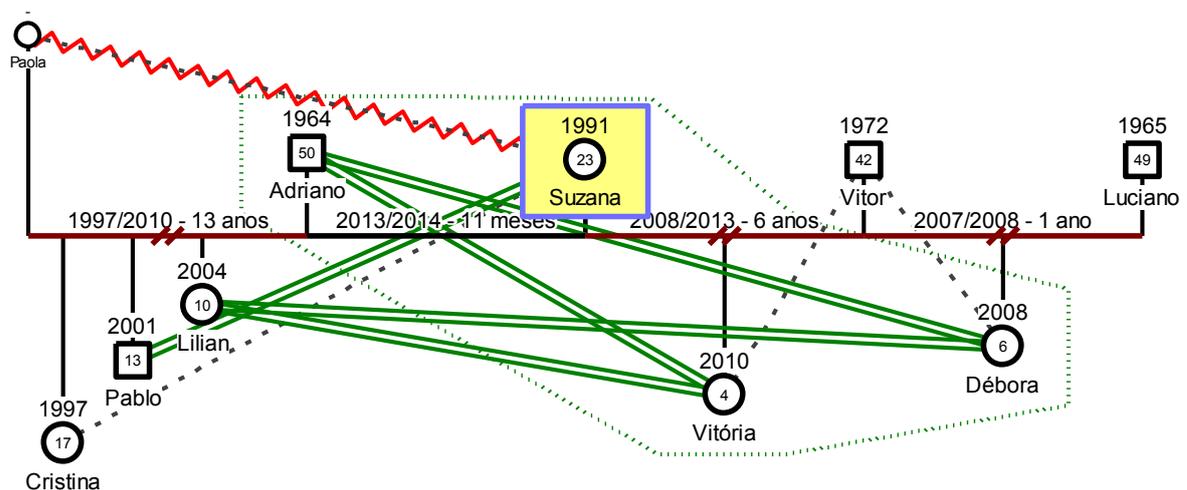


Figura 13. Genograma da Família da Participante Suzana

Apesar desses impasses, pode-se pensar que a compreensão, por parte das participantes, dos conflitos vivenciados pelos filhos no processo do recasamento pode indicar uma maior abertura para que, com o passar do tempo, os enteados possam vir a se aproximar dessa nova companheira do pai. Conforme salienta Brun (2010), esses desafios experimentados pela família recasada devem ser entendidos como um processo de acomodação do qual poderá emergir uma nova maneira de funcionar, a partir do investimento da família.

### Considerações finais

A análise do relato das participantes tende a indicar uma experiência mais positiva na relação das (novas) madrastas com seus enteados. Essa questão parece ganhar suporte desde a sua não identificação com a figura tradicional da madrasta, da qual elas buscam se distanciar através da não utilização dessa nomenclatura.

Com isso, pode-se afirmar que a nova companheira do pai busca um nome que não remeta sua função a alguém que, em razão da ausência da mãe, tradicionalmente cometeria atos de maldade com filhos de seu companheiro. Assim, as participantes acreditam que deveriam receber esta denominação madrasta apenas se exercessem o mesmo comportamento da figura da madrasta tão fortemente retratada nos contos infantis.

Com relação à boa convivência com os enteados, essa questão parece estar atravessada pela percepção da importância da mobilização de todos os membros da família no sentido de compreender as diversas funções que devem continuar a ser exercidas após o recasamento. Além disso, ficou claro que não é apenas o núcleo familiar que permanece com a guarda dos filhos que terá que se reorganizar frente a nova dinâmica familiar. Essa família que se constrói, da qual participa também a nova companheira do pai terá que encontrar diferentes maneiras de funcionar para acomodar os filhos do companheiro nos momentos de visitas.

No entanto, alguns aspectos apareceram como problemáticos na organização da família recasada. Em relação a esses entraves nas relações com os enteados, o que ganhou mais destaque diz respeito ao suposto poder que as mães exerceriam sobre os filhos e o conflito de lealdade que estes filhos vivenciariam com a genitora após o novo casamento de seu pai.

Destaca-se que a identificação das dificuldades que podem se apresentar aos enteados tem relação com a desconforto vivenciada pelos diferentes membros da família após a chegada da nova companheira do pai. Diante disso, nota-se que o período entre a separação e o novo relacionamento pode ser um importante indicador para se constatar como se darão as relações após o ingresso do novo cônjuge do pai/mãe.

Por fim, é importante salientar que as madrastas precisam ser consideradas pelas instituições como importantes na vida das crianças e adolescentes no contexto do recasamento. Nesse sentido, entende-se a relevância de não se pensar os relacionamentos apenas em termos diádicos, mas explorar e considerar toda a rede de relações que se estabelecem nas famílias. Assim, sugere-se que estudos futuros possam ampliar a compreensão deste fenômeno a partir de outros membros.

### Referências

- Bernstein, A. C. (2002). Recasamento – Redesenhando o casamento. In P. Papp. (Org.) *Casais em perigo: novas diretrizes para terapeutas* (pp. 295-322). (Burguño, D. A. E., Trad.). Porto Alegre: Armed.
- Brito, L. M. T. de (2014). Rupturas familiares: olhares da psicologia jurídica. In D. M. Arpini & S. D. Cúnico. (Orgs.) *Novos olhares sobre a família: aspectos psicológicos, sociais e jurídicos* (pp. 11-26). Curitiba: Crv.
- Brun, G. (2010) *Os meus, os teus, os nossos: lidando com os desafios da família moderna*. 2ª ed. São Paulo: Larousse do Brasil.
- Bucher, J. S. N. F., & Rodrigues, M. A. M. (1990). Recasamento e recomposição familiar: questões metodológicas, de linguagem e das teorias. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 6 (2), 155-169.
- Claro, C. B., Kirby, M. R. & Muller, N. M. (1993). Redes temáticas para el trabajo educativo com familias simultáneas. *Psykhé* 2 (1), 43-51.
- Corso, D. L. & Corso, M. (2011). *A psicanálise na Terra do Nunca: ensaios sobre a fantasia*. Porto Alegre: Penso.

- Costa, J. M., & Dias, C. M. S. D. (2012) Famílias recasadas: mudanças, desafios e potencialidades. *Psicologia: teoria e prática* 14 (3), 72-87.
- Church, E. (2005) *Uma estranha no ninho: os desafios de quem se casa com quem já tem filhos*. [Título original: Understanding stepmothers] São Paulo: Globo.
- Dolto, F. (2011) *Quando os pais se separam*. [Título original: *Quand les parents se séparent*] 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- Falcke, D. (2002). Mães e madrastas – Quem são estas personagens? In A. WAGNER, (Coord.) *Família em Cena: tramas, dramas e transformações* (pp. 77-92). Petrópolis: Vozes.
- Falcke, D., & Wagner, A. (2000). Mães e madrastas: mitos sociais e autoconceito. *Estudos de psicologia* 5(2), 421-441. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2000000200007>
- Féres-Carneiro, T. (1998) Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 11, 379-394. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>
- Gomes, I. C. (2009). Promovendo saúde nas famílias reconstituídas. *Mudanças psicologia da saúde*, 17 (2), 67-72.
- Gomes, R. (2012). Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade* (pp.79-108). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Grisard Filho, W. (2009). *Guarda compartilhada: um novo modelo de responsabilidade parental* (4a ed., atual. e ampl). São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.
- Grisard Filho, W. (2010) *Famílias reconstituídas: novas uniões depois da separação* (2.ed. rev. e atual). São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.

- Guimarães, N. V. O., & Amaral, A. C. (2008) Famílias com filhos de casamentos anteriores. In L. C., Osorio, & M. E. P. Valle (Orgs.), *Manual de Terapia Familiar* (pp. 271-285). São Paulo: Artmed, 2008.
- Lobo, C. (2009). Parentalidade social, fratrias e relações intergeracionais nas recomposições familiares. *Sociologia, problemas e práticas* 59, 45-74.
- Magalhães, A. S., Féres-Carneiro, T., Henriques, C. R., & Travassos-Rodriguez, F. (2013). O lugar do padrasto na clínica com famílias recasadas. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família: transmissão, conflito e violência* (pp. 113-128). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Maldonado, M. T. (1987). *Casamento: Término e reconstrução*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Mcgoldrick, M., & Carter, B. (1995). Construindo uma família recasada. In B. Carter, & M. McGoldrick (Orgs.). *As mudanças do ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia de família* (pp.344-369). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mcgoldrick, M., & Gerson, R. (1995). Genetogramas e o ciclo de vida familiar. In: B. Carter, & M. McGoldrick (Orgs.). *As mudanças do ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia de família* (pp.145-166). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Placier, F. C., & Velasco, C. L. M. (1989) Família simultânea (una perspectiva diferente de família mixta o reconstituída). *Revista Chilena de psicologia*, 10 (1), 7-12.
- Ribeiro, R. M. F. (2005). *Adoção emocional em famílias de recasamento: um estudo sobre a construção das relações afetivas entre padrastos/madrastas e seus enteados*. (Dissertação de mestrado em Psicossociologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares de Comunidade e Ecologia Social, Rio de Janeiro.

- Soares, L. C. E. C. (2009). *“No Fogo Cruzado”*: Desafios e Vivências de Pais e Mães Recasados. (Dissertação de mestrado em Psicologia Social). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Soares, L. C. E. C. (2011). Reflexión. Ser padre, ser madre, ser padrasto, ser madrastra: aspectos psicológicos y jurídicos. *Anuário de psicologia jurídica* 21, 125-130.
- Soares, L. C. E. C. (2012). “No fogo cruzado”: pais e mães recasados entre seu(s) filho(s) e seu atual cônjuge. In L. M. T. Brito (Org.). *Escuta de crianças e de adolescentes: reflexões, sentidos e prática*. Rio de Janeiro: ED/UERJ, 2012. p. 155-176.
- Souza, R. M. (2000). Depois que papai e mamãe se separaram: um relato dos filhos. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 16 (3), 203-211.
- Turato, E. (2003) *Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Valentim de Sousa, D. H. A., & Dias, C. M. S. B. (2014). Recasamento: percepções e vivências dos filhos do primeiro casamento. *Estudos de Psicologia* 31 (2), 191-201. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-166X2014000200005>
- Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2000) O recasamento e a representação gráfica da família. *Temas em psicologia*, 8 (1), 11-19.
- Wagner, A., Ribeiro, L. de S., Arteché, A. X., & Bornholdt, E. A. (1999). Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(1), 147-156. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721999000100010>
- Warpechowski, A. & Mosmann, C. (2012). A experiência da paternidade frente à separação conjugal: sentimentos e percepções. *Temas em psicologia*, 20 (1), 247-260.

## **ARTIGO 2**

# **O PAPEL DESEMPENHADO PELA NOVA MADRASTA NA FAMÍLIA RECASADA**

## **O papel desempenhado pela nova madrasta na família recasada**

### **Resumo**

Quando ingressam num relacionamento em que o pai já possui filhos, é comum que a madrasta tenha dificuldades para estabelecer a função irá assumir nessa nova configuração familiar. Diante disso, esse estudo qualitativo teve como objetivo investigar qual é o lugar ocupado pela nova companheira do pai na família recasada. Para tanto, integraram esse estudo seis mulheres que vivenciavam um relacionamento estável com um homem que possuía filhos de um relacionamento anterior. Os dados foram coletados em um encontro com cada participante, no qual foi construído o genograma da família, com o auxílio de uma ficha de dados de identificação. Além disso, foram utilizadas entrevistas semidirigidas de questões abertas, tendo sido analisadas por meio da análise de conteúdo temática. Destaca-se que a análise das entrevistas também possibilitou a finalização dos genogramas. Os resultados apontaram para o envolvimento das participantes e a atenção, especialmente em relação ao cuidado dos enteados, não buscando interferir na disciplina. Além disso, alguns pais parecem ter assumido uma postura mais passiva na busca por uma aproximação com os filhos, tendo a madrasta exercido uma influência positiva nesses casos.

Palavras-chave: Madrasta; família recasada; dinâmica familiar; família

## **The role played by the new stepmother in the remarried family**

### **Abstract**

When women enter a relationship where the man already has children, it is common that she, as the stepmother, has difficulties in order to establish the role she will take facing this new family configuration. Given this fact, this qualitative study aimed to investigate what is the role played by the new father's partner in the remarried family. Therefore, this study integrated six women who experienced a steady relationship with a man who had children from a previous relationship. The data were collected on a meeting with each participant on which the genogram of the family was built, with the aid of an identification data sheet. In addition, semi-structured interviews with open questions were used and analyzed through thematic content analysis. It is noteworthy that the interviews analysis also enabled the completion of the genograms. The results pointed to the participants' involvement and attention, especially in relation to the stepchildren care, not seeking to interfere in the education. In addition, some parents seem to have taken a more passive stance when looking for a rapprochement with their children, considering the role of the stepmother a positive influence in these cases.

**Keywords:** Stepmother; remarried family; family dynamics; family

## Introdução

O desenlace conjugal e a nova união de um ou ambos os pais trazem ao contexto familiar novos atores. Dentre eles, os novos cônjuges e, em alguns casos, os filhos desses, os quais poderão ter dificuldades para estabelecer uma função própria dentro da família recasada (Silva, Trindade & Silva Junior, 2012). Esse desafio se faz presente uma vez que madrastas e padrastos não possuem modelos em relação ao papel que deverão desempenhar nessa nova configuração familiar, o que pode gerar angústia em todos os membros da família, especialmente no início do relacionamento (Church, 2005; Falcke, 2002; Soares, 2009).

De acordo com Rivas (2012), nossa cultura reafirma, com o auxílio da legislação, quais são os papéis a serem exercidos pelos pais e pelas mães, porém as madrastas e os padrastos também terão que estabelecer sua função a partir das relações que serão construídas nessas famílias. Diante disso, a nova mulher do pai pode se sentir em uma posição mais difícil uma vez que é possível que não se identifique com a madrasta dos tradicionais contos infantis e tampouco com a mãe idealizada, papel que muitos entendem que ela deva assumir quando ingressa na família pós-divórcio (Falcke, 2002).

Essa dificuldade pode se fazer ainda mais presente ao se considerar que, na maioria dos casos, é a mãe que detém a guarda dos filhos. Com isso, o contato da madrasta com os enteados se reduz aos momentos de visita, o que poderia vir a dificultar uma proximidade entre eles (Valentim de Sousa & Dias, 2014). Além disso, diante dessa presença forte da mãe é possível que a nova esposa não se sinta segura para exercer certa autoridade dentro da família e demarcar seu lugar para que seus enteados a vejam como figura importante dentro da nova configuração familiar (Church, 2005).

Esta falta de ancoragem para o exercício desse papel, por sua vez, poderá dificultar a desvinculação ao modelo de família nuclear, já que não existe uma referência positiva, no caso da madrasta, para exercer tal função. Todavia, mesmo que não se tenha uma lei que oriente o

exercício destes novos papéis, de acordo com McGoldrick e Carter (1995), a disciplina e o cuidado devem ser exercidos pelos novos companheiros do pai/mãe, porém sem excluir o ex-cônjuge que deve permanecer com as responsabilidades de cuidado e educação dos filhos após a separação (Osorio & Valle, 2008).

No que se refere ao funcionamento de famílias recasadas, a pesquisa antropológica de Rivas (2012), realizada em Madri, identificou três tipos de estruturas destas famílias. O primeiro é o modelo de substituição, que se refere àquele em que o padrasto ou a madrasta que reside com o enteado acaba assumindo as funções do pai ou da mãe não residentes. Outra modalidade identificada foi a de duplicação, ou seja, aquela dinâmica familiar em que pai e padrasto ou mãe e madrasta assumem responsabilidades parentais, mesmo que não residam com os filhos/enteados. Já o terceiro tipo de modelo identificado foi o de evitação, o qual remete ao exercício dos deveres parentais pelo pai e pela mãe ao mesmo tempo em que há o impedimento de que o padrasto ou a madrasta participem.

Com relação a esse último modelo, pode-se pensar que ele se estabelece, no caso da madrasta, em razão da dificuldade que a mãe pode ter em compartilhar sua responsabilidade parental com ela quando os filhos estão na casa do pai (Silva, Trindade & Silva Junior, 2012). Essa limitação imposta pela mãe pode vir a ferir as expectativas iniciais de transformação da família que muitas madrastas nutrem no início do relacionamento (Church, 2005).

Nesse sentido, é possível conjecturar que se torna indispensável ao casal o estabelecimento de um diálogo inicial para estabelecer quais são as expectativas em relação ao que esse novo membro representa para a família e quais serão suas atribuições (Claro, Kirby & Muller, 1993). De acordo com os autores, também será necessária a construção de um vínculo mais afetivo com os enteados para que, posteriormente, a nova companheira passe a exercer de forma mais ativa um papel de autoridade. Nessa perspectiva, os dados da pesquisa brasileira realizada por Valentim de Sousa e Dias (2014), a qual ouviu filhos a respeito do recasamento

dos pais, revelaram que houve uma maior abertura dos enteados quando os padrastos e madrastas não interferiram ou impuseram regras logo no início da convivência.

Conforme salienta Costa e Dias (2012), o papel da madrasta inicialmente pode ser apenas auxiliar, no entanto, com o passar do tempo e de acordo com a idade dos enteados, sua função pode tornar-se mais ativa. Diante disso, a nova companheira do pai deve estar ciente de que esta configuração, em que a mãe se faz presente na vida dos filhos, demanda a construção de uma nova relação, já que sua função não deve ser a de substituta daquela. Seu lugar deve estar baseado na necessidade familiar e ser amparado pelo pai, que deverá dar suporte para que este papel se estabeleça (Bernstein, 2002; Soares, 2011; 2012). Nesse ensejo, Bernstein (2002) pontua que tornar-se madrasta “implica ter de reinventar um papel que se adapte às necessidades e aos momentos de vida das crianças e dos adultos na nova situação familiar” (p. 307).

Nesse mesmo sentido, Guimarães e Amaral (2008) assinalam para a importância das famílias não buscarem um modelo rígido a ser seguido, mas encontrarem uma forma de funcionar que será única a partir da necessidade de seus membros. No entanto, de acordo com Church (2005), não raro são os casos em que os pais, em razão da distância que estabeleceram com os filhos após a separação, esperam que as suas novas companheiras consigam integrar essa família novamente.

Ao mesmo tempo em que pode estar presente essa necessidade por parte dos pais, Cartwright e Gibson (2013) afirmam que após o recasamento é possível que o outro cônjuge se torne mais inflexível e menos aberto ao diálogo. Em meio a esse conflito se pode pensar que a nova companheira também terá que saber lidar com essa situação se quiser se aproximar de seus enteados.

Ante ao exposto, não restam dúvidas que a dinâmica relacional dessa nova família está atravessada por diversas questões. Diante disso, as datas comemorativas, uma vez que demarcam para a sociedade o grau de parentesco e a importância que cada membro tem para o

núcleo familiar (Brun, 2010), podem servir como ângulo para observar estes aspectos. A partir dessa observação pode se ver a dificuldade que a mãe, por exemplo, pode ter em dar espaço para a nova companheira assumir a responsabilidade da organização de eventos que envolvem os filhos e o desejo da madrasta em se sentir integrada à família.

Diante dessa perspectiva, esse estudo qualitativo buscou identificar qual o papel que a nova madrasta estava ocupando em relação aos enteados.

## **Método**

### *Delineamento*

Com o intuito de atingir os objetivos propostos, realizou-se uma pesquisa qualitativa. Essa escolha se deu em razão da complexidade que envolve a temática das famílias recasadas, a qual pode ser melhor explorada por essa modalidade, uma vez que a pesquisa qualitativa busca identificar os significados presentes na vida individual e coletiva (Minayo, 2013). De acordo com Gomes (2012), o objetivo da pesquisa qualitativa é a exploração de opiniões e representações sociais sobre a temática que se busca investigar. Nesse sentido, essa abordagem não busca quantificar o fato, mas analisá-lo a partir da perspectiva das pessoas que estão envolvidas no fenômeno (Minayo, 2013).

### *Participantes*

Participaram desse estudo seis mulheres que vivenciavam um relacionamento estável com um homem que possuía filhos de um relacionamento anterior. Todas elas ou seus parceiros foram atendidos pelo Núcleo de Assistência Judiciária da Universidade Federal de Santa Maria, serviço que atende uma população com renda de até três salários mínimos.

Com relação à idade das entrevistadas, quatro delas possuíam menos de 30 anos e duas mais de 50 anos, sendo que essas idades estiveram entre 21 a 53 anos. O tempo de união entre as participantes e seus companheiros variou entre 11 meses a 9 anos. O número de enteados que cada uma possuía também foi bastante diverso, variando entre 1 a 5.

No que tange à ocupação, apenas uma estava com vínculo empregatício no momento da realização da entrevista, enquanto as demais se dedicavam ao lar e uma delas era estudante universitária. Das seis participantes duas não possuíam filhos de um relacionamento anterior, porém somente uma delas ainda não era mãe, uma vez que a outra já possuía um filho fruto da união atual.

### *Instrumentos e procedimentos*

Para a realização da coleta dos dados foram utilizados como instrumentos a ficha de coleta dos dados de identificação, o genograma e a entrevista semidirigida de questões abertas (Turato, 2003). Num primeiro momento, foi preenchida a ficha de coleta dos dados de identificação e a partir desses dados, na presença da participante, foi construído o genograma – somente ilustrando a configuração familiar.

Na sequência, foi realizada a entrevista, a qual deu suporte a elementos importantes para a finalização do genograma. Os tópicos que guiaram a entrevista foram: a) A história da família; b) A experiência familiar atual; c) A relação com os enteados; d) A relação com a ex-companheira do cônjuge. Dessa forma, os recursos técnicos foram utilizados de forma complementar com o objetivo de ampliar compreensão do fenômeno.

### Análise dos dados

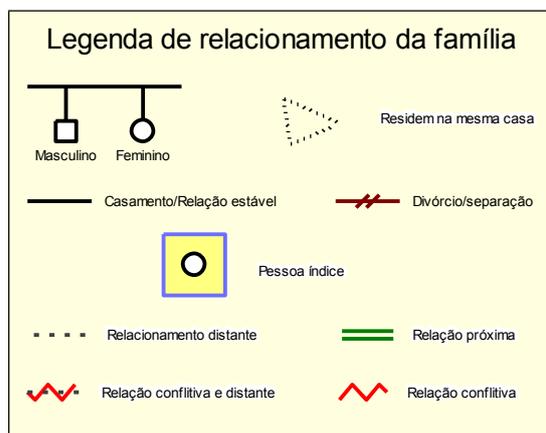
A técnica utilizada para a análise de dados da entrevista semidirigida foi a análise de conteúdo temática. As etapas propostas por Gomes (2012), para a sua realização compreende os seguintes eixos: leitura; exploração do material e síntese interpretativa. Partindo dessa concepção, no primeiro momento foi realizada uma leitura para a familiarização com o material e elaboração dos pressupostos iniciais. Posteriormente, realizou-se a classificação de trechos na busca pelos núcleos de sentido. Ao final, foi realizada uma articulação entre os temas classificados com os objetivos propostos na pesquisa.

Ressalta-se que tal análise subsidiou a conclusão da construção do genograma, possibilitando incorporar os símbolos que dizem respeito a dinâmica das relações nas famílias, a partir do olhar da participante. Estes símbolos foram os propostos pela padronização feita por McGoldrick e Gerson em 1985<sup>5</sup> (McGoldrick & Gerson, 1995).

Destaca-se que o estudo atendeu a todas as exigências da ética em pesquisa segundo a resolução n.466/2012, obtendo aprovação CAEE 19825913.1.0000.5346 pelo Comitê de ética em Pesquisa da Instituição em as pesquisadoras estão vinculadas. Além disso, todas as participantes ficaram cientes do objetivo do estudo e assinaram o termo de consentimento livre

---

5



e esclarecido. Destaca-se que para preservar a identidade das participantes, todos os nomes aqui apresentados são fictícios.

## **Resultados e discussão**

Os resultados serão apresentados em duas categorias, as quais irão abordar os aspectos concernentes ao papel exercido pela madrasta em relação aos seus enteados. A primeira categoria terá como foco a participação das madrastas na criação dos filhos. A segunda, a qual se divide em duas subcategorias, irá tratar da influência das participantes no exercício da parentalidade de seus companheiros e a dinâmica adotada por essas famílias nas datas comemorativas.

### ***1. O papel da madrasta na criação dos enteados***

Quando ingressam num relacionamento em que o pai já possui filhos, muitas mulheres se veem diante de um grande conflito. Essa dificuldade se dá especialmente por não saberem qual função irão assumir nessa nova configuração familiar, uma vez que o papel da mãe já está ocupado e por elas não possuírem uma referência positiva em relação à figura da madrasta (Church, 2005; Falcke, 2002).

Conforme assinalam Guimarães e Amaral (2008), pode existir uma maior dificuldade nas famílias recasadas na delimitação das funções que cada adulto irá desempenhar e nas decisões relativas à disciplina, regras, dinheiro, entre outras. Apesar dessa fragilidade, a fala a seguir parece revelar o espaço importante que a entrevistada conquistou e a função que passou a exercer em relação a um de seus enteados.

*“Colégio sempre era eu né, como eu não trabalhava, mesmo quando eu trabalhava como eu fazia diária tinha mais horários. Aí só quando precisasse muito assim que fosse necessário ir no colégio, que tivesse algum problema, que ele faltava aula essas coisas assim, daí o pai ia. Mas geralmente era eu.” (Luana, 51)*

No relato de Luana, é possível perceber a dimensão de seu papel dentro da família, na medida em que assumiu a função de estar presente nos momentos de reuniões e avisos do colégio de seu enteado mais novo, o que parece ter contribuído para a boa relação estabelecida entre eles (ver Figura 14). A postura adotada pela participante remete ao papel tradicional exercido pela mãe, mais voltado ao cuidado, enquanto seu marido trabalhava para prover o lar. Com relação a esse aspecto, em estudo desenvolvido por Valentim de Sousa e Dias (2014) as autoras puderam constatar que os enteados descreveram um relacionamento satisfatório com os seus padrastos e madrastas quando esses adotavam uma postura mais tradicional, ou seja, da mulher que cuida do lar e dos filhos e do homem que busca prover financeiramente a família.

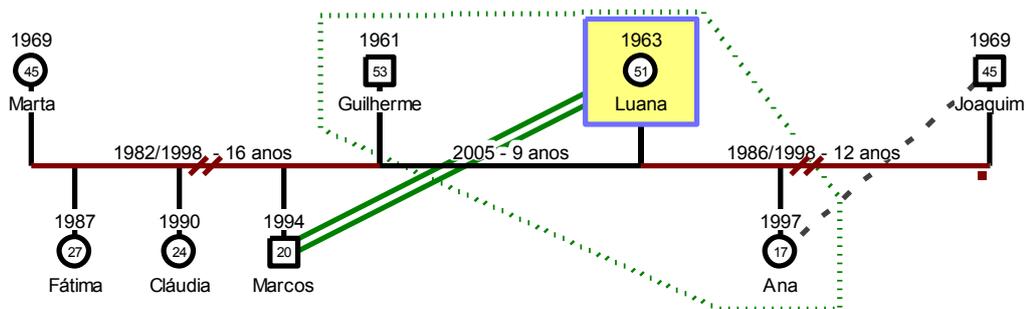


Figura 14. Genograma da Família da Participante Luana

No entanto, é necessário que as madrastas encontrem uma nova maneira de exercerem seu papel, o que vai demandar certo distanciamento do ideal de família nuclear, para que assim possam encontrar um espaço que não colida com o lugar já ocupado pela mãe (Bernstein, 2002; Lobo, 2009; McGoldrick & Carter, 1995). Com relação ao caso de Luana, mesmo tendo exercido uma postura mais ativa, a qual poderia criar conflito com a função desempenhada pela mãe, observa-se no relato seguinte a forma como se davam as decisões e a resoluções dos problemas com os enteados.

*“quando tinha problema ela [ex-companheira] tava junto sempre, ela participava também né. Afetava sempre o meio [quando surgia algum problema com os enteados], o trio né. (...) simplesmente eu participava, mas eu não me metia assim, coisas que eu*

*achasse que não fosse. Eu só opinava quando pedia ou quando eu achava necessário.”*

(Luana, 51)

É possível notar, a partir da fala de Luana, o espaço que é compartilhado pelo “trio”, aspecto que se mostrou positivo para a resolução de problemas que envolviam seus enteados, uma vez que parece não ter havido anulação de nenhum dos pais em seu exercício parental. Nesse sentido é possível notar que a dinâmica vivenciada nessa família, quando a madrasta residia com seu enteado, era a de duplicação (Rivas, 2012), ou seja, os deveres parentais eram compartilhados entre Luana e a mãe de seu enteado. Com relação a esse ponto, Magalhães, Féres-Carneiro, Henriques e Travassos-Rodriguez (2013), assinalam a importância de que os pais mantenham o exercício da autoridade, porém reconheçam o papel dos novos cônjuges para que sua função não seja anulada diante dos enteados, os quais também conviverão com essas figuras.

Deve-se destacar que a conquista desse espaço por parte das novas mulheres se torna facilitada quando existe uma boa convivência entre ela e a mãe de seus enteados (Chuch, 2005), fato que pode ter ocorrido no caso de Luana, uma vez que ela refere possuir um bom relacionamento com a ex-companheira de seu marido. Essa questão também parece estar presente na vivência de Carmen, a qual diz possuir uma boa comunicação e proximidade com a mãe de duas de suas enteadas, como pode ser observado no relato seguinte:

*“a Andressa me falou que ela namorava escondido o guri né (...) e eu digo ‘bom, eu vou ligar pra tua mãe e vou conversar com ela’ daí eu pedi pra elas saírem que eu queria conversar com a mãe delas, daí conversei né, daí ela disse assim ‘mas Carmen, ela foi lá te dizer que ela tava namorando e eu aqui dentro de casa, que sou mãe dela, ela não me disse’, daí ela ficou meia braba na hora e eu digo ‘mas não adianta tu te exaltar, não adianta tu ficar braba’ eu digo ‘tu tá braba porque eu to te contando que ela foi lá em casa e me falou sobre o namorado, imagina se ela chegasse pra ti e te falasse, se*

*bobiar tu ia até bater na guria, de repente foi por isso que ela ficou com medo e não te contou” (Carmen, 29)*

A fala de Carmen, no que diz respeito à sua relação com a mãe de duas de suas enteadas, remete a dois aspectos importantes. O primeiro se refere ao benefício de existir uma boa relação entre essas duas mulheres que convivem com a adolescente, o que oportuniza o diálogo para discutir questões específicas, conforme observado no relato. Por outro lado, outra questão presente é a possibilidade de existir certa competição implícita entre Carmen e a mãe de Andressa, fato que pode ser verificado quando a participante declara a postura diferente que a mãe de Andressa poderia adotar na situação descrita, e também quando a mãe refere que Carmen soube antes do que ela sobre o namoro da filha.

Com relação a esse segundo ponto, Church (2005), ao realizar uma pesquisa no Canadá com 104 madrastas de classe média, identificou que muitas participantes do estudo criticavam a forma com que a mãe educava seus filhos, assinalando como fariam diferente se estivessem ocupando esse papel. Nesse mesmo sentido, a fala de Carmen remete às posições diferentes adotadas por ela e a mãe de sua enteada, o que, segundo a entrevistada, teriam sido motivo para que Andressa revelasse primeiramente para ela que estava namorando.

Outro aspecto que merece destaque e que parece ter sido facilitado pela boa relação de Carmen e Luana com seus enteados, diz respeito à participação nas questões que envolvem a intimidade desses adolescentes. Os relatos seguintes tendem a ilustrar que as participantes não ficaram distantes do que acontecia com eles e exerceram grande influência em momentos importantes e delicados das vivências desses jovens.

*“a gente teve problema com o guri, na fase dos 16, 15 (...) ele bebia assim essas coisas ele teve problema, bastante. (...) a gente passou muito sem dormir, essas coisas, era que nem filho, mesmo que não fosse meu filho a gente sempre se deu assim, como mãe e filho. Daí nesse a gente passou bastante trabalho, sem dormir, sempre preocupada. (...)*

*se precisasse dizer alguma coisa a gente dizia, depois que ele tava são, conversava, não na hora do atrito, na hora do atrito não.” (Luana, 51)*

*“E o pai dela fica furioso, que eu fico incentivando a guria a namorar, não é incentivando a guria a namorar eu digo, ‘eu tô incentivando a nunca menti pra vocês, porque querendo ou não ela tava namorando escondido, tu não sabia e a mãe dela também não sabia, e se ela não tivesse conversado comigo ela ia tá até hoje...amanhã ou depois a guria ia aparece grávida’ eu digo ‘tu nunca foi adolescente? Tu não sabe que tudo o que é proibido é mais gostoso. Quanto mais tu diz que não, mais a pessoa tem curiosidade de descobri o que que é’ eu digo ‘então, deixem ela namorar em casa, ela tá ali, a mãe dela tá enxergando, tá vendo tudo o que ela tá fazendo, melhor do que ela tá na rua sem vocês saberem nem onde é que ela tá” (Carmen, 29)*

As duas falas, apesar de tratarem de contextos diferentes, remetem à posição ativa assumida por ambas as entrevistadas em relação ao cuidado e educação de seus enteados. Destaca-se o envolvimento que ambas tiveram em circunstâncias delicadas, as quais envolviam drogas e sexualidade, questões das quais muitas vezes os pais esperam que consigam dar conta sozinhos (Ripoll-Nuñez, Arrieta & Gallo, 2013). Esses dados parecem contrapor os achados de Cartwright (2010), em sua pesquisa que teve como participantes 66 homens e mulheres de famílias recasadas neozelandesas, uma vez que identificou que os padrastos e madrastas assumiam funções que não envolviam a intimidade dos enteados, como por exemplo, fazer o transporte para a escola e outras atividades que requeriam menos proximidade.

Além do bom convívio com a mãe desses enteados, aspecto trazido pelas participantes, a prática parental experimentada por elas também pode ter sido influenciada por uma maior flexibilidade existente no cenário brasileiro, especialmente nas classes populares, no que diz respeito à participação de outros atores na educação familiar (Jacquet & Fialho, 2004). De

acordo com os autores, esse caráter mais aberto das famílias brasileiras pode vir a facilitar a participação mais ativa dos padrastos e madrastas que entram em cena após o recasamento.

Em um contexto diferente, o relato trazido por Carla mostra como tem sido sua participação na resolução dos problemas da família. Destaca-se que a entrevistada relata manter distância da mãe de seus enteados e declara que a relação entre elas é conflitiva.

*“eles qualquer coisinha é motivo pra fazer um grande escândalo, eu acho assim que eu tento minimizar sabe, ou achar uma solução menor pro problema que eles acham que é maior sabe. Algumas coisas eu falo né, que nem essa aí [referindo-se à ideia para que eles comprassem um chip de celular da mesma operadora para que pudessem conversar com mais facilidade], que mais (...), de quando tinha que ir na psicóloga, parece que chamavam ele na psicóloga, e ele não queria ir, eu dizia pra ele ir, que é bom saber, te informar, querendo ou não são teus filhos, então vai atrás, vá procura saber.”* (Carla, 26)

Mesmo tendo relatado pouca participação nas questões que envolvem seus enteados, é possível verificar a iniciativa de Carla na busca pelo entendimento entre os membros da família, em especial com relação a parentalidade paterna, aspecto que se mostra ainda mais importante já que conta não ter conseguido se aproximar de seus enteados como gostaria. Observa-se que Carla, apesar das dificuldades, conseguiu superar os conflitos que vivenciava para contribuir com a minimização dos entraves relacionais que permeavam essa família. Com isso, identifica-se que é possível que a nova companheira, mesmo não mantendo um bom convívio com a mãe de seus enteados, assuma funções periféricas no cuidado e atenção aos filhos do marido.

É necessário destacar que a autonomia de padrastos e madrastas em exercer maior autoridade dentro da família se dá a partir do respaldo dos pais biológicos (Church, 2005; Ripoll-Núñez, Arrieta & Gallo, 2013; Rivas, 2012). Diante disso, talvez por terem uma maior

proximidade e terem conseguido manter uma boa relação com a mãe de seus enteados, algumas entrevistadas passaram a exercer maior influência nas práticas educativas dentro das famílias.

Outro aspecto que se mostrou presente diz respeito à passividade assumida por algumas madrastas, mesmo quando elas não concordavam com o comportamento dos enteados. Essa dificuldade em exercer a autoridade parece ter ficado evidente a partir da fala de Camila, que denota a dificuldade em dizer não à enteada, por mais que acreditasse ser necessário.

*“eu nem queria me meter, sabe, eu não queria me meter, até essas semanas que eu fiquei na minha sogra eu ficava com ela, mas eu não ralhava, não fazia nada assim, porque eu tinha medo da mãe dela me xingar, então eu deixava fazer o que queria. Ela ‘ah eu quero toma banho de piscina’ ‘ah Fernanda tá frio’ ‘não, mas eu quero’ senão ela começava a chora ‘tu pode toma banho de piscina’ eu dizia pra ela”.* (Camila, 21)

O relato de Camila evidencia sua posição que parece ter se mostrado mais presente no início de sua convivência com Fernanda. Essa dificuldade experimentada pela participante pode estar refletindo o comportamento assumido por algumas madrastas, especialmente no início do recasamento, quando essas mantêm certa indiferença em relação aos comportamentos dos enteados ou submissão às demandas desses na tentativa de não serem vistas como as figuras ameaçadoras dos tradicionais contos infantis (Church, 2005; Ribeiro, 2005).

De acordo com Church (2005), muitas madrastas entendem que a obrigação em adaptar-se à situação imposta pelo recasamento cabe apenas a elas e que estariam sendo inflexíveis se fizessem exigências aos filhos do companheiro. Pode-se pensar que essa compreensão está relacionada a uma tentativa de proteger os enteados de novos problemas, uma vez que entendem que o momento vivido por eles é difícil em razão da separação e do recasamento dos pais.

Outra postura relatada, a qual denota a intenção das participantes em não se envolverem com a repreensão dos enteados, se refere a deixar para os pais a tarefa de colocar limites e

aplicar castigos. É possível observar como essa dinâmica se dá, já que os recortes parecem ilustrar que elas preferiam comunicar aos seus companheiros as atitudes feitas pelos enteados, para que eles aplicassem aos seus filhos as medidas que julgassem necessárias.

*“eu nunca encostei um dedo na Fernanda, o pai dela chegava e eu dizia ‘Rodrigo hoje a Fernanda fez isso e isso, me bota a língua’ (...) aí o pai dela dava castigo, as vezes dava uma palmada.”* (Camila, 21)

*“Nem sei o que te dizer porque até hoje nunca precisou [chamar a atenção das enteadas], mas eu acho que eu, eu, eu falar acho que não, de repente eu falaria pro pai delas, pra ele falar, porque ele que é o pai né, assim como eu não gostaria que falasse, que fizesse pros meus eu não ia fazer pros dos outros né. (...) acho que eu não faria, não sei. Sei lá, depende do momento também né, do porquê que eu ia ter que chamar a atenção, tudo dependia do que elas estivessem fazendo eu acho.”* (Carmen, 29)

É possível observar que ambas as participantes não buscaram e também não gostariam exercer o papel de autoridade em relação aos seus enteados. Assim, acabaram delegando somente ao pai esse papel, o que parece indicar, além da intenção já mencionada em se distanciar do estereótipo negativo, que elas possuem a clareza de que existe uma função que não devem tomar para si mesmas. Essa dinâmica vem indicar o lugar que as entrevistadas estão ocupando em relação aos seus enteados, aspecto que se mostra positivo, uma vez que a responsabilidade principal e a colocação de limites deve ser dos pais e que os novos cônjuges devem auxiliar para que essas determinações sejam cumpridas (Bernstein, 2002). Além disso, essas falas parecem se contrapor ao que Church (2005) observou em sua pesquisa, quando identificou que muitos foram os pais que não autorizavam suas companheiras à repreenderem seus filhos, já no presente estudo parecem ter sido as próprias madrastas as que teriam se abdicado dessa responsabilidade.

De acordo com Jacquet e Fialho (2004), a imposição de regras pelos novos cônjuges é socialmente ainda reprovada, diante disso se espera que essa função fique apenas a cargo dos pais. No entanto, é necessário assinalar, do ponto de vista das relações familiares, que as madrastas não deveriam permitir ser ignoradas ou desrespeitadas pelos filhos de seus companheiros (Falcke, 2002; Magalhães, et al., 2013). Para tanto, seria necessário que o pai desse suporte à sua nova companheira para que ela pudesse encontrar seu espaço, o qual deverá ser estabelecido a partir da necessidade da família e tenderá a variar de acordo com a idade dos enteados (Bernstein, 2002; Soares, 2012).

Apesar da dificuldade em exercer a autoridade e impor regras, parece ter ficado evidente o envolvimento no que concerne o cuidado, a atenção e o diálogo com os enteados. As falas a seguir vêm demonstrar essa perspectiva, em oposição às anteriores, podendo-se inferir a partir disso que elas conseguiram se aproximar mais afetivamente dos enteados, mas que são os pais que mantiveram a imposição dos limites e as cobranças mais rígidas.

*“Daí a gente acordava, eu dava o café pra ela, olhava desenho com ela, ela nunca teve creche e isso eu sempre achei errado, o meu filho tá na escola até hoje, desde os dois anos até hoje ele tá na escola e ela sempre ficou em volta dos adultos, ela nunca teve convivência com criança né. Então ela levantava e tomava leite, olhava tevê e eu fazia almoço e o pai dela chegava, nós passava a maior parte deitada eu e ela sabe, porque assim, eu não trabalhava” (Camila, 21)*

*“eu disse pra ela [uma de suas enteadas] ‘tu não pode nunca deixa de estudar, se tu parar de estuda tu não vai ser ninguém na tua vida, tu vai passa o resto da vida limpando casa dos outros e cuidando filho dos outros’ eu disse pra ela “tu tem que estudar, em primeiro lugar os estudo” e o guri não estudava, (...) e aí ela prensou o guri disse pro guri que se ele não voltasse a estudar ela não ia mais namorar com ele,*

*agora ele tá fazendo um supletivo de noite, não sei aonde, mas tá fazendo.”*(Carmen, 29)

Nesse sentido, torna-se relevante um diálogo prévio entre o novo casal para que se estabeleça quais serão as funções de cada um dentro dessa nova família (Church, 2005; Claro, Kirby & Muller, 1993; Osório & Valle, 2008). Apesar dessa necessidade, Cartwright (2010) e Church (2005) identificaram que na maioria dos casos apresentados em suas pesquisas, os participantes declararam não falar previamente a respeito de como se daria o cuidado com os filhos. No presente estudo, apesar de não terem sido questionadas diretamente sobre isso, nenhuma das participantes relatou ter conversado com seu companheiro previamente.

Diante disso, destaca-se que os novos cônjuges que integram as famílias recasadas poderão exercer o papel que os outros membros lhe permitam assumir, assim só será com a cooperação de todos os envolvidos, desde o companheiro até a mãe dos enteados, que as madrastas poderão encontrar sua função e seu lugar dentro da família (Lobo, 2009). Nessa perspectiva, a fala de Suzana parece revelar a dificuldade que lhe impede de encontrar o seu papel dentro da família.

*“eu creio que ele não toma decisão nenhuma, porque quem opina pelas decisões são ela [ex-esposa], ele não toma nenhuma decisão.(...) não tô ocupando nenhum papel, eu sinto que eu não tô ocupando nenhum papel, nenhum mesmo, nenhum papel.”* (Suzana, 23)

Muitas vezes a mãe mantém grande influência em relação aos filhos, o que pode fazer com que o pai fique distante das decisões e, conseqüentemente, a madrasta acabe ficando ainda mais afastada desse contexto familiar (Church, 2005; Silva, Trindade & Silva Junior, 2012). Essa maior dificuldade de inserção pode se dar em função da reorganização dos papéis exigida pelo recasamento, uma vez que pode ser difícil para a mãe guardiã compartilhar de seu exercício parental quando os filhos realizam as visitas (Silva, Trindade & Silva Junior, 2012).

## **2. A participação das madrastas na manutenção da paternidade**

### *2.1 O envolvimento da nova mulher no fortalecimento dos laços parentais*

Para os pais, muitas vezes, o recasamento pode significar o afastamento em relação aos filhos do casamento anterior (Corso & Corso, 2011; Cúnico & Arpini, 2014). Um estudo na Colômbia com família recasadas (Ripoll-Nuñez, Arrieta & Gallo, 2013), verificou que 75% dos pais e mães entrevistados afirmaram que aquele que não detém a guarda dos filhos não participa ou se limita a poucas atividades referentes à criação dos filhos.

Diante disso, se poderia inferir, a partir da concepção tradicional que se tem sobre a madrasta, enquanto figura ameaçadora para os filhos do companheiro, que é ela quem incentivaria o afastamento do pai em relação aos filhos. No entanto, os relatos das entrevistadas vêm indicar o contrário, ou seja, a participação delas na busca por um maior contato entre seus maridos e os filhos.

*“ele não era muito de procurar as guria também, sabe, eu que incentivo ele, de ele ir busca elas final de semana, de ele ir final de semana vê elas, porque senão ele não é muito de (...) agora não, agora ele procura, sabe, pega elas e leva elas lá pra casa, depois domingo ele bota elas no carro e leva elas de volta, conversa com elas agora, porque antes nem isso, nem diálogo eles não tinham, sabe, só se viam ali quando ele ia dá o dinheiro da pensão, entregava o dinheiro, dava um beijo, virava as costas e tchau. Sabe, não tinha uma relação mesmo de pai com filha e de filha com pai, agora sim, agora eles têm.” (Carmen, 29)*

*“quando tinha que pegar elas pra passar lá em casa ele também não sabia, eu dizia ‘Ivan, já tá fechando os 15 dias, tu não te esquece que tal feriado é teu’, aí ele dizia*

*assim pra mim 'Bah, mas eu tenho que ir lá buscar?', eu dizia 'claro, um feriado pra um, um feriado pro outro, um final de semana é teu, um final de semana é dela', então ele dizia assim 'aí se não é tu me lembrar eu me esquecia que tinha que pegar as gurias'. Aí a gente ia lá na sexta, buscava elas na sexta, quando tinha um feriado no início da semana, que prolongava assim colégio né, daí a gente ia lá, aí pegava na sexta aí a gente só levava elas no dia que terminava o feriado, por exemplo, se era segunda, de tarde a gente levava elas que na terça elas teriam aula né."* (Amélia, 53)

Os recortes parecem demonstrar o envolvimento que as participantes possuem e o incentivo que oferecem a seus companheiros para que eles se engajem no cuidado de seus filhos. É possível perceber que as visitas são entendidas por elas como um momento importante e que devem ser cuidadosamente exercidas pelos pais. Além disso, a fala de Carmen revela a mudança de comportamento de seu marido após ela o incentivar a se aproximar de suas filhas, relatando que agora eles possuem um relacionamento de *"pai com filha e de filha com pai"*.

Conforme aponta Church (2005), muitas vezes os pais que se sentem distantes dos filhos após a separação se apoiam em suas novas companheiras para que elas exerçam a função de reaproximar a família. Diante dos relatos anteriores, é possível inferir que os companheiros das participantes não delegaram essa tarefa de maneira direta, mas ao adotarem uma postura mais distante em relação aos filhos conduziram às madrastas a tarefa de manter e resgatar esses laços.

Outra fala que demonstra a participação ativa na manutenção do contato entre pai e filha é trazida por Camila, que declara se deslocar para outra cidade para buscar sua enteada para as visitas. É possível perceber que Camila se sente desgastada, especialmente por revelar durante a entrevista que gostaria que a mãe de Fernanda revezasse com ela essa função.

*"ela me entrega...eu desço na rótula da Cidade X, eu desço num posto que tem, eu desço ali com meu filho, que agora dezembro era aqueles calorão e eu fiquei no asfalto duas horas, que ela combinou de me levar a Fernanda"* (Camila, 21)

Diante do relato de Camila, é notável que ela acabou assumindo responsabilidades maiores do que deveria, uma vez que passou a tomar para si a tarefa de possibilitar que Fernanda pudesse estar presente nos dias estabelecidos para a visita. Essa questão também se apresentou na pesquisa de Church (2005) quando identificou que muitas madrastas assumiam atribuições que deveriam ser de seu companheiro. Além disso, a mesma autora percebeu que muitas não questionavam essa ausência do parceiro, possivelmente por encontrarem nesse espaço um lugar assegurado dentro da família.

Ainda com relação ao relato de Camila, a participante declara que acabou assumindo a função de intermediar a relação do pai com os filhos em razão da grande tensão que ainda persistia entre seu companheiro e sua ex-esposa. Essa atitude também se fez presente em um dos casos apresentados na pesquisa de Cartwright e Gibson (2013), a qual entrevistou 16 casais de famílias recasadas da Nova Zelândia, no qual uma madrasta declara ter buscado conversar com a ex-companheira de seu marido, em virtude de sua não cooperação para que os filhos viajassem para ver o pai. Diante disso, se percebe, concordando com os achados de Ripoll-Nuñez, Arrieta e Gallo (2013), que muitas vezes após a separação se estabelece uma maior dificuldade de comunicação entre os ex-companheiros para tratar de assuntos referentes aos cuidados e educação dos filhos, problema que pode se intensificar com o recasamento, conforme identificado por Cartwright e Gibson (2013).

Outra fala que demonstra a atitude da madrasta diante do conflito existente entre os ex-companheiros se fez presente na entrevista de Carmen. É possível verificar a cobrança feita por ela com o objetivo de se certificar que seu marido estava visitando uma de suas filhas, com a qual não convive de forma mais próxima em função de sua ex-esposa não permitir que ele a leve para sua casa aos finais de semana.

*“porque eu pra mim, eu achava que ele não via ela, porque ele saía do serviço e vinha direto pra casa, né, aí final de semana quando ele não tava em casa comigo a gente*

*saia junto, daí eu disse pra ele 'tá, mas a Beatriz [filha], tu tem visto a Beatriz?' 'ah, eu vejo ela sempre' 'mas sempre quando?'" (Carmen, 29)*

Mesmo não sendo próxima de Beatriz, em função da impossibilidade de seu companheiro levar a menina para passar o final de semana com o casal, é notável a preocupação de Carmen em relação a ausência que pode estar sendo vivenciada pela criança. Diante disso, observa-se que a participante, mesmo mantendo uma relação de tensão com Simone, entende que Beatriz não deve ser privada dessa convivência. Essa questão parece ainda se tornar mais clara para Carmen, uma vez que suas outras enteadas convivem com o pai e com ela aos finais de semana e com isso também puderam estabelecer um vínculo com Priscila, filha do casal (ver Figura 15).

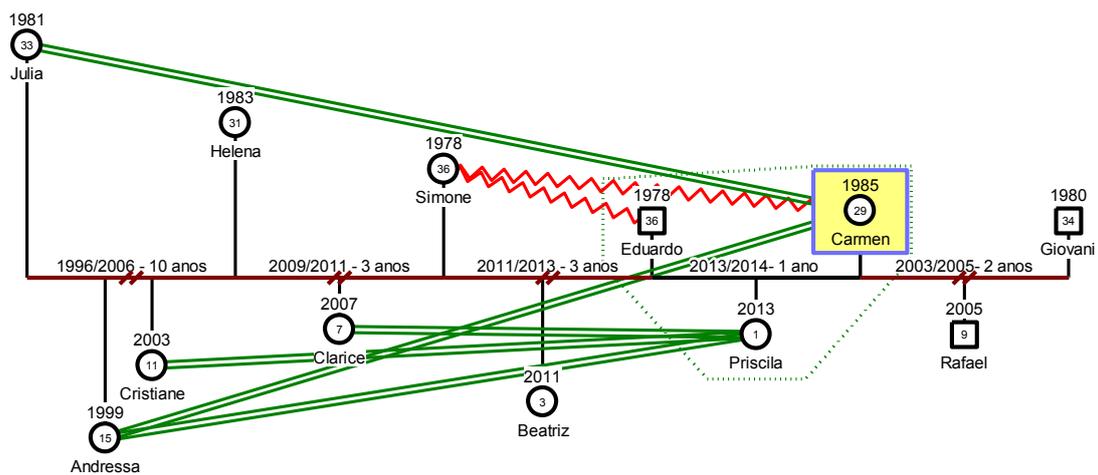


Figura 15. Genograma da Família da Participante Carmen

Ante ao exposto, é possível notar que, apesar das falas de Carmen e Camila retratarem as suas posturas mais ativas na busca pela manutenção da convivência entre seus companheiros e suas respectivas filhas, Camila parece não questionar que esse movimento devesse ser feito pelo seu marido, diferentemente de Carmen que interroga Eduardo para saber se ele está de fato encontrando a filha. Em meio a isso, parece ficar evidente que as falas das entrevistadas retratam uma certa passividade de seus parceiros com relação a uma busca de aproximação e autonomia no cuidado dos filhos.

Nesse sentido se poderia inferir que o modelo de substituição, aquele em que a madrasta ou padrasto acaba assumindo as responsabilidades parentais do pai/mãe biológico (Rivas, 2012), aqui estaria sendo transferido de pai para madrasta, ou seja, a madrasta parece estar se ocupando de atribuições que deveriam ser do pai. Essa postura pode indicar que eles estejam esperando que suas companheiras assumam o papel materno mais tradicional em relação aos seus filhos, mantendo-se assim afastados dessa responsabilidade da qual se espera que eles passem a dar conta quando estão separados das mães. Porém, de acordo com Bernstein (2002), esperar que os novos cônjuges assumam esses papéis tradicionais pode levar a um fracasso dessas relações, as quais precisam ser reinventadas para que as funções assumidas por cada um não se sobreponham. Nesse sentido, um dos desafios a esses casais parece residir na necessidade dos pais assumirem de forma mais efetiva suas responsabilidades parentais (Church, 2005).

Diferentemente dos relatos anteriores, Suzana declara como é sua participação contando um episódio que vivenciou. É possível notar que neste caso foi o pai que tomou a iniciativa de encontrar os filhos e buscou apoio em sua companheira para que ela o acompanhasse durante a visita.

*“Aí ele me convidou assim ‘vamo lá vê eles’ porque tem que passar uma hora lá pra ver a Lilian, uma hora na casa dela, aí eu digo ‘tá, vou fazer um mate e vamos lá’, aí nós fomos, nós fomos lá ver as crianças, era de noite assim, a filha dele mandou nós entrar na casa dela né, aonde a guria mora né, mas assim...é um clima totalmente pesado, é horrível, porque tá o ex, tá o marido, tá.” (Suzana, 23)*

Apesar de ter descrito uma situação desconfortável resultante do momento de visita, percebe-se que Suzana aceitou o convite de seu companheiro para fazer parte desse momento, o qual pode se mostrar positivo em função do pai estar dando um lugar a nova mulher ao mesmo tempo em que ela o encoraja para manter os vínculos com os filhos. Diante disso, evidencia-se que diversas formas podem ser adotadas pela nova mulher no sentido de promover a

manutenção desses laços, aspecto que pode se tornar ainda mais claro quando observada a dinâmica dessas famílias nas datas comemorativas.

## 2.2 A dinâmica da convivência nas datas especiais

A história de cada família sempre está marcada por datas significativas para seus membros e com o recasamento muitas vezes se torna necessária uma revisão das tradições de como são comemorados esses momentos. Esses rituais familiares acabam assinalando publicamente quem integra a família e com isso a chegada dessas datas marcantes podem significar desconfortos e distúrbios nessas relações (Brun, 2010).

*“Aí a Lilian nós pegamos ela de noite pra nós viajar na casa dos familiares dele né, a Lilian foi pra lá, (...) peguei o computador botei jogo pra ela olhar, botei música, peguei esmalte pra pintar as unhas dela, aí ela começou a chorar e disse ‘ah eu quero voltar pra casa’ ela pede pelos irmãos ‘ah eu quero ir pra Cristina então, eu quero ir pra minha irmã’, aí a mãe dela tava viajando e nós tivemos que levar ela de volta pra mãe dela, não quiseram passar com a gente sabe?! E a gente passa um Natal e o Ano novo muito ruim, a gente passa muito ruim, porque falta um pedaço ali sabe?!” (Suzana, 23)*

O episódio relatado por Suzana retrata como foi o primeiro final do ano vivenciado pela nova família, o qual parece ter sido marcado pelo descompasso entre o que foi proposto pelo casal e a postura da filha mais nova de seu companheiro, que acabou decidindo não viajar com eles. Diante disso se percebe que muitas vezes as expectativas dos envolvidos acabam sendo maiores que as possibilidades de realizações dessa nova família ainda em construção (Brun, 2010; Church, 2005).

Também retratando os entraves que são percebidos quando se aproximam as datas festivas, Camila revela o motivo pelo qual sua enteada não poderá passar seu aniversário com o casal. É possível verificar que a participante estabelece uma diferenciação entre o período em que Fernanda residia com eles e como será agora quando ela vive com a mãe.

*“diferente que antes ela ficava com nós, no Natal, (...) ela tava com nós, agora não, agora em maio é aniversário da Fernanda, dia 24, e eu falei com ela mês passado no telefone e ela [a mãe] já falou que a Fernanda não vai vim aqui, ela já disse (Camila, 21)*

Identifica-se com esse recorte a dificuldade de se estabelecer uma negociação entre os dois núcleos familiares com relação à possibilidade da enteada passar seu aniversário na casa do pai. Conforme Cartwright e Gibson (2013), é possível que alguns ex-cônjuges se tornem mais inflexíveis ou não aceitem negociar sobre os aspectos que envolvem a rotina dos filhos. Além disso, esse obstáculo colocado pela ex-mulher pode gerar sentimentos de desilusão para a madrasta em função dela, muitas vezes, criar uma grande expectativa, a qual só é posta à prova no momento em que esses desencontros são vivenciados (Church, 2005).

No entanto, mesmo quando há uma boa convivência entre todos os membros, quando os filhos já não são crianças torna-se mais difícil reunir a família para os festejos. Essa situação foi retratada na fala a seguir e tende a demonstrar a sensibilidade da participante por não ter conseguido reunir a família como gostaria.

*“nas datas festivas sempre a família se juntava, sempre, esse ano a gente conseguiu se juntar só um dia que eu consegui fazer a gente passar um final de semana junto. Eu e as gurias, daí o Marcos já não foi, era pra ir os três filhos né, mais a minha, a minha também não foi, ela tinha um aniversário. (...) daí foi só as gurias, só as duas, o menino não foi. Nesse ano a gente não conseguiu, Natal a gente sempre fica junto, ou na casa da mãe dele [ex-companheira do marido] ou na nossa né.” (Luana, 51)*

É possível identificar o esforço de Luana para propiciar a todos os membros um momento em que estejam reunidos. Destaca-se em especial que a participante mantém uma boa relação com a ex-companheira de seu marido e que algumas datas especiais também eram comemoradas conjuntamente.

Conforme assinala Church (2005), em muitos casos a nova mulher pode tentar assumir a difícil tarefa de integrar toda a família, o que pode ser bastante frustrante em função dos diversos atravessamentos que podem existir nessas relações. Contudo, a autora sugere que em algumas situações é em função da pouca habilidade do pai em estabelecer um contato mais próximo com os filhos que a madrasta acaba assumindo também esse desafio de ser mediadora dessa relação e orientadora do marido.

*“no aniversário deles dos guri né, dos dois, até eu falei pra ele né, que comprasse presente sabe, porque antes ele não fazia nada sabe, tipo assim, ah só ligava ou mandava mensagem ou coisa assim, e eu disse ‘ah, mas que tal tu manda um presente, porque se fosse eu, eu ia gostar de ganhar um presente’, tá daí ele dizia assim ‘ah, mas não merecem, pelo jeito que me tratam não merecem’, sabe, daí eu disse assim ‘tá, mas a questão não é essa, faz a tua parte, se merecem ou não merecem isso aí não interessa, né, faz a tua parte que a tua consciência fica bem melhor’” (Carla, 26)*

*“Natal quando tinha que comprar uma lembrancinha eu já falava ‘aí tu já vai receber teu décimo e a gente já vai antecipado, a gente já vai comprar e tu guarda aqui, porque senão tu vai gastar tudo e não vai comprar’. (...) a gente foi lá na casa deles e eles tavam brigando que uma foi se secar e se secou com a toalha da outra e ainda deixou molhada e eu disse ‘ah tá, é um presente bom de dar’, aí eu disse ‘Ivan, nós vamos lá na Loja X, vamos que lá é colorado e gremista né, então nós vamos fazer assim: quem é colorado compra pra colorado e quem é gremista compra pra gremista’” (Amélia, 53)*

As falas de Carla e Amélia retratam situações em que ambas assumiram a posição de conselheiras de seus companheiros. Destaca-se a preocupação em tornar as datas um momento importante para a família, mesmo no caso de Carla, participante que não conseguiu estabelecer uma boa convivência com seus enteados (ver figura 16), mas que incentivava seu parceiro a nutrir o vínculo com os filhos. Já Amélia, apesar de relatar ter vivenciado dificuldades

financeiras, não deixou de pedir a seu companheiro que guardasse parte de seu salário para que pudessem presentear seus enteados.

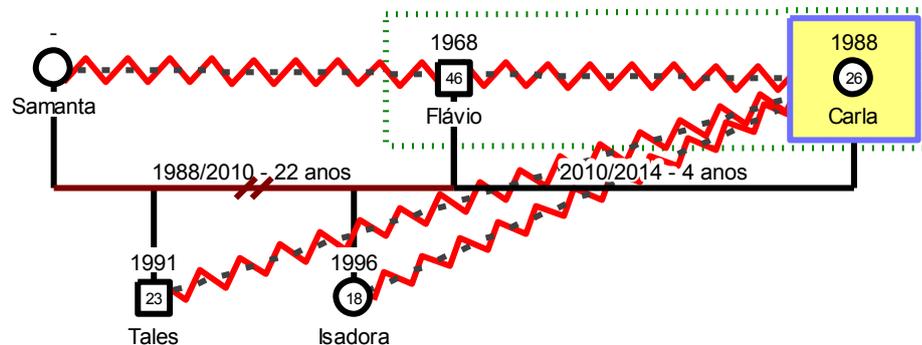


Figura 16. Genograma da Família da Participante Carla

Diante disso, infere-se que, apesar do receio que alguns pais possam ter em se aproximar dos filhos após o recasamento, as madrastas podem atuar no sentido de facilitar a manutenção desses vínculos. Nesse sentido, torna-se necessária a maior flexibilidade e a diminuição das expectativas por parte da nova companheira, uma vez que ela terá que compartilhar o tempo e a atenção que recebe de seu marido.

*“Natal do ano passado, ele passou a meia noite ali embaixo com as gurias né, onde elas moram aqui no Bairro X, que daí mora a Andressa e a Cristiane numa rua e a Clarice mora na outra rua, é tudo pertinho, só a Beatriz que mora longe né, só que a Beatriz ele foi dois dias antes vê, na noite de natal ele não foi. Daí no Natal a meia noite ele passou com a Andressa, com a Cristiane e com a Clarice, mas daí quinze pra uma ele tava lá em casa. Daí ele foi lá pra casa, daí a gente pegou a Priscila e nós fomos pra casa dum tio dele” (Carmen, 29)*

O relato de Carmen retrata a dinâmica que foi necessária para que seu companheiro pudesse se fazer presente no Natal de todas as filhas (ver Figura 15). É possível reconhecer que além do movimento por parte de seu marido, foi preciso que Carmen também cedesse em certa medida, sem exigir exclusividade de seu esposo, para que ele conseguisse dividir sua atenção para todas as meninas. Nesse sentido, observa-se que mesmo quando não é a madrasta quem

assume a linha de frente na busca da reaproximação ou manutenção da relação entre pais e filhos, ainda assim terá que estar ciente de que o recasamento impõe a tomada de uma posição em relação aos enteados e a necessidade de adaptar-se a essa nova família.

### **Considerações finais**

Mesmo tendo sido observadas diferenças nas atitudes das atuais esposas em relação aos seus enteados, parece ter ficado evidente o envolvimento especialmente no que diz respeito ao cuidado e à atenção que as participantes proporcionavam. No entanto, mesmo buscando se fazer presente, nenhuma delas acabou assumindo responsabilidades sozinhas, ou seja, o modelo de substituição não foi observado nesse estudo, o que demonstra ser um aspecto positivo em razão delas não estarem sobrepondo suas funções às das mães. Esse aspecto talvez fosse diferente se os enteados estivessem residindo com as madrastas.

Também foi possível identificar que alguns pais assumem uma postura passiva na busca por um melhor convívio familiar, o que pode resultar em um maior comprometimento de sua companheira em fazer com que as relações paterno-filiais se mantenham. Diante disso, salienta-se a necessidade de que os pais tenham clareza de que a maior responsabilidade na criação dos filhos não deve ser transferida para a nova mulher, mas compartilhada entre os pais. Nesse sentido, entende-se que essa questão pode ser trabalhada desde o momento da separação dos pais, para que os mesmos se mantenham ativos em sua parentalidade.

Apesar dessa crítica, deve-se destacar a influência positiva que a madrasta pode vir a exercer nesses casos, conforme pode ser observado nos resultados desse estudo. Assim sendo, fica clara a importância do diálogo e a busca de entendimento entre os membros para que todos os envolvidos se sintam integrados. Para que isso se torne realidade, será necessário de cada membro da família uma parcela de flexibilidade e respeito ao espaço do outro para que esses lugares sejam acomodados.

Por fim, entende-se como limitador desse estudo o fato de ter sido realizado apenas com um membro da família, fazendo com que os resultados expostos aqui digam respeito apenas ao olhar desse sujeito. Em razão disso, como sugestão para estudos futuros, vê-se a necessidade de pesquisas que envolvam todos os integrantes da família recasada para que haja uma compreensão ainda maior acerca dessa nova configuração familiar.

### Referências

- Bernstein, A. C. (2002). Recasamento – Redesenhando o casamento. In P. Papp. (Org.) *Casais em perigo: novas diretrizes para terapeutas* (pp. 295-322). (Burguño, D. A. E., Trad.). Porto Alegre: Armed.
- Brun, G. (2010) *Os meus, os teus, os nossos: lidando com os desafios da família moderna*. 2ª ed. São Paulo: Larousse do Brasil.
- Cartwright, C. (2010). An exploratory investigation of parenting practices in stepfamilies. *New Zealand Journal of Psychology* 32(1), 57-64.
- Cartwright, C. & Gibson, K. (2013). The effects of co-parenting relationships with ex-spouses on couples in step-families. *Family Matters* 92, 18-28.
- Church, E. (2005). *Uma estranha no ninho: os desafios de quem se casa com quem já tem filhos*. [Título original: Understanding stepmothers] São Paulo: Globo.
- Claro, C. B., Kirby, M. R. & Muller, N. M. (1993). Redes temáticas para el trabajo educativo com familias simultáneas. *Psyche* 2 (1), 43-51.
- Costa, J. M., & Dias, C. M. S. D. (2012). Famílias recasadas: mudanças, desafios e potencialidades. *Psicologia: teoria e prática* 14 (3), 72-87.

- Corso, D. L. & Corso, M. (2011). *A psicanálise na Terra do Nunca: ensaios sobre a fantasia*. Porto Alegre: Penso.
- Cúnico, S. D., & Arpini, D. M. (2014). Não basta gerar, tem que participar? Um estudo sobre a ausência paterna. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34 (1), 226-241.
- Falcke, D. (2002). Mães e madrastas – Quem são estas personagens? In A. WAGNER, (Coord.) *Família em Cena: tramas, dramas e transformações* (pp. 77-92). Petrópolis: Vozes.
- Gomes, R. (2012). Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade* (pp.79-108). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Guimarães, N. V. O., & Amaral, A. C. (2008) Famílias com filhos de casamentos anteriores. In L. C., Osorio, & M. E. P. Valle (Orgs.), *Manual de Terapia Familiar* (pp. 271-285). São Paulo: Artmed.
- Jacquet, C., & Fialho, L. C. (2004). As práticas educativas nas famílias recompostas: notas preliminares. *Sociedade e Cultura* 7(2), 179-189.
- Lobo, C. (2009). Parentalidade social, fratrias e relações intergeracionais nas recomposições familiares. *Sociologia, problemas e práticas* 59, 45-74.
- Magalhães, A. S., Féres-Carneiro, T., Henriques, C. R., & Travassos-Rodriguez, F. (2013). O lugar do padrasto na clínica com famílias recasadas. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família: transmissão, conflito e violência* (pp. 113-128). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- McGoldrick, M., & Carter, B. (1995). Construindo uma família recasada. In B. Carter, & M. McGoldrick (Orgs.). *As mudanças do ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia de família* (pp.344-369). Porto Alegre: Artes Médicas.
- McGoldrick, M., & Gerson, R. (1995). Genetogramas e o ciclo de vida familiar. In: B. Carter,

- & M. Mcgoldrick (Orgs.). *As mudanças do ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia de família* (pp.145-166). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Osorio, L. C., & Valle, M. E. P. (2008). Casais recasados. In L. C., Osorio, & M. E. P. Valle (Orgs.), *Manual de Terapia Familiar* (pp. 423-430). São Paulo: Artmed.
- Ribeiro, R. M. F. (2005). *Adoção emocional em famílias de recasamento: um estudo sobre a construção das relações afetivas entre padrastos/madrastas e seus enteados*. (Dissertação de mestrado em Psicossociologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares de Comunidade e Ecologia Social, Rio de Janeiro.
- Ripoll-Nuñez, K., Arrieta, K. M., & Gallo, A. M. G. (2013). Decisiones sobre crianza de los hijos en familias reconstituidas. *Revista Colombiana de Psicología* 22 (1), 163-177.
- Rivas, A. M. (2012). El ejercicio de la parentalidad en las familias reconstituídas. *Portularia* 12 (2), 29-41. doi: 10.5218/prts.2012.0042.
- Silva, P. O. M., Trindade, Z. A., & Silva Junior, A. (2012). As representações sociais de conjugalidade entre casais recasados. *Estudos de Psicologia* 17 (3), 435-443.
- Soares, L. C. E. C. (2009). *“No Fogo Cruzado”*: *Desafios e Vivências de Pais e Mães Recasados*. (Dissertação de mestrado em Psicologia Social). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Soares, L. C. E. C. (2011). Reflexión. Ser padre, ser madre, ser padrasto, ser madrastra: aspectos psicológicos y jurídicos. *Anuário de psicologia jurídica* 21, 125-130.
- Soares, L. C. E. C. (2012). “No fogo cruzado”: pais e mães recasados entre seu(s) filho(s) e seu atual cônjuge. In L. M. T. Brito (Org.). *Escuta de crianças e de adolescentes: reflexões, sentidos e prática*. Rio de Janeiro: ED/UERJ, 2012. p. 155-176.

Turato, E. (2003) *Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Valentim de Sousa, D. H. A., & Dias, C. M. S. B. (2014). Recasamento: percepções e vivências dos filhos do primeiro casamento. *Estudos de Psicologia* 31 (2), 191-201. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-166X2014000200005>

## **ARTIGO 3**

### **A CONJUGALIDADE E OS CONFLITOS VIVENCIADOS A PARTIR DO RECASAMENTO**

## **A conjugalidade e os conflitos vivenciados a partir do recasamento**

### **Resumo**

Com o recasamento diversos rearranjos serão necessários para que se construa uma nova família, a qual deverá incluir todos os membros. Diante disso, esse estudo teve por objetivo investigar, na perspectiva das madrastas, como se deu o estabelecimento da nova relação conjugal e os conflitos vivenciados a partir desse novo casamento. Para tanto, integraram esse estudo seis mulheres que vivenciavam um relacionamento estável com um homem que possuía filhos de um relacionamento anterior. Os dados foram coletados em um encontro com cada participante, no qual foi construído o genograma da família, com o auxílio de uma ficha de dados de identificação. Além disso, foram utilizadas entrevistas semidirigidas de questões abertas, tendo sido analisadas por meio da análise de conteúdo temática. Destaca-se que a análise das entrevistas também possibilitou a finalização dos genogramas. Como resultados, evidenciou-se a rapidez com que se estabeleceu a coabitação entre as entrevistadas e seus companheiros. Além disso, foi possível constatar o embate entre ex-companheira e a atual como o principal conflito dentro da família recasada, aspecto possivelmente relacionado com o curto período em que os homens ficaram solteiros. Outra fonte de tensão que se fez presente está relacionada ao pagamento da pensão alimentícia realizado pelos esposos das participantes.

Palavras-chave: Relações familiares; família; casamento; separação conjugal

## **Conjugality and conflicts experienced from remarriage**

### **Abstract**

With remarriage, many rearrangements will be needed in order to build a new family, which shall include all members. This study aimed to investigate, in the perspective of the stepmother, how the marital relationship and the conflicts experienced from this new marriage were established. For this purpose, this study integrated six women who experienced a steady relationship with a man who had children from a previous one. The data were collected on a meeting with each participant on which the genogram of the family was built, with the aid of an identification data sheet. In addition, semi-structured interviews with open questions were used and analyzed through thematic content analysis. It is noteworthy that the interviews analysis also enabled the completion of the genograms. The results showed how quickly the cohabitation between the interviewed women and their partners was settled. Furthermore, the clash between former and current partner was identified as the main conflict in the remarried family, feature that may be related to the short period in which men were single. Another source of tension that was present is related to the child support payment performed by the participants' husbands.

**Keywords:** Family relationships; family; remarriage; marital separation

## Introdução

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o qual apresenta os números de separações judiciais no Brasil desde o ano de 1984, foram totalizadas 62.547 nesse primeiro ano de análise, atingindo o número mais alto em 2006, no qual foram registradas 101.820 (IBGE, 2011). Apesar do censo apresentar este balanço, sabe-se que muitas outras uniões e separações são extraoficiais, o que indica a existência de um número ainda maior do que o demonstrado a partir desse levantamento (Hack & Ramires, 2010).

O alto índice de separações está relacionado, de acordo com Féres-Carneiro (1998), a uma valorização do casamento e não a um desprezo pela união conjugal. É quando o parceiro não responde a expectativa do outro, na busca pelo sonhado par romântico, que os sujeitos acabam optando pelo divórcio. De acordo com Guimarães e Amaral (2008), “é na hipermodernidade que a cultura passa a considerar a separação conjugal não mais como um estigma, mas como uma possibilidade de libertação de uma relação que faliu, para abrir portas para a reconstrução dos ideais de felicidade conjugal” (p. 275). Em outras palavras, a união atualmente se dissolve pelo desgaste daquilo que a construiu, não tendo mais os motivos e contratos que, em tempos idos, mantinham a relação (Bernstein, 2002; Corso & Corso, 2011).

Contudo, é importante não simplificar a separação<sup>6</sup>. Conforme aponta Féres-Carneiro (1998), ela é um fenômeno complexo e multifatorial e que impactará de forma singular os membros da relação. Nesse viés, é possível que os dois membros do casal não estejam vivendo este período de forma compatível, no qual um deles pode ainda desejar a manutenção do casamento. Este fato pôde ser observado a partir da experiência em um projeto de extensão em um Núcleo de Assistência Judiciária (Cúnico, Mozzaquatro, Arpini & Silva, 2010), no qual em muitos casos os sentimentos que envolviam a dissolução da união não estavam sendo

---

<sup>6</sup> Nesse estudo os termos separação e divórcio serão utilizados como sinônimos.

vivenciados da mesma forma por ambas as partes. Deve-se destacar que, apesar dessa diferença, existirá uma carga de sofrimento em ambos, posto que é um projeto de vida que se rompe com o fim do casamento. Tal projeto envolve desde as conquistas materiais até as afetivas, o que poderá evocar sentimentos de fracasso, impotência e perda, resultando em um luto a ser elaborado pelos ex-cônjuges (Brun, 2010; Corso & Corso, 2011; Féres-Carneiro, 1998).

Pontua-se que a situação vivenciada nesse processo que envolve a separação, desde sua decisão, reverberará nas experiências posteriores dos membros envolvidos. O sofrimento evocado e a possível resolução desse conflito, quando bem elaborado, poderá resultar em uma maior aceitação dos filhos em caso de nova união dos pais (Brun, 2010). Em contraposição, o estabelecimento rápido de um novo relacionamento por vir a trazer problemas para essa nova união (Brun, 2010; Cartwright & Gibson, 2013).

A decisão em ingressar em uma nova relação conjugal ocorre de maneiras diferentes para os membros do casal. Conforme apontam alguns estudos (Cartwright & Gibson, 2013; Costa & Dias, 2012; Féres Carneiro, 1998), o homem tende a se casar novamente antes da mulher. De acordo com uma pesquisa empreendida por Silva, Trindade e Silva Junior (2012), os homens, em muitos casos, após a vivência de um período em que estão solteiros, buscam uma nova companheira com o intuito de organizar a sua vida. Em contrapartida, para a mulher, frequentemente esta escolha parece envolver questões menos objetivas. Apesar dessas particularidades, a tomada de decisão para dar início a um novo casamento muitas vezes é difícil em razão da frustração vivenciada com o fim da união anterior que, em muitas situações, mesmo com o passar do tempo, permanece presente (Brun, 2010).

Faz-se necessário enfatizar que o recasamento ocorre de formas diferentes quando existem filhos do relacionamento anterior ou não. No primeiro caso a complexidade é maior para o estabelecimento desta nova relação conjugal, já que a dupla parental deve continuar existindo, o que exigirá a comunicação entre os ex-parceiros, em função dos filhos. Tal

necessidade que se impõe, pode ser um elemento que dificultará o afastamento entre o ex-casal evitando o rompimento definitivo que poderia amenizar a dor da separação. Já no segundo caso – quando não existem filhos – geralmente o ex-casal se desvincula completamente, uma vez que não há nenhum outro laço que os una (Corso & Corso, 2011; Osorio & Valle, 2008).

Apesar do estabelecimento de uma nova relação, a ex-companheira poderá gerar conflito e tensão no relacionamento do novo casal, já que a atual mulher será a substituta e terá a chance, que ela já não possui, de vivenciar a satisfação conjugal ao lado deste homem, principalmente naquelas situações em que a separação foi uma decisão que partiu do companheiro (Guimarães & Amaral, 2008). De acordo com Church (2005), a ex-esposa muitas vezes se sentirá ameaçada e com isso também poderá não colaborar com o ex-marido nas questões que envolvem os filhos em comum (Cartwright & Gibson, 2013).

Com a construção dessa nova família, outro subsistema que poderá se estabelecer é entre os filhos das duas uniões anteriores de cada membro do casal. Nomeada de irmãos políticos ou circunstanciais, este vínculo irá se constituir a partir do laço afetivo que se dará pela convivência a partir da união de seus pais (PEREIRA; ARPINI, 2012). Essas novas relações demandarão, de todos os envolvidos, certa flexibilidade, compreensão e respeito ao lugar do outro. Além disso, com o nascimento de um filho deste novo casal, a configuração familiar será alterada novamente uma vez que os filhos dos casamentos anteriores se tornarão meio-irmãos desta nova criança, exigindo assim uma nova reorganização (Lobo, 2009).

No que se refere à dinâmica familiar, muitas vezes nem todas os filhos residirão na mesma casa. Os filhos do homem, na maioria dos casos, vivem sob a guarda materna e acabam frequentando a moradia do pai apenas aos finais de semana. Diante disso, as famílias construídas nessa configuração precisarão se reajustar a partir de cada visitação, período no qual todos os membros estarão juntos – os filhos dela, os filhos dele e os filhos do novo casal (Lobo 2009).

Outra reorganização que será necessária diz respeito ao dinheiro. Conforme assinala Grisard Filho (2010), muitos dos conflitos que podem se apresentar nessas famílias decorrem dos gastos que se multiplicam com o recasamento. Além disso, após o fim do relacionamento o homem e a mulher muitas vezes se sentem em desvantagem com relação aos acordos financeiros (Brun 2010). Diante disso, a nova companheira pode também se sentir sobrecarregada caso auxilie seu marido a prover o antigo lar (Church, 2005).

Diante dos aspectos apresentados e da complexidade dessa temática, o objetivo desse estudo consiste em explorar questões referentes à conjugalidade em famílias recasadas e os possíveis conflitos que permeiam essas relações, a partir do olhar da nova companheira do pai.

## **Método**

### *Delineamento*

Com o intuito de atingir os objetivos propostos, realizou-se uma pesquisa qualitativa. Essa escolha se deu em razão da complexidade que envolve a temática das famílias recasadas, a qual pode ser melhor explorada por essa modalidade, uma vez que a pesquisa qualitativa busca identificar os significados presentes na vida individual e coletiva (Minayo, 2013). De acordo com Gomes (2012), o objetivo da pesquisa qualitativa é a exploração de opiniões e representações sociais sobre a temática que se busca investigar. Nesse sentido, essa abordagem não busca quantificar o fato, mas analisá-lo a partir da perspectiva das pessoas que estão envolvidas no fenômeno (Minayo, 2013).

### *Participantes*

Participaram desse estudo seis mulheres que vivenciavam um relacionamento estável com um homem que possuía filhos de um relacionamento anterior. Todas elas ou seus parceiros foram usuários do Núcleo de Assistência Judiciária da Universidade Federal de Santa Maria, serviço que atende uma população com renda de até três salários mínimos. As participantes foram incluídas de forma proposital, intencional ou deliberada (Turato, 2003). Essa escolha se deu em razão da busca por informantes que pudessem contribuir com a temática, em oposição à amostragem estatística que tem como fundamento representar significativamente uma população total.

Com relação à idade das entrevistadas, quatro delas possuíam menos de 30 anos e duas mais de 50 anos, sendo que essas idades estiveram entre 21 a 53 anos. O tempo de união entre as participantes e seus companheiros variou entre 11 meses a 9 anos. O número de enteados que cada uma possuía também foi bastante diverso, variando entre 1 a 5.

No que tange à ocupação, apenas uma estava com vínculo empregatício no momento da realização da entrevista, enquanto as demais dedicavam-se ao lar e uma delas era estudante universitária. Das seis participantes duas não possuíam filhos de um relacionamento anterior, porém somente uma delas ainda não era mãe, uma vez que a outra já possuía um filho fruto da união atual.

### *Instrumentos e procedimentos*

Para a realização da coleta dos dados foram utilizados como instrumentos a ficha de coleta dos dados de identificação, o genograma e a entrevista semidirigida de questões abertas (Turato, 2003). Num primeiro momento, foi preenchida a ficha de coleta dos dados de identificação e a partir desses dados, na presença da participante, foi construído o genograma – somente ilustrando a configuração familiar.

Na sequência, foi realizada a entrevista, a qual deu suporte a elementos importantes para a finalização do genograma. Os tópicos que guiaram a entrevista foram: a) A história da família; b) A experiência familiar atual; c) A relação com os enteados; d) A relação com a ex-companheira do cônjuge. Dessa forma, os recursos técnicos foram utilizados de forma complementar com o objetivo de ampliar compreensão do fenômeno.

### *Análise dos dados*

A técnica utilizada para a análise de dados da entrevista semidirigida foi a análise de conteúdo temática. As etapas propostas por Gomes (2012), para a sua realização compreendem os seguintes eixos: leitura; exploração do material e síntese interpretativa. Partindo dessa concepção, no primeiro momento foi realizada uma leitura para a familiarização com o material e elaboração dos pressupostos iniciais. Posteriormente, realizou-se a classificação de trechos na busca pelos núcleos de sentido. Ao final, foi realizada uma articulação entre os temas classificados com os objetivos propostos na pesquisa.

Ressalta-se que tal análise subsidiou a conclusão da construção do genograma, possibilitando incorporar os símbolos que dizem respeito a dinâmica das relações nas famílias, a partir do olhar da participante. Estes símbolos foram os propostos pela padronização feita por McGoldrick e Gerson em 1985<sup>7</sup> (McGoldrick & Gerson, 1995).

Destaca-se que o estudo atendeu a todas as exigências da ética em pesquisa segundo a resolução n.466/2012, obtendo aprovação CAEE 19825913.1.0000.5346 pelo Comitê de ética em Pesquisa da Instituição em as pesquisadoras estão vinculadas. Além disso, todas as participantes ficaram cientes do objetivo do estudo e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Com o objetivo de preservar a identidade das participantes, todos os nomes aqui apresentados são fictícios.

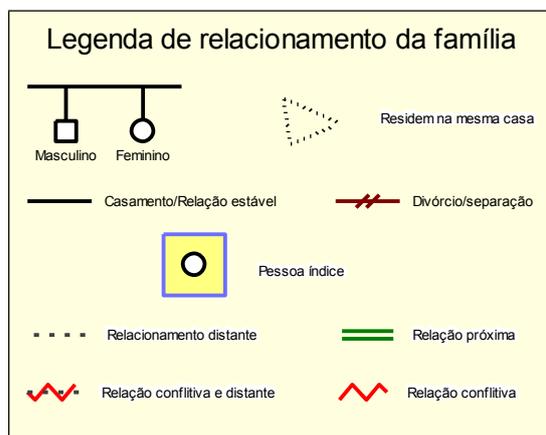
## Resultados e discussão

### 1. *Recasamento: o estabelecimento rápido da relação e o pouco planejamento*

A construção da família recasada inicia com a escolha do parceiro, o qual também pode ter vivenciado a experiência do casamento ou não. Com isso, diversas circunstâncias

---

7



necessitarão ser ajustadas em função da ampla rede de relacionamentos que passarão a existir com essa união (Brun, 2010; Costa & Dias, 2012). Diante disso, poder-se-ia supor que a nova relação se construísse de maneira mais lenta, em razão dos atravessamentos que podem impedir o estabelecimento de uma boa relação entre todos esses membros. No entanto, as falas abaixo parecem indicar que essa não foi a escolha feita pelos casais.

*“Olha, nós se conhecemos através de uma carona que ele me deu, como ele é caminhoneiro ele me deu uma vez, eu ia vim pra aula e daí eu tava na parada e aí ele me ofereceu carona. Ah daí como eu tava curta de grana e tal, daí aceitei a carona. Daí a gente, daí se trocamos telefone e tal, daí ele me falou da família dele, que ele tinha dois filhos, deixa claro isso. (...) ele é mais velho que eu, daí eu fiquei meio assim de assumir uma relação com ele, ele sendo mais velho que eu por causa da minha família e tal né. Só que daí tá né, a gente começou a conversa e saí e a gente acabou se assumindo.”* (Carla, 26)

*“Aí a gente saiu, saiu, daí eu e ele sentamos na avenida, tinha a lancheria ali (...) daí a gente tomou um refrigerante, daí eu comecei a contar a minha vida pra ele né, daí ele disse ‘pois é, eu também to sozinho também, to tendo dificuldade, tenho bebido demais, como tu sabe me separei da Janice’(...) Daí a gente começou a conversar, eu fui lá, na casa dele, ele me levou lá pra conhecer a casa dele que eu já conhecia, aí a gente passou lá umas horas, conversamos tudo, daí daquele dia em diante ele começou a morar comigo.”* (Amélia, 53)

Os relatos parecem indicar o pouco planejamento para o estabelecimento dessas relações. Essa atitude tende a ilustrar que as adversidades decorrentes do recasamento podem estar sendo minimizadas pelas mulheres que ingressam nessas famílias. Situação semelhante foi encontrada no estudo de Church (2005) que envolveu 104 madrastas no Canadá. A autora identificou que não são raros os casos em que as mulheres criam grandes expectativas em

relação a esse novo relacionamento e acabam desconsiderando os possíveis entraves que encontrarão no futuro.

Também é possível inferir, a partir das falas de Carla e Amélia, a praticidade e o pouco envolvimento que existia entre eles quando deram início ao seu vínculo conjugal. Contudo, autores (Church, 2005; Claro, Kirby & Muller, 1993; Osório & Valle, 2008) afirmam a necessidade da construção de um diálogo entre o novo casal para que se definam os papéis dentro dessa nova família. Diante disso, essa rapidez no estabelecimento de uma relação pode vir a ser prejudicial para que consigam delimitar as funções que serão exercidas por cada um.

Outra participante também revela como foi que passou a residir com o seu atual marido. Destaca-se o fato de que a entrevistada diz ter conseguido ver “o caráter dele” em apenas três horas de conversa e que depois de um mês já estavam vivendo juntos.

*“ah eu me lembro (riso), tá a gente se encontrou ele me levou lá acho que pra conversa (...) aí conforme a gente foi conversando, eu conhecendo ele, ele me conhecendo, acho que ficamos 3 horas conversando, eu vi o caráter dele sabe (...) e aí aconteceu, a gente se encontro mais duas vezes, aí eu fiquei duas semanas na casa dele, da minha sogra, morando, dormindo no mesmo quarto que ele e dali um mês a gente já tava morando junto numa casa, e a Fernanda foi junto”. (...) mas eu gostei dele eu acho que foi mais por causa, sei lá, de eu vê que ali eu ia ter uma família, porque daí a gente ia morar sozinho” (Camila, 21)*

A fala de Camila parece revelar que o fato de seu companheiro dizer ter uma filha não foi motivo para que ela repensasse, pelo menos inicialmente, o que essa relação poderia implicar. Diferente disso, o relato tende a destacar que foi em função dele ter uma filha que ela passou a ficar ainda mais interessada nesse casamento. Esse aspecto também se fez presente na pesquisa de Church (2005), a qual identificou um pequeno número de mulheres que viram nessa união a oportunidade de ingressarem em uma família já constituída.

Em razão dessa rápida conjugalidade que é construída, outra questão que se revela é a reação dos filhos com a chegada desse novo membro. Conforme assinala Soares (2009), em alguns casos a separação pode fazer com que ocorra um fortalecimento do vínculo entre pai e filhos e que, diante disso, pode ser mais difícil esses aceitarem o ingresso da nova mulher do pai. Nesse sentido, torna-se necessária a cautela por parte do casal, uma vez que o tempo é um fator imprescindível para que haja a incorporação da madrasta enquanto membro da família (Bernstein, 2002; Brun, 2010; Church, 2005; Claro; Kirby & Muller, 1993; Costa & Dias, 2012; Soares, 2012).

*“então eu acho que eu cheguei e foi um baque, tanto pra mim quanto pra eles. Porque eles nem me conheciam, eu era de outra cidade, então na minha cabeça...então eu perguntei pra ele ‘não tem problema os teus filhos, a tua ex?’ ele falou ‘não, nós moramos 13 anos juntos, não tem problema nenhum, ela tá casada, ela tá bem, eu to solteiro faz dois anos, as crianças pedem uma mãe’, ele falava assim e eu dizia ‘que legal, então vamos juntar a minha família e a tua’, eu falava pra ele, ele tava com dois né e eu tava também com dois, aí ele disse ‘vamos juntar a família’ e eu digo ‘legal’”.*

(Suzana, 23)

Apesar da preocupação que Suzana sinaliza nesse relato, é possível perceber que, assim como nos casos anteriores, nesse também parece não ter havido uma preparação maior para o início de uma união. Destaca-se nesses casos que parece não ter ocorrido uma comunicação formal e aberta por parte dos pais de que eles passariam a viver com outra pessoa. Nesse sentido, esses dados concordam com os achados da pesquisa de Ribeiro (2005), que teve por objetivo investigar na cidade do Rio de Janeiro as relações entre padrastos/madrastas e seus enteados. O estudo identificou que o entendimento, por parte dos filhos, de que os pais e seus novos cônjuges estavam juntos se deu em razão dos acontecimentos, sem que houvesse uma conversa entre eles.

A palavra “choque” utilizada pela participante parece ilustrar o sentimento que pode ter sido vivenciado pelos enteados que foram surpreendidos por essa nova configuração familiar que se instalou rapidamente. É interessante destacar que esse também foi o termo utilizado por um integrante do estudo desenvolvido por Soares (2012), o qual teve como objeto de estudo homens e mulheres de famílias recasadas que viviam na cidade do Rio de Janeiro, ao descrever a percepção que tinha sobre a forma com que foi vivenciada essa apresentação. De acordo com a autora, essa rápida passagem da fase inicial de namoro para a coabitação pode estar relacionada a expectativa dos pais de que os filhos instantaneamente aceitarão essa nova união e sentirão afeto pela madrasta, desprezando os ajustes necessários para a construção desses vínculos.

Outro aspecto que pode interferir na futura relação entre madrasta e enteado é o período entre a separação e a nova união. De todas as participantes da pesquisa, apenas Luana declarou que o tempo entre a separação do marido e o novo casamento foi maior que um ano. As demais indicaram que a nova união se deu no mesmo ano (Carla, Amélia e Carmen) ou no ano seguinte (Camila). Outra entrevistada (Suzana) declarou que esse lapso foi de três anos, mas que, até o momento em que eles assumiram o relacionamento, a ex-mulher se fazia presente auxiliando nas tarefas domésticas na casa do ex-marido. Esses dados parecem corroborar estudos que apontam que homens tendem a se recasar mais rapidamente que as mulheres (Cartwright & Gibson, 2013; Costa & Dias, 2012; Féres Carneiro, 1998), uma vez que as participantes que já tinham se casado anteriormente demoraram mais tempo de maneira geral: Luana 7 anos, Carmen 8 anos, Amélia 6 anos e Suzana 1 ano.

Ainda nesse sentido, o relato abaixo ilustra de maneira clara a fragilidade da construção dos laços conjugais que foram sendo interrompidos seguidamente. Destaca-se ainda que em todas essas relações nasceram filhos, aspecto que pode ser melhor visualizado no genograma abaixo.

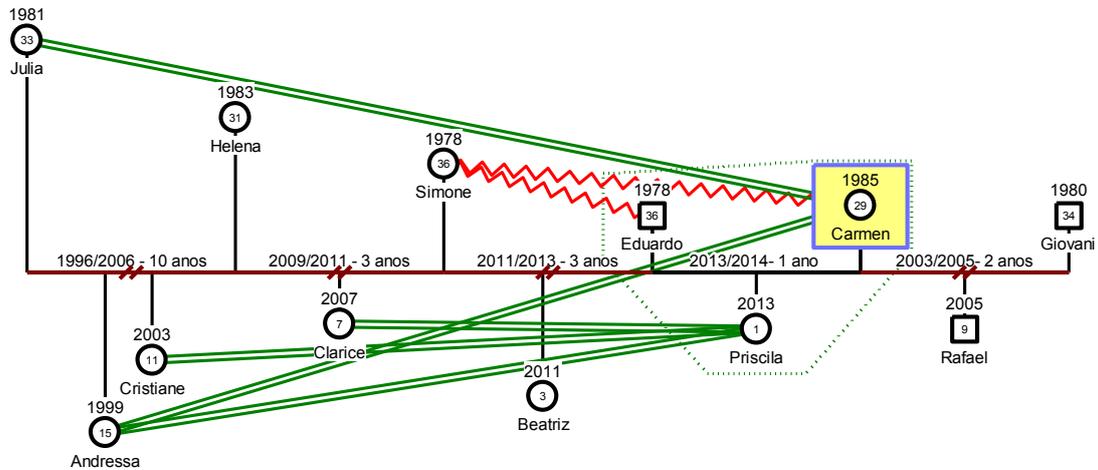


Figura 17: Genograma da família da participante Carmen.

*“quando eu comecei assim andar com ele, ele ainda era casado com a mãe da Clarice (...). Daí acho que a gente ficou um ano e pouco, dois anos junto, saindo junto, aí depois ele se separou, daí ficou acho que uns 3 meses separado dela e daí ele se juntou com a Simone, a mãe da quarta guriázinha. (...), daí a gente voltou a se encontra de novo, a saí junto de novo. (...) E aí depois eu engravidei, acabei engravidando da Priscila. Eu disse pra ele, ou ele dizia pra ela [Simone] que eu tava esperando um filho dele ou eu ia ter que contar. (...) depois que foi quando ela mandou ele embora de casa, que ele foi morar comigo, ela viu no celular dele uma foto da Priscila” (Carmen, 29)*

A fala da participante chama a atenção em razão da facilidade com que parece que os vínculos amorosos foram rompidos e imediatamente substituídos. Mesmo Carmen não tendo relatado problemas conjugais específicos, conforme afirma Gomes (2009), é necessário um período de reflexão acerca da relação passada para que não se repitam os problemas que levaram à separação anterior. Além disso, observa-se o fato de que com cada uma das mulheres Eduardo se tornou pai. Esse dado encontra respaldo no estudo de Marcondes (2008), que entrevistou casais de famílias recasadas de segmentos populares em São Paulo, quando identificou que,

para os homens entrevistados, ter um filho com a nova mulher foi algo esperado na medida em que entendiam ser essa a consolidação da nova união.

Quando o intervalo entre um casamento e outro é muito pequeno, a nova relação sofrerá algumas consequências (Brun, 2010). Conforme a autora assinala, nesses casos muitas vezes o novo membro será visto com desconfiança pelos filhos, em função de compreenderem ele como o motivador da separação dos pais, o que dificultará o estabelecimento de um relacionamento saudável entre madrasta e enteados. Essa questão se fez presente no caso de Carla, que, apesar de revelar ter iniciado o relacionamento com seu companheiro quando ele estava se separando, os filhos dele não aceitaram e ainda se mantinham afastados dela, mesmo depois de quatro anos (ver Figura 18).

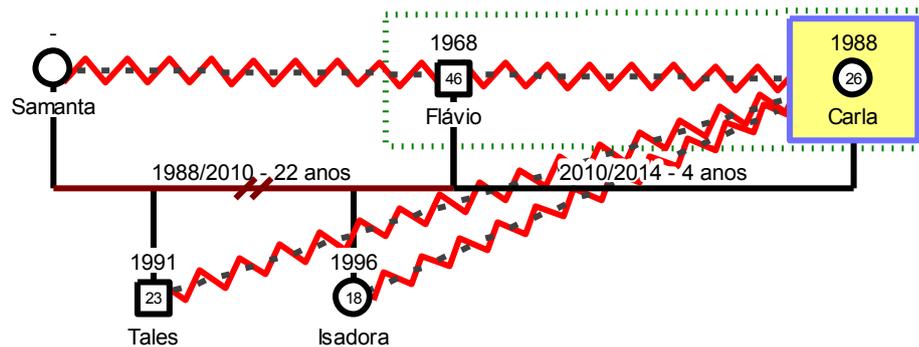


Figura 18: Genograma da família da participante Carla.

De acordo com os resultados da pesquisa desenvolvida por Cartwright e Gibson (2013), a qual integrou casais de famílias recasadas da Nova Zelândia, o recasamento precoce também pode levar a um aumento de tensão entre os ex-cônjuges. Em função desse conflito, consequentemente, haverá respingos na relação entre a “ex” e a atual esposa, aspecto que será abordado na sequência.

## ***2. Os conflitos na família recasada: a ex-esposa e o dinheiro***

### ***2.1 A disputa com a ex-esposa do companheiro***

A separação é um fenômeno complexo por envolver diversos aspectos que afetam cada um dos membros da família de maneira diferente (Féres-Carneiro, 1998). Diante disso, pode-se pensar que cada um terá uma leitura única a respeito desse processo. Para as participantes desse estudo, parece que o término da relação entre os seus companheiros e as ex-esposas desses não se deu da mesma forma para ambos, tendo as mulheres apresentado maior dificuldade em aceitarem o fim da união.

*“aí dizia que eu tinha roubado o marido dela, (...) na real ela tinha esperança que ele voltasse a ficar com ela, só que claro, ele se envolvendo com outra pessoa ela não tinha chance, no caso, de reatar o romance deles lá, que não sei por que lá, que não deu certo.(...) uma vez ela falou (...) no telefone que o dia que ele quisesse voltar podia voltar, (...) eu acho assim que de repente ela gostava dele sim (...) ele que não gostava dela, não sei. (...) como ela tinha esperança de voltar com ele, ela me eliminando do caminho é meio caminho andado.”* (Carla, 26)

*“ela [Simone, ex-companheira do seu marido] pegava no telefone dele, (...) até ela descobri qual era o meu. Aí ela me infernizava, me infernizava, diz que era metida a batuqueira (...) ela foi lá na minha casa, largou um monte de trouxinha de saravá, fez horrores essa mulher né.”* (Carmen, 29)

Conforme assinalam Guimarães e Amaral (2008), quem decide pela separação, muitas vezes estará em uma posição mais confortável, na medida em que tem o controle, já quem acata viverá um sentimento de impotência em relação a esta tomada de decisão. Apesar disso, mesmo que nesses casos tenham sido os homens que tomaram a iniciativa, os relatos de Carla e Carmen revelam que a ex-mulher parece ter tentado interferir e se fazer presente nessa relação. Diante disso, a postura que as participantes descrevem tende a ilustrar a busca dessas ex-mulheres por um espaço que talvez ainda desejassem ocupar.

Outra participante apresenta sua interpretação a respeito da postura assumida pela ex-esposa de seu marido. Destaca-se que nessa situação quem decidiu pela separação foi Paola (ver Figura 19), contudo Suzana também declara ter vivenciado essa interferência, especialmente no que se refere a sua relação com os enteados.

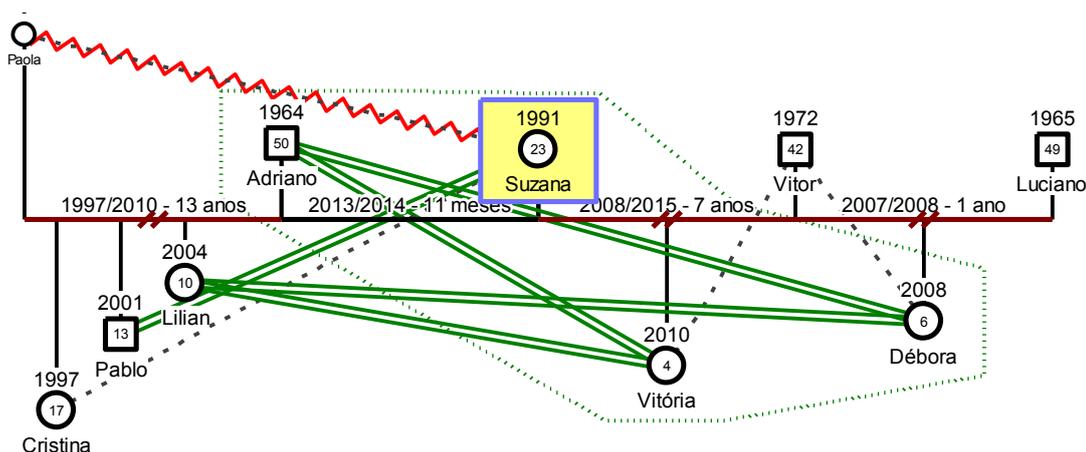


Figura 19: Genograma da família da participante Suzana.

*“ela deixou ele, então ele sofreu, (...) foi embora, toda aquela confusão né, então no momento que aparece outra ela quer tudo o que era dela de volta, então começou todos os problemas (...) Toda a hora ligando, toda a hora ligando, as crianças iam pra lá, ela dizia que eu maltratava as crianças, que eu podia dá nas crianças, que eu podia fazer mal com os filhos dela, sendo que ela esquecia que eu tinha mais duas filhas também, entendeu, uma preocupação que eu fosse bater nas crianças, uma que jamais eu ia fazer isso, nem o pai ia deixar entendeu, não tem como, entendeu.” (Suzana, 23)*

De acordo com Guimarães e Amaral (2008) o conflito entre a mãe e a madrasta “retrata o combate feminino entre mulheres que disputam o reconhecimento de suas habilidades de ‘fêmea’” (p.282). Pode-se dizer que um dos papéis tradicionais que são atribuídos à mulher é a maternidade. Nesse sentido, não raro são os casos em que a mãe se sentirá ameaçada quando entender que a nova mulher poderá estar ocupando seu lugar.

*“quando ela descobriu que ele casou de novo e que eu tava cuidando dela [sua enteada], ela começou a se aproximar e tentar incomodar sabe?! Descobriu que a menina me*

*chamava de mãe, ficou braba, disse que mãe dela era ela. Aí até que ela conseguiu tirar a menina da gente. Ela ficou tão enciumada com isso, e aí eu engravidei, que daí ela decidiu pega a guarda da menina.”* (Camila, 21)

A reaproximação que Camila descreve é possível que esteja vinculada à ameaça que algumas mães sentem quando percebem que seu espaço está sendo invadido pela nova mulher (Church, 2005). A ocupação desse lugar parece estar ilustrada quando a participante revela que era chamada de mãe por sua enteada, o que pode ter ocasionado, conseqüentemente, a busca dessa mãe pela guarda da menina.

As situações apresentadas por Camila e Suzana se aproximam pelos aspectos que envolvem os enteados. Diante disso se observa que, conforme assinala Church (2005), existem dois triângulos relacionais nas famílias recasadas que podem se estabelecer como campos de batalha entre a atual e a ex-esposa. O primeiro deles envolvendo o pai, a mãe e a madrasta, tendo como objeto da disputa a atenção do homem, já o segundo envolvendo as duas mulheres e os filhos, a competição tendo como foco esses últimos.

Uma das entrevistadas revela a repercussão do conflito que vivencia, especialmente com uma das mães de suas enteadas. Quando se observa o genograma (ver Figura 17) e o seu relato identifica-se que essa tensão se mantém, principalmente, com a última mulher de seu marido.

*“com a Helena [segunda esposa de Eduardo] nem me olha na cara (...), mas eu não tenho nada contra ela, ela diz que também não tem nada contra mim (...). Mas (...) das mais velha eu me dou muito bem com a Julia, só com a Helena que não é muito minha, mas deixa, nunca proibiu a Clarice de ir lá em casa nem nada né, nunca proibiu. E com a Simone [terceira esposa de Eduardo] é aquilo ali né [referindo-se ao conflito que mantém com ela].”* (Carmen, 29)

Faz-se necessário pontuar que Carmen já vinha se envolvendo com Eduardo quando esse mantinha um relacionamento com Helena, podendo-se inferir que é também em função

disso que ainda persiste certo estranhamento entre elas. Já com relação à Simone, a entrevistada declara que, em razão da importância desse embate entre elas e também entre Simone e Eduardo, resultado da relação que o casal mantinha quando eles ainda moravam juntos, a mãe não permite que ele leve sua filha para passar os finais de semana com o casal. Nesse sentido, pode-se pensar, concordando com outros estudos (Claro, Kirby & Muller, 1993; Gomes, 2009; Ripoll-Núñez, Arrieta & Gallo, 2013), que a separação tendo sido conflitiva poderá resultar em um distanciamento entre pais e filhos. Além disso, conforme apontam Cartwright e Gibson (2013), a ex-esposa, após o recasamento, poderá se tornar ainda mais inflexível nas questões que dizem respeito aos filhos.

Apesar dessas vivências, as participantes não revelaram, de modo geral, problemas maiores no relacionamento com os enteados. Muitas delas destacaram as experiências positivas, aspecto que Suzana parece resumir com o relato seguinte:

*“o problema é a mãe e a madrasta, eu acho que esse é o problema, eu acho que nem é as crianças, eu acho que nem é as crianças, eu acho que as crianças nem tem nada a ver, eu acho que é mais entre a gente mesmo”* (Suzana, 23)

Como expresso pela fala acima, apesar dos conflitos explicitados entre as mulheres envolvidas no contexto, a relação com os enteados apareceu de forma mais integrada indicando a possibilidade de um relacionamento satisfatório e que agrega elementos importantes para famílias recasadas. Além disso, também se fez presente o bom relacionamento entre os filhos de cada membro do casal, conforme se observa nos recortes seguintes.

*“Eles se dão bem, como irmãos porque eles se conhecem desde pequeninhos né, o filho meu nasceu no meio dos filhos dele, os dele eram maior, mas sempre conviveram que nem irmão. Hoje tão meio distanciado, porque cada um, elas tão casadas né, tem filho, ele tem uma companheira”* (Luana, 51)

*“Elas passam falando pra ele ‘pai, busca a Lilian, busca a Lilian pra brincar com nós’ (...). E elas, quando ela tava lá em casa a Lilian e as crianças, tu sabe que eu esquecia das duas, eu dizia ‘mas cadê as crianças dessa casa?’ eu ia lá ver elas tavam brincando no pátio, fazendo bolinho. E eu achei que as crianças, que as minhas filhas não iam se dar bem com ela (...) eu olhando as três parecia que elas se conheciam há anos, elas pareciam que já nasceram juntas. Não brigam por causa do pai delas, as vezes tava as três no colo dele, eu achava engraçado aquilo, não brigam ‘ah porque ele é teu pai, porque ele é nosso pai’ não, não brigam.” (Suzana, 23)*

Os relatos tendem a demonstrar que nos dois casos distintos – quando a mãe e a madrasta possuem um bom relacionamento, situação essa vivenciada por Luana, e quando elas possuem uma relação conflitiva, como Suzana e a mãe de seus enteados – foi possível que se estabelecesse um vínculo satisfatório entre os filhos desse novo casal. Esse parece ser um fator importante uma vez que se poderia esperar que a ligação afetiva não se estabelecesse em razão da possibilidade de tomarem para si a rivalidade que suas mães estavam vivenciando.

Esses dados corroboram a pesquisa realizada por Amaral e Dias (2011), a qual entrevistou filhos de famílias recasadas, quando também identificaram a presença de vínculos afetivos entre os irmãos políticos. Além disso, a fala anterior de Suzana, ao destacar que suas filhas consideravam seu companheiro como pai, parece ter levado as mesmas a identificarem a filha mais nova dele como irmã. Com relação a esse aspecto, Pereira e Arpini (2012) também observaram em um estudo, do qual participaram adolescentes que possuíam meios-irmãos e/ou irmãos políticos, que quando o padrasto era tido como pai, seus filhos, conseqüentemente, passavam a ser reconhecidos como irmãos. Nesse sentido, pode-se afirmar que o tempo de convívio e a construção de uma história em comum contribuirá para a relações desses novos irmãos (Valentim de Souza & Dias, 2014).

## 2.2 A pensão como fonte de tensão

O dinheiro foi observado como sendo um atravessamento que poderá gerar conflitos na dinâmica da família recasada. Conforme analisa Grisard Filho (2010), em função da grande complexidade dessas famílias e da multiplicação dos gastos, esse é um dos temas que pode suscitar embates nos novos lares. Esse dado parece ter se feito presente e ganhado essa significação uma vez que todos os enteados desse estudo não estavam residindo com o pai. Assim, todos os companheiros das entrevistadas realizavam o pagamento da pensão alimentícia.

*“porque ele dá a pensão e a gente vive apertado, sabe, e a mãe dela vive incomodando. (...) ‘então eu vou querer um aumento de pensão (...)’ e eu disse ‘ta Bruna, quanto que tu quer?’ ‘250’, aí (...) eu disse ‘não temos condições, quem sabe ano que vem eu trabalhe e ajude a pagar a pensão’, falei pra ela né, aí ela disse ‘tá, tudo bem, eu vou aceitar então’ (...). Desliguei o telefone e fui conversar com o meu marido eu disse ‘Rodrigo eu não aguento mais, nós temos que dar um ponto final nisso, porque senão ela vai viver a vida inteira, até a Fernanda tiver 18 anos, essa manipulação’” (Camila, 21)*

A fala de Camila parece ilustrar o seu entendimento acerca do uso da pensão, por parte da mãe de sua enteada, como forma de interferir a relação do novo casal. Destaca-se o fato de que nesse caso, a participante tenta intermediar a relação entre seu marido e a ex-esposa dele, o que pode ter potencializado o conflito em razão da dificuldade de diálogo existente entre o ex-casal.

Esses dados corroboram os achados de Cartwright e Gibson (2013), que identificaram em seu estudo que a presença de exigências do ex-companheiro em relação ao dinheiro foi um dos estressores para o casal da família recasada. Com relação à madrasta, Brun (2010) também aponta para o fato de que é possível que ela sinta seu casamento sendo invadido pela presença

da “ex”, quando se instala a necessidade de acordos sobre os interesses dos filhos e as questões financeiras do ex-casal. Essa questão parece ficar evidente no relato de Camila quando ela diz para seu marido: *“Rodrigo eu não aguento mais, nós temos que dar um ponto final nisso”*.

Além disso, o dinheiro pode ter assumido contornos de potencializador de conflitos em razão da população aqui investigada, a qual é usuária de um serviço que atende pessoas com renda de até três salários mínimos. Em função disso se poderia pensar que nesse contexto o pagamento da pensão alimentícia ganha importância pelas dificuldades financeiras já vivenciadas por essas famílias.

*“Então de uns meses pra cá a nossa vida tá se tornando assim oh, sabe, que eu faço as coisas por ele, eu tento ajudar ele, porque o que ele ganha eu sei que não dá, e o que ela quer, que nós tivemos aqui é esses atrasados, é esses 40 por cento, é esses atrasado de pensão e o que ele ganha não dá. (...) daí ele já tava no NPS, (...) janeiro, ele foi pra receber e pegou 35 só, 35 reais do pagamento dele. Eu digo ‘Ivan, o que tu vai fazer com esses 35?’ ‘Pois é né, só a mulher levou todo o meu dinheiro’ e eu falei ‘e agora meu Deus (...) Eu não to trabalhando’”*. (Amélia, 53)

A declaração de Amélia ilustra os desafios que se apresentam para sua família em virtude do desconto referente à pensão alimentícia de seus enteados. Essa questão também se fez presente na fala de Carmen, quando declara que seu marido *“trabalha praticamente pra pagar a pensão”* (Carmen, 29). Além disso, o número de filhos dos companheiros de Carmen e Amélia, também ser outro aspecto que potencialize as dificuldades financeiras dessas famílias (ver Figura 17 e Figura 20).

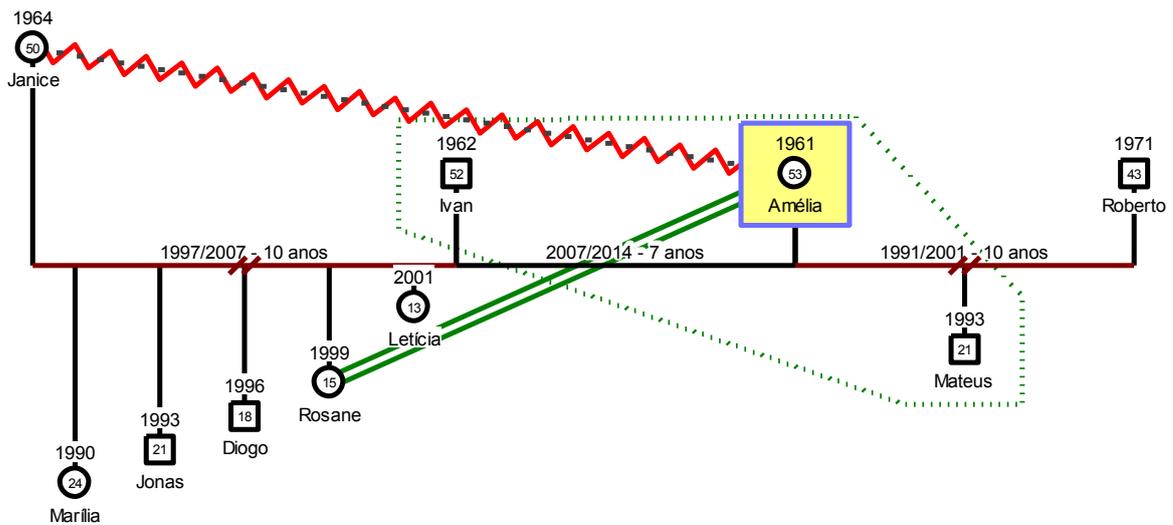


Figura 20: Genograma da família da participante Amélia.

Apesar disso, Church (2005) verificou que madrastas de classe média também identificaram no dinheiro um dos focos de conflito. De acordo com a autora mesmo que a nova mulher compreenda e apoie a decisão do marido em garantir o bem estar e conforto dos filhos, não raro são os casos em que ela criticará a forma como a mãe faz uso desses recursos.

*“eu falei pra ele, ‘chega de só a gente buscar, só a gente gastar, uma vez ela traz, nas férias de julho ela traz e busca e nas férias de dezembro a gente pega e busca, (...) a gente dá os 250 e eu trabalho e te ajudo a pagar a pensão’ eu falei pra ele e ele não quer, ele diz ‘não, a filha é minha, não quero ajuda’ eu disse ‘não, eu tenho que te ajudar, senão a gente vai passar necessidade’ né. Então eu não vô querer vê o meu filho passando necessidade por causa de um capricho da mãe da Fernanda, não pela Fernanda, mas por causa da mãe dela.” (Camila, 21)*

A fala de Camila ilustra a crítica que ela dirige a mãe de sua enteada, ao mencionar que apenas eles despendem de dinheiro para que a Fernanda possa visitá-los e também pelo fato de entender essa postura da mãe como sendo um “capricho”. Conforme sinaliza Church (2005), é comum que a nova mulher acredite que a ex-esposa use do dinheiro em benefício próprio, deixando de gastar nas necessidades do filho, como exemplificado pela entrevistada quando diz que ela não auxilia nos gastos para que sua filha realize as viagens.

Destaca-se, apesar disso, o intuito da participante em futuramente auxiliar seu companheiro no pagamento da pensão, para que a família consiga ter melhores condições financeiras. Observa-se que Camila, assim como outras participantes (Luana, Carla, Suzana e Amélia), não estavam exercendo nenhuma atividade remunerada. Nesse sentido, esse dado parece revelar que os papéis tradicionais do homem como o provedor e da mulher como a cuidadora do lar, ainda se mantêm em alguns contextos, conforme também sinalizam outros autores (Brun, 2010; Costa & Dias, 2012; Cúnico & Arpini, 2013; Valentim de Souza & Dias, 2014).

Outro aspecto relacionado ao dinheiro e aos papéis na família é trazido pela participante Suzana quando relata sobre uma experiência conjugal anterior, na qual ela também era madrasta. Identifica-se em sua fala a função exercida pelo seu companheiro, a qual precisa ser compartilhada entre os dois lares.

*“então era assim óh...toda a hora ligava ‘pai eu quero cem’, ‘pai eu quero duzentos’, ‘pai eu quero tal coisa’, aí umas gurias com 16, 17, 18 anos, 23 anos, depois 24 anos e ele sempre sustentando. Só que aí tu abria o face e tu via as fotos das bailadas, tomando cerveja, aproveitando a noite, e eu dizia ‘puxa, é pai, mas é meu marido também’ ele tava trabalhando, suando, pra tá bancando essas coisas assim.” (Suzana, 23)*

É possível identificar o descontentamento da participante em relação ao suposto abuso de suas enteadas. O desagrado expresso por ela parece se dar especialmente em função de identificar seu cônjuge mais como pai do que como seu companheiro. Brun (2010) destaca que não é incomum esses sentimentos de ciúmes da nova esposa quando observa a preocupação do marido com os filhos do antigo casamento. Apesar disso, é imprescindível que a nova mulher compreenda que a relação de parentalidade, a qual envolve o vínculo afetivo e sustento financeiro, deve ser mantida mesmo após o fim do matrimônio.

De acordo com Grisard Filho (2010), será necessário que o novo casal busque o diálogo e, com isso, encontre formas criativas para ultrapassar os desafios impostos por essa configuração familiar, especialmente com relação ao manejo do dinheiro. De acordo com o autor a manutenção do conflito sobre as finanças poderá encaminhar o casal para uma nova separação. Diante disso se observa a importância de tratar sobre esse tema que ainda é tabu mesmo nas famílias intactas (Brun, 2010; Grisard Filho, 2010).

### **Considerações finais**

Os resultados apresentados revelaram a rapidez com que os homens deram início a um novo casamento após o rompimento anterior. Em contrapartida, as mulheres entrevistadas, que haviam tido uma experiência conjugal, acabaram demorando mais tempo para se casar novamente, concordando com estudos anteriores.

Vinculada a essa rapidez no estabelecimento de uma nova relação, um dos entraves que se fez presente foi a figura da mãe, a qual assumiu o ponto central de conflito com a atual esposa. Os relatos revelaram que a ex-companheira poderá alimentar uma tensão que tenha como foco de disputa o ex-marido ou os filhos.

Destacou-se também que da fase inicial da nova relação até a coabitação se passou pouco tempo. Nesse sentido, entende-se que as novas esposas podem estar minimizando as dificuldades que decorrerão de um casamento em que seu companheiro possui filhos de uma relação passada. Apesar disso, deve-se enfatizar que não foram relatados problemas conjugais específicos.

O dinheiro, e mais especificamente a pensão alimentícia, foi visto como um potencializador de conflitos e uma dificuldade a ser ultrapassada para a manutenção dessas relações. Diante disso, torna-se relevante que serviços que atendam famílias, em suas mais

diversas configurações, busquem fomentar o diálogo entre o casal para que eles consigam compreender, desde cedo, as dificuldades que podem se apresentar.

Pontua-se que esse estudo não buscou estigmatizar as famílias recasadas como portadoras de problemas ou que essas não poderão superá-los. Entende-se que esses conflitos não devem ser compreendidos como definitivos, mas como o meio através do qual a nova família irá se construir. O que existe é uma maior complexidade nas relações o que demandará maior flexibilidade para que todos os membros encontrem satisfação dentro desse arranjo familiar.

Deve-se enfatizar que os resultados aqui apresentados dizem respeito à concepção da madrasta no contexto da família recasada. Em razão disso, é possível que os outros membros não compartilhem do entendimento e da experiência vivenciada por essas mulheres. Nesse sentido, torna-se relevante outros estudos que busquem compreender a visão dos demais membros da família, para que os profissionais possam ajudá-los a superar os conflitos e entraves que poderão surgir na construção dessa nova família.

### Referências

Amaral, D. H. & Dias, C. M. S. B. (2011). O subsistema fraterno na família recasada.

*Aletheia* 34, 123-137.

Bernstein, A. C. (2002). Recasamento – Redesenhando o casamento. In P. Papp. (Org.)

*Casais em perigo: novas diretrizes para terapeutas* (pp. 295-322). (Burguño, D. A. E.,

Trad.). Porto Alegre: Armed.

Brun, G. (2010) *Os meus, os teus, os nossos: lidando com os desafios da família moderna*. 2ª

ed. São Paulo: Larousse do Brasil.

- Cartwright, C. & Gibson, K. (2013). The effects of co-parenting relationships with ex-spouses on couples in step-families. *Family Matters* 92, 18-28.
- Claro, C. B., Kirby, M. R. & Muller, N. M. (1993). Redes temáticas para el trabajo educativo com familias simultáneas. *Psyche* 2 (1), 43-51.
- Corso, D. L. & Corso, M. (2011). *A psicanálise na Terra do Nunca: ensaios sobre a fantasia*. Porto Alegre: Penso.
- Costa, J. M., & Dias, C. M. S. D. (2012). Famílias recasadas: mudanças, desafios e potencialidades. *Psicologia: teoria e prática* 14 (3), 72-87.
- Cúnico, S. D., & Arpini, D. M. (2013). A família em mudanças: desafios para a paternidade contemporânea. *Pensando familias*, 17(1), 28-40.
- Cúnico, S. D., Mozzaquatro, C. O., Arpini, D. M. & Silva, M. L. (2010) Vivências de um serviço de psicologia junto a um núcleo de assistência judiciária. *Aletheia* 33 (2), 166-176.
- Church, E. (2005) *Uma estranha no ninho: os desafios de quem se casa com quem já tem filhos*. [Título original: Understanding stepmothers] São Paulo: Globo.
- Féres-Carneiro, T. (1998) Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 11, 379-394. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>
- Gomes, I. C. (2009). Promovendo saúde nas famílias reconstituídas. *Mudanças psicologia da saúde*, 17 (2), 67-72.
- Gomes, R. (2012). Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade* (pp.79-108). Petrópolis, RJ: Vozes.

- Grisard Filho, W. (2010). *Famílias reconstituídas: novas uniões depois da separação*. 2 ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.
- Guimarães, N. V. O., & Amaral, A. C. (2008). Famílias com filhos de casamentos anteriores. In L. C., Osorio, & M. E. P. Valle (Orgs.), *Manual de Terapia Familiar* (pp. 271-285). São Paulo: Artmed, 2008.
- Hack, S. M. P. K., & Ramires, V. R. R. (2010). Adolescência e divórcio parental: continuidades e rupturas dos relacionamentos. *Psic. Clin.*, 22 (1) 85-97.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011). *Separações judiciais*. Recuperado de [http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/lista\\_tema.aspx?op=0&de=99&no=10](http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/lista_tema.aspx?op=0&de=99&no=10)
- Lobo, C. (2009). Parentalidade social, fratrias e relações intergeracionais nas recomposições familiares. *Sociologia, problemas e práticas* 59, 45-74.
- Marcondes, G. S. (2008). *Refazendo famílias: trajetórias familiares de homens recasados*. (Tese de doutorado em demografia). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas.
- McGoldrick, M., & Gerson, R. (1995). Genetogramas e o ciclo de vida familiar. In: B. Carter, & M. McGoldrick (Orgs.). *As mudanças do ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia de família* (pp.145-166). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minayo, M. C. S. (2013). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 13. ed. São Paulo: Hucitec.
- Osorio, L. C., & Valle, M. E. P. (2008). Casais recasados. In L. C., Osorio, & M. E. P. Valle (Orgs.), *Manual de Terapia Familiar* (pp. 423-430). São Paulo: Artmed.
- Pereira, C. R. R. & Arpini, D. M. (2012) Os irmãos nas novas configurações familiares. *Psicologia argumento* 30 (69), 275-285.

- Ribeiro, R. M. F. (2005). *Adoção emocional em famílias de recasamento: um estudo sobre a construção das relações afetivas entre padrastos/madrastas e seus enteados*. (Dissertação de mestrado em Psicossociologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares de Comunidade e Ecologia Social, Rio de Janeiro.
- Ripoll-Nuñez, K., Arrieta, K. M., & Gallo, A. M. G. (2013). Decisiones sobre crianza de los hijos en familias reconstituidas. *Revista Colombiana de Psicología* 22 (1), 163-177.
- Silva, P. O. M., Trindade, Z. A., & Silva Junior, A. (2012). As representações sociais de conjugalidade entre casais recasados. *Estudos de Psicologia* 17 (3), 435-443.
- Soares, L. C. E. C. (2009). *“No Fogo Cruzado”: Desafios e Vivências de Pais e Mães Recasados*. (Dissertação de mestrado em Psicologia Social). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Soares, L. C. E. C. (2012). “No fogo cruzado”: pais e mães recasados entre seu(s) filho(s) e seu atual cônjuge. In L. M. T. Brito (Org.). *Escuta de crianças e de adolescentes: reflexões, sentidos e prática*. Rio de Janeiro: ED/UERJ, 2012. p. 155-176.
- Turato, E. (2003) *Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Valentim de Sousa, D. H. A., & Dias, C. M. S. B. (2014). Recasamento: percepções e vivências dos filhos do primeiro casamento. *Estudos de Psicologia* 31 (2), 191-201. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-166X2014000200005>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia apresentada por essa pesquisa revela a complexidade da temática família no contexto atual. Os novos membros que se apresentam a partir do novo casamento dos pais, em especial a madrasta, ganham outros contornos, lugares e funções na família contemporânea.

Os resultados revelam que a nova esposa do pai se distancia da madrasta concebida pelos contos infantis. Atualmente ela parece estar mais próxima à fada madrinha, auxiliando, amparando e apoiando seus enteados, aspecto que se fez presente em diversas situações relatadas pelas participantes. Nesse sentido, buscam se afastar do rótulo negativo que a nomenclatura madrasta carrega.

Apesar da presença dos enteados reafirmar o passado conjugal de seu companheiro, a nova esposa parece não tentar excluir a mãe, buscando encontrar seu espaço sem anular ou ser a substituta dessa. Essa postura assumida pela madrasta contemporânea revela o aspecto central que a diferencia da madrasta ilustrada nas histórias infantis, uma vez que ela entra em cena, apesar da mãe manter o protagonismo.

Em função desse papel principal exercido pela mãe (o qual pode ser constatado pela destinação da maioria das guardas de filhos ser materna), essa pode se sentir ameaçada com a chegada da nova mulher. Nesse sentido, os conflitos que se apresentam nessa configuração familiar estão principalmente vinculados a essas duas mulheres. Destaca-se assim que os embates, que eram apresentados nos contos como sendo entre a madrasta e seus enteados, atualmente parecem ter sido transferidos para a relação entre a ex e a atual esposa.

O pai, figura pouco destacada nos contos tradicionais, parece não ter se apresentado de maneira diferente. Apesar das participantes terem relatado que seus companheiros não se afastaram dos filhos, foi possível perceber que em algumas situações foram as próprias madrastas que incentivaram a manutenção desses vínculos. Esse aspecto tende a revelar que em algumas famílias ainda se preserva as funções tradicionais da mulher como cuidadora e do homem como o principal provedor. No entanto, observa-se que é possível o recasamento sem a exclusão dos filhos nascidos das relações anteriores.

Diante desse entrecruzamento de vínculos e relações que se estabelecem com o recasamento, identificou-se a necessidade dos membros compreenderem que a reorganização, a flexibilidade e a paciência serão necessárias para a construção dessa nova família. Essa questão revela a importância da contribuição dos profissionais da psicologia, sobretudo daqueles que atuam em questões de família, seja na área jurídica ou em políticas públicas vinculadas a área da saúde e assistência. Essas ações poderiam incluir atividades diversas,

envolvendo grupos com membros de famílias recasadas, oficinas ou acompanhamento a estas novas composições familiares. Com isso, os desafios encontrados no cotidiano poderiam ser partilhados, assim como as soluções criativas, que são indispensáveis para a superação das possíveis dificuldades que serão enfrentadas.

Deve-se apontar que o intuito desse estudo não foi generalizar os resultados aqui apontados, mas apresentar de forma mais aprofundada a experiência dessas mulheres participantes da pesquisa, as quais pertencem a um contexto específico. Nesse sentido, é possível que outras vivências possam ser conhecidas a partir de estudos com outros grupos sociais ou com demais membros da família recasada.

Destaca-se que esse estudo alcançou seus objetivos, possibilitando apreender a realidade das novas companheiras do pai em famílias recasadas no cenário atual. Além disso, muitos dos resultados foram ao encontro do que a literatura já sinalizava. Por fim, entende-se que os achados aqui descritos poderão contribuir para a ampliação do conhecimento a respeito de como se dão as relações nessa configuração familiar, especialmente no contexto nacional, o qual ainda carece de pesquisas envolvendo diferentes arranjos familiares.

## REFERÊNCIAS

ALVES, A. P. **Reflexões sobre a guarda compartilhada: o olhar de pais que a vivenciam**. 2012. 58 f. Trabalho de conclusão de curso, Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, 2012.

ALVES, A. P.; ARPINI, D. M.; CÚNICO, S. D. O exercício dos papéis parentais na guarda compartilhada. **Psicologia Argumento** v.32 n.79, p. 61-70, 2014.

ARAÚJO, M. F. Família, modernização capitalista e democracia: retomando alguns marcos do antigo debate sobre as transformações da família no Brasil. **Tempo e argumento** v.3 n.1, p. 180-198, 2011.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2a ed. (D. Flaksman, Trad.). Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: O mito do amor materno** (W. Dutra, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BERNSTEIN, A. C. Recasamento – Redesenhando o casamento. In: PAPP, P. (Org.) **Casais em perigo: novas diretrizes para terapeutas**. (Burguño, D. A. E., Trad.). Porto Alegre: Arned, 2002. p. 295-322.

BÖING, E.; CREPALDI, M. A.; MORÉ, C. L. O. O. Pesquisa com famílias: aspectos teóricos metodológicos. **Paidéia** v.18 n. 40, p. 251-266, 2008.

BRANDÃO, E. P. A interlocução com o direito à luz das práticas psicológicas em varas de família. In: BRANDÃO, E. P.; GONÇALVES, H. S. (Orgs.) **Psicologia Jurídica no Brasil**. Rio de Janeiro: NAU, 2005. p. 51-97.

BRASIL. Antiga Lei do Divórcio e da Separação Judicial – Lei 6515/77 | Lei nº 6.515, de 26 de dezembro de 1977. Disponível em:<<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/103444/antiga-lei-do-divorcio-e-da-separacao-judicial-lei-6515-77#art10>>. Acesso em: 10 jul. de 2013.

\_\_\_\_\_. Lei n.11.924 de 17 de abril de 2009. Altera o art. 57 da Lei nº 6.015. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 17 abr. 2009. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11924.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11924.htm)>. Acesso em: 12 set. de 2013.

BRITO, L. M. T. Rupturas familiares: olhares da psicologia jurídica. In: Arpini, D. M.; Cúnico, S. D. (Orgs.) **Novos olhares sobre a família: aspectos psicológicos, sociais e jurídicos**. Curitiba: Crv, 2014. p. 11-26.

BRITO, L. M. T.; PEÇANHA, R. F. Separação conjugal e relações familiares: debates recentes. **Interações**. v. XII, n.22, p. 87-104, 2006.

BRUN, G. **Os meus, os teus, os nossos: lidando com os desafios da família moderna**. 2ª ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2010

CANO, D. S. et al. As transições familiares do divórcio ao recasamento no contexto brasileiro. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, n. 22, v. 2, p. 214-222, 2009.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução 016/2000**. Disponível em <[http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/resolucao2000\\_16.pdf](http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/resolucao2000_16.pdf)> Acesso em 13 de maio de 2013.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução do Conselho Nacional de Saúde 466/12**. Disponível em <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>> Acesso em 12 de junho de 2013.

CARDOSO, A. R. A escola diante da família pós-divórcio. In: BRITO, L. M. T. (org.), **Famílias e Separações: Perspectivas da Psicologia Jurídica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 39-79.

CARRASCO, L. A utilização do genograma em estudos de família. In: WAGNER, A. (Coord) **Como se perpetua a família? a transmissão dos modelos familiares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 151-163.

CARTWRIGHT, C.; GIBSON, K. The effects of co-parenting relationships with ex-spouses on couples in step-families. **Family Matters**, v. 92, p. 18-28, 2013.

CHURCH, E. (2005) **Uma estranha no ninho: os desafios de quem se casa com quem já tem filhos**. [Título original: Understanding stepmothers] São Paulo: Globo, 2005.

CLARO, C. B.; KIRBY, M. R.; MULLER, N. M. Redes temáticas para el trabajo educativo com familias simultáneas. **Psyke** v. 2 n.1. p. 43-51, 1993.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **A psicanálise na Terra do Nunca**: ensaios sobre a fantasia. Porto Alegre: Penso, 2011.

COSTA, J. M.; DIAS, C. M. S. D. Famílias recasadas: mudanças, desafios e potencialidades. **Psicologia: teoria e prática** v.14 n.3, p. 72-87, 2012.

CÚNICO, S. D. et al. Vivências de um serviço de psicologia junto a um núcleo de assistência judiciária. **Aletheia**, v. 33, n. 2, 166-176, 2010.

CÚNICO, S. D.; ARPINI, D. M. Não basta gerar, tem que participar? Um estudo sobre a ausência paterna. **Psicologia: Ciência e Profissão** v.34 n.1. p. 226-241, 2014.

DANTAS, C. R. T. **O exercício da paternidade após a separação: um estudo sobre a construção e a manutenção do vínculo afetivo entre pais e filhos na família contemporânea**. 2003. 119 f. Dissertação (mestrado em psicologia), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

DANTAS, C.; JABLONSKI, B.; FÉRES-CARNEIRO, T. (2004). Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. **Paidéia** v.14, p. 347-357, 2004.

DIAS, M. B. **Manual de Direito das Famílias**. 4ª ed. Atual. e ampl. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2007.

DOLTO, F. **Quando os pais se separam**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FALCKE, D. Mães e madrastas – Quem são estas personagens? In: WAGNER, A. (Coord.) **Família em Cena**: tramas, dramas e transformações. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 77-92.

FALCKE, D.; WAGNER, A. Mães e madrastas: mitos sociais e autoconceito. **Estudos de psicologia** v. 5, n. 2, p. 421-441, 2000.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia Reflexão e Crítica** v.11, p. 379-394, 1998

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 64-89.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas** v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In MINAYO, M. C. S. (Org.), **Pesquisa Social** – Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 79-108.

GRISARD FILHO, W. **Guarda Compartilhada**: um novo modelo de responsabilidade parental (4a ed., atual. e ampl). São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2009.

\_\_\_\_\_. **Famílias reconstituídas**: novas uniões depois da separação (2.ed. rev. e atual). São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2010.

GUIMARÃES, N. V. O.; AMARAL, A. C. Famílias com filhos de casamentos anteriores. In OSORIO, L. C.; do VALLE, M. E. P (Orgs.), **Manual de Terapia Familiar**. São Paulo: Artmed, 2008. p. 271-285.

HACK, S. M. P. K.; RAMIRES, V. R. R. Adolescência e divórcio parental: continuidades e rupturas dos relacionamentos. **Psic. Clin.** v. 22, n.1, p. 85-97, 2010.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Separações judiciais**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. Casamento por estado civil. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 set. 2013.

JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe**: A crise do casamento contemporâneo. Rio de Janeiro: Agir, 1991.

JACQUET, C.; FIALHO, L. C. As práticas educativas nas famílias recompostas: notas preliminares. **Sociedade e cultura** v.7, n. 2, p. 179-189, 2004.

KEHL, M. R. Em defesa da família tentacular. In: GROENINGA, G. C.; PEREIRA, R. C. (Orgs). Direito de família e psicanálise: rumo a uma nova epistemologia. Rio de Janeiro: Imago, 2003. p. 163-176.

LOBO, C. Parentalidade social, fratrias e relações intergeracionais nas recomposições familiares. **Sociologia, problemas e práticas**, n. 59, p. 45-74, 2009.

MALDONADO, M. T. **Casamento**: Término e reconstrução. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

MCGOLDRICK, M.; CARTER, B. Construindo uma família recasada. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (Orgs.). **As mudanças do ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia de família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 344-369.

MCGOLDRICK, M.; GERSON, R. Genetogramas e o ciclo de vida familiar. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (Orgs.). **As mudanças do ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia de família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 145-166.  
OSORIO, L. C.; do VALLE, M. E. P. Casais recasados. In OSORIO, L. C.; do VALLE, M. E. P (Orgs.), **Manual de Terapia Familiar**. São Paulo: Artmed, 2008. p.423-430.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2008. (Obra original publicada em 1990).

PEREIRA, C. R. R.; ARPINI, D. M. Os irmãos nas novas configurações familiares. **Psicologia argumento** v. 30, n. 69, p. 275-285, 2012.

PEREIRA, R. C. **Divórcio**: teoria e prática. Rio de Janeiro: GZ, 2011

PÉREZ, E. J. C.; JARAMILLO, T. A. Mi hijo e sus hermanos: la experiencia de primera maternidad al interior de familias simultaneas chilenas. **Universitas Psychologica** v. 10, n.2, p. 381-398, 2011.

PLACIER, F. C.; VELASCO, C. L. M. Familia simultánea (una perspectiva diferente de familia mixta o reconstituída). **Revista Chilena de psicología**. Santiago do Chile, 1989, v.10 n. 1. p. 7-12, 1989.

REIS, E. F. **Varas de Família**: Um encontro entre Psicologia e Direito. Curitiba: Juruá Editora, 2010.

RIBEIRO, R. M. F. **Adoção emocional em famílias de recasamento: um estudo sobre a construção das relações afetivas entre padrastos/madrastas e seus enteados** 2005. 111 f. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro,

Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares de Comunidade e Ecologia Social, 2005.

RIVAS, A. M. (2012). El ejercicio de la parentalidad en las familias reconstituídas. **Portularia** v.12, n.2, p. 29-4, 2012.

RIPOLL-NUÑEZ, K.; ARRIETA, K. M.; GALLO, A. M. G. Decisiones sobre crianza de los hijos en familias reconstituídas. **Revista Colombiana de Psicología**, v. 22, n.1, p. 163-177, 2013.

SILVA, P. O. M.; TRINDADE, Z. A.; SILVA JUNIOR, A. As representações sociais de conjugalidade entre casais recasados. **Estudos de Psicologia**, v. 17, n.3, p. 435-443, 2012.

SOARES, L. C. E. C. A família com padrasto e/ou madrasta: um panorama. In: BRITO, L. M. T. (Org.). **Famílias e Separações: Perspectivas da Psicologia Jurídica**. Rio de Janeiro: ED/UERJ, 2008. p. 81-112.

SOUZA, R. M. Depois que papai e mamãe se separaram: um relato dos filhos. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v.16 n.3. p. 203-211, 2000.

\_\_\_\_\_. Reflexión. Ser padre, ser madre, ser padrasto, ser madrasta: aspectos psicológicos y jurídicos. **Anuário de psicologia jurídica**, v. 21. p. 125-130, 2011

\_\_\_\_\_. “No fogo cruzado”: pais e mães recasados entre seu(s) filho(s) e seu atual cônjuge. In: BRITO, L. M. T. (Org.). **Escuta de crianças e de adolescentes: reflexões, sentidos e prática**. Rio de Janeiro: ED/UERJ, 2012. p. 155-176.

TURATO, E. **Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Pró-Reitoria de Pós-Graduação e pesquisa. **Estrutura e apresentação de monografias, dissertações e teses**: MDT. 8ª. ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2012.

VALENTIM DE SOUSA, D. H. A.; DIAS, C. M. S. B. Recasamento: percepções e vivências dos filhos do primeiro casamento. **Estudos de Psicologia** v.31 n.2. p. 191-201, 2014.

WAGNER, A. Possibilidades e potencialidades da família – A construção de novos arranjos a partir do recasamento. In: WAGNER, A. (Coord.) **Família em Cena**: tramas, dramas e transformações. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 23- 28.

WAGNER, A.; FÉRES-CARNEIRO, T. O recasamento e a representação gráfica da família. **Temas em psicologia** v. 8, n. 1, p. 11-19, 2000.

## **APÊNDICES**

## Apêndice A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Dorian Mônica Arpini

ENDEREÇO: Rua Floriano Peixoto, 1750, 3º andar. Telefone: (55) 3220-9231.

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

#### Projeto “Novas madrastas? A experiência de mulheres diante das novas configurações familiares”

Estamos realizando uma pesquisa que tem por objetivo conhecer, através do discurso de mulheres, como são suas experiências diante das novas configurações familiares. Participarão deste estudo mulheres que tenham sido usuárias do serviço do Núcleo de Práticas Jurídicas A percepção dos participantes acerca da temática apresentada será coletada a partir da realização de entrevistas semidirigidas. As entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas para análise do material. As identidades das participantes serão mantidas em sigilo e as informações serão utilizadas para fins de pesquisa, sem identificação do nome das participantes.

As participantes poderão solicitar esclarecimentos sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa, podendo interromper sua participação a qualquer momento, sem que isto lhe traga prejuízo. Considerando a técnica a ser utilizada para a realização desta pesquisa, bem como o fato de que esta não tem por objetivo testar nem experimentar nenhum procedimento novo, julga-se, portanto, a existência de riscos mínimos para as participantes. Contudo, caso sejam identificadas situações, durante a realização das entrevistas, de desconforto psicológico, a pesquisadora responsabilizar-se-á por avaliar a situação e, se houver necessidade de atendimento psicológico, fará o encaminhamento da participante. Os benefícios para os participantes poderão decorrer da disponibilidade de escuta oferecida pela pesquisadora e pela reflexão oportunizada no momento da realização das entrevistas. Todo material desta pesquisa será mantido em sigilo no Departamento de Psicologia da UFSM, sendo destruído após cinco anos da realização das entrevistas.

Agradecemos a colaboração dos participantes na realização desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais com a pesquisadora-orientadora do projeto, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Dorian Mônica Arpini, que pode ser contatada pelo telefone: (55) 3220-9231, e a pesquisadora Amanda Pansard Alves pelo fone (55) 9644-0409. Os contatos do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM são: Av. Roraima, 1000 – Prédio da Reitoria – 7º andar – sala 702 – Camobi – Santa Maria – telefone (55) 3220-9362.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Participante

---

Responsável do Projeto

**Apêndice B: Termo de confidencialidade**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
**TERMO DE CONFIDENCIALIDADE**

**Título do projeto:** Novas madrastas? A experiência de mulheres diante das novas configurações familiares

**Pesquisador responsável:** Dorian Mônica Arpini

**Instituição/Departamento:** UFSM/Psicologia

**Telefone para contato:** 3028 0936

**Local da coleta de dados:** Núcleo de Assistência Judiciária da UFSM

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade dos participantes cujos dados serão coletados através de entrevistas gravadas realizadas no Núcleo de Assistência Judiciária da UFSM. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas no Departamento de Psicologia, sala número 320 por um período de cinco anos sob a responsabilidade do Prof.(a) Pesquisador (a) Dorian Mônica Arpini. Após este período, os dados serão destruídos. Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM em ...../...../....., com o número do CAAE .....

Santa Maria, 15 de junho de 2013

Dorian Mônica Arpini

Professora Associada do Departamento de Psicologia da UFSM

Amanda Pansard Alves

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSM

## Apêndice C: Termo de autorização institucional



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**

Pela presente autorização, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente Projeto de Pesquisa intitulado: “Novas madrastas? A experiência de mulheres diante das novas configurações familiares”

Dessa forma, autorizo a realização da pesquisa, no Núcleo de Assistência Judiciária da UFSM, bem como, autorizo a utilização dos dados coletados para apresentações em eventos acadêmicos e/ou publicações em artigos e revistas científicas, desde que preservadas de todas as formas as identidades das pessoas envolvidas.

Entendo que o Departamento de Psicologia da UFSM manterá em sigilo a identidade dos participantes, sendo que os dados coletados serão arquivados na referida instituição, sob responsabilidade da pesquisadora-orientadora do projeto, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Dorian Mônica Arpini.

Santa Maria, junho de 2013.

---

Diretor do Núcleo de Assistência Judiciária

## Apêndice D: Ficha de coleta dos dados de identificação



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
**INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

Nome:

Idade:

Profissão:

Configuração familiar anterior à relação atual – (caso exista)

- Tempo da relação:
- Número de filhos e idade:
- Modalidade de guarda dos filhos (pensão e visitação):
- Tempo em que esteve separada:
- Idade do ex-companheiro:
- Profissão do ex-companheiro:

Configuração familiar anterior do companheiro

- Tempo da relação:
- Número de filhos e idade:
- Tempo em que esteve separado:
- Modalidade de guarda dos filhos do companheiro (pensão e visitação):
- Idade da ex-companheira:
- Profissão da ex-companheira:

Configuração familiar atual

- Tempo de relacionamento conjugal:
- Número de filhos e idade (desta relação):
- Idade do atual companheiro:
- Profissão do atual companheiro:
- Quem mora na casa:

### **Apêndice E: Eixos norteadores da entrevista semidirigida**

- Conte-me a história de vocês
- Experiência familiar atual
- Relação de madrasta/enteados
- Relação com a ex-companheira de seu cônjuge